AUGUSTO FERIN
Livreiro
Encadernador
Rua Nova do Almada
n.70 a 74 — Lisboa

474 54921

CURSO DE LITTERATURA NACIONAL

I

A LINGUA PORTUGUEZA

DO MESMO AUCTOR

Curso de Litteratura Nacional:

II. Noções de litteratura antiga e medieval, como introducção ao estudo da litteratura portugueza. (No prelo.)

III. Noções de litteratura portugueza.

CURSO DE LITTERATURA NACIONAL

PARA USO DOS LYCEUS CENTRAES

I

A LINGUA PORTUGUEZA

NOÇÕES DE GLOTTOLOGIA GERAL E ESPECIAL PORTUGUEZA

POR

F. ADOLPHO COELHO

PROFESSOR DE GLOTTOLOGIA NO CURSO SUPERIOR DE LETTRAS DE LISBOA

BIBLIOTHECA COLLEGII CAMPOLIDENSIS

PORTO

LIVRARIA UNIVERSAL

DE

MAGALHÃES & MONIZ — EDITORES

12 — LARGO DOS LOYOS — 12

PORTO — TYPOGRAPHIA ELZEVIRIANA, rua do Bomjardim, 190

PREFAÇÃO

O compendio que publicamos foi escripto com a intenção de acudir ás necessidades mais urgentes do nosso ensino no que respeita á historia da lingua materna e de dissipar um certo numero de opiniões erroneas que infelizmente ainda hoje se professam, por escripto ou verbalmente, com uma certa apparencia de auctoridade. Não pretendemos de modo algum fazer um livro em que todas ou pelo menos as principaes questões da lingua ficassem indicadas. Os glottologos notarão até muitas lacunas em o nosso livro, que intencionalmente não preenchemos. A parte relativa á

grammatica historica, por exemplo, está aqui reduzida a um minimo. Duas razões nos levaram a dar d'essa parte apenas algumas rapidas noções: primeiramente o caracter muito technico da grammatica historica; em segundo logar o prepararmos sobre a materia um desenvolvido volume a que os professores poderão recorrer para completar as indicações d'este livro, quando o julguem conveniente. Observaremos que sobre cada uma das secções do nosso livro publicámos ou tencionamos publicar trabalhos especiaes, cuja lista damos em parte na *Bibliographia*.

É facil de ver que não tivemos a intenção de fazer um livro para ser decorado pelos estudantes: os livros d'esse genero teem sido, segundo a nossa opinião, uma das calamidades do ensino. É mister que os estudantes adquiram a comprehensão dos principios aqui expostos, reflectindo sobre os factos em que elles se baseiam, e que d'esses factos fixem alguns na memoria depois de os terem examinados todos; é mister, em summa, que as leis e phenomenos das linguas, como os das litteraturas, sejam estudados convenientemente, e não se reduzam a um simples exercicio de

memoria ou sejam materia para banalidades palavrosas.

Esperamos da boa vontade dos professores de instrucção secundaria, a alguns dos quaes devemos instigação para escrevermos o nosso *Curso de litteratura nacional*, o mais poderoso auxilio para se realisar a reforma de um dos ramos mais atrazados do ensino dos lyceus.

De bons livros, de professores dedicados, capazes de se emanciparem da rotina, depende todo o futuro da instrucção publica. Regulamentos e programmas sem a realisação d'essas duas condições são apenas fogos-fatuos.

Lisboa, 1 de Outubro de 1881.

ERRATA

—

Pag. 6, lin. 22, lède: *p, b, f* em vez de *p, p, f.* — P. 20, lin. 29, l. *rumeno* em vez de *romanico.* — P. 48, lin. 11, l. *triticum* em vez de *titricum.* — P. 86, lin. 17, l. *nota-se, por exemplo,* depois de *hesitação;* lin. 18, l. *palavras;* l. 20, l. *mostram* em vez de *mostra.* — P. 93, falta a indicação de § 114 ao lado de lin. 7, § 115 ao lado de lin. 32. — P. 95, falta a indicação de § 116 ao lado de lin. 30.

SECÇÃO I

NOÇÕES GERAES

1. A philologia e a glottologia

Philologia propriamente dicta é o conjuncto 1
de conhecimentos que se referem á litteratura d'um ou mais povos e á lingua que serve de instrumento a essa litteratura, considerados principalmente como a mais completa manifestação do espirito d'esse povo ou d'esses povos.

É principalmente com relação ás linguas e litteraturas grega e latina que essa expressão tem sido empregada; mas hoje pode fallar-se com egual direito d'uma *philologia germanica*, tendo por objecto as linguas e litteraturas dos povos germanicos; d'uma *philologia romanica* ou *neo-latina*, tendo por objecto o estudo das linguas e litteraturas dos povos chamados neo-latinos. A *philologia* estuda os monumentos litterarios sob todos os pontos de vista; busca restituil-os a uma forma tão proxima quanto possivel d'aquella em que elles sairam das mãos dos seus auctores, e que as copias e impressões alteraram; explica todas as particularidades de linguagem, de estylo, as allusões historicas, as tradições, os mythos, os costumes que nos apparecem nesses monumentos; determina as influencias diversas que elles revelam, a genese das ideas,

o desenvolvimento dos typos litterarios, etc. O fim capital da philologia é estabelecer qual é o valor d'um monumento litterario, d'um lado sob o ponto de vista particular da historia do povo que o produziu, d'outro sob o ponto de vista geral humano.

O estudo da lingua, como a archeologia, a historia, a epigraphia, a mythologia, são para a philologia auxiliares, não fins; mas como o estudo das linguas, a archeologia, a historia, etc., não estavam constituidos ainda quando se começou o estudo das litteraturas, como os que se occuparam d'estas tiveram necessariamente de se occupar d'aquelles, comprehendeu-se sob o nome de philologia todos esses diversos ramos de conhecimentos.

A palavra *philologia* tem sido muitas vezes empregada especialmente para indicar o estudo das linguas, quando elle tem um fim que não é puramente pratico. Tal emprego não tem porém nada de definido. Convem dar á palavra sómente o sentido mais largo que lhe damos acima.

Por *philologia portugueza* deve pois entender-se o estudo dos monumentos litterarios da lingua portugueza sob todos os pontos de vista. Exemplifiquemos. O estudo philologico dos Cancioneiros da Ajuda, do Vaticano, Brancuti, que nos conservam composições dos poetas portuguezes do seculo XIII e XIV tem de comprehender principalmente as seguintes partes: 1) o estudo da lingua, sem o qual é impossivel comprehender essas composições, e que só se póde fazer bem com a comparação dos outros monumentos e documentos portuguezes do mesmo periodo, com a comparação do latim, das outras linguas neo-latinas, e ainda d'outras linguas de que havia elementos então no portuguez (1); 2) o estudo da metrica, que exige tambem uma base comparativa importante (formas metricas populares latinas e das outras linguas neo-latinas e especialmente das provençaes); 3) estudo das allusões historicas, etc.; 4) estudo dos auctores das composições, das particularidades biographicas que sobre elles podemos colher já nos cancioneiros já nos documentos diversos do mesmo periodo ou posterior; 5) estudo das relações dos cancioneiros com a poesia popular portugueza, com a poesia provençal, etc.; 6) historia dos manuscriptos; 7) determinação da authenticidade das composições, que poderiam ser attribuidas a auctores da epocha dos

(1) A palavra *ter* do Cancioneiro da Vaticana é celtica, como veremos.

Cancioneiros, sendo aliás obra de falsarios mais recentes; 8) restituição dos textos a uma forma tão proxima quanto possivel da original, tendo por base principalmente os factos da lingua e da metrica; 9) determinação do valor litterario e historico d'esses monumentos.

A *linguistica*, ou *glottica* ou *glottologia*, a que 2
tambem se chamou *philologia comparada*, é o estudo scientifico das linguas. A glottologia (empregaremos de preferencia esta denominação) não tem por fim o estudo pratico das linguas para as fallar ou escrever, nem o estudo das linguas como meio para o estudo das litteraturas: a glottologia estuda as linguas por ellas mesmas. Só ha philologia no dominio das linguas que servem de instrumento a litteraturas; qualquer dialecto barbaro que não possue o menor monumento litterario poderá ser objecto da glottologia. A glottologia é porém uma sciencia historica, como a philologia, e não uma sciencia natural. A linguagem não é um producto natural, mas sim um producto social, como o direito, a religião, a arte.

Os objectos principaes da glottologia são: 1) a grammatica historica ou comparativa; 2) o estudo das condições exteriores que reagem sobre as linguas; 3) a classificação das linguas.

2. Grammatica historica ou comparativa

Grammatica é a sciencia que estuda as leis 3
ou normas, segundo as quaes o pensamento se exprime pelas palavras; por *grammatica* póde tambem designar-se o objecto d'esse estudo; sob este ponto de vista todas as linguas teem grammatica, porque todas formam systemas sujeitos a leis.

A *grammatica* é *expositiva, descriptiva* ou *pratica,* quando se limita a expor as normas observadas no emprego d'uma lingua numa dada epocha, abstrahindo do estudo das suas transformações; é *historica* ou *comparativa,* quando estuda essas normas em differentes epochas d'uma lingua ou em differentes linguas, investigando que leis presidem ás suas alterações.

A grammatica comprehende a *phonologia,* a *morphologia,* a *syntaxe* e a *semiologia.*

4 a) Chama-se *phonologia* ou *phonetica* o estudo dos sons constitutivos das palavras e das suas transformações. A *phonetica* é *physiologica,* quando se limita a descrever os sons de uma ou mais linguas com relação ao modo da sua producção nos orgãos da voz; *historica,* quando estuda as leis que regem a suppressão ou a substituição d'esses sons por outros no curso da vida das linguas.

5 Chama-se *phonema* todo o som articulado, vogal ou consoante (segundo as antigas denominações).

São tres os factores d'um phonema: 1) uma corrente exspiratoria, cuja força variavel é regulada pelos musculos que produzem os movimentos respiratorios; 2) um obstaculo que encontra essa corrente e contra o qual se produz o som, parte na glotte, parte no canal buccal, parte em ambos ao mesmo tempo; 3) um espaço resonante em que o som produzido pelos factores 1 e 2 adquire o seu caracter especifico.

Os phonemas dividem-se em *sonoros* e *ruidos articulados.*

6 I. *Sonoros* são os phonemas formados na glotte pela vibração das cordas vocalicas, e

cujo caracter é determinado por a disposição particular do espaço resonante (canal buccal e tambem para algms sons as cavidades nasaes).

As sonoras dividem-se em

1) vogaes *(a, e, i, o, u,* etc.),
2) liquidas *(r, l),*
3) nasaes *(m, n).*

II. *Ruidos articulados* são os phonemas for- 7
mados pela corrente exspiratoria contra um obstaculo formado no canal buccal pelos labios, pelos labios e os dentes, pela lingua e o palato, pela lingua, o palato e os dentes. Esse obstaculo pode ser produzido por uma simples *aproximação* das partes indicadas ou por um *contacto completo.* O ponto em que se fórma o contacto chama-se *logar d'articulação.*

Os ruidos articulados podem ser produzidos com um unico obstaculo no canal buccal ou com um fechamento concomitante da glotte, isto é, com vibração das cordas vocalicas.

Em razão d'esses differentes processos de formação os ruidos articulados dividem-se em *explosivas* e *continuas,* e cada uma d'essas classes subdivide-se em *surdas* e *sonantes.*

1) *Explosivas* ou *momentaneas* são os phone- 8
mas produzidos por um contacto completo no canal buccal, que cessa instantaneamente com a producção do som; taes são os phonemas do portuguez *k, t, p, g, d, b.* As *explosivas* dividem-se em

a) surdas chamadas tambem *tenues* ou *fortes* (em portuguez *k, t, p),*
b) sonantes, chamadas tambem *medias* ou *brandas* (em portuguez *g, d, b).*

2) *Continuas, fricativas* ou *spirantes* são os phonemas formados no canal buccal por um estreitamento, por uma aproximação ou contacto imperfeito que permitte a prolongação indefinida d'esses sons. As *continuas* dividem-se em

a) surdas, chamadas tambem *fortes,* por exemplo, *f, s, ch,*
b) sonantes, chamadas tambem *fracas,* por exemplo, *v, z, j, i* em *maio, caio,* etc.

A differença essencial entre as surdas e as sonantes de qualquer das duas classes consiste em que as surdas são produzidas sem vibração das cordas vocalicas, as sonantes com vibração das cordas vocalicas.

9 Com relação ao logar d'articulação dividem-se os ruidos articulados em

gutturaes (k, g),
palataes (ch, j, s final, *i* em *maio,* etc., em portuguez),
cacuminaes (no sanskrito, etc.),
dentaes (t, d, s, z em portuguez),
labiaes (p, b, f, v em portuguez).

10 b) *Morphologia* é o estudo da estructura ou forma das palavras.

Os elementos morphologicos das palavras são:

1) as raizes, que exprimem a idea principal, elementos geralmente monosyllabicos;

2) os suffixos, prefixos ou infixos, elementos que seguem, precedem ou se incluem na raiz e que exprimem as ideas secundarias ou relações.

No latim *pa-ter,* pae, *pa* é a raiz significando proteger, guardar, levar a pastar, alimentar,

ter é um suffixo que indica o agente, o que faz a acção designada pela raiz; em *pa-tre-m*, o *m* indica a relação objectiva, isto é, que *pa-ter* se torna na preposição o objecto da acção indicada pelo verbo; em *pa-tre-s*, o *s* indica a relação de pluralidade e relação de sujeito ou objecto (o accusativo coincidindo na terceira declinação latina com o nominativo). Em *pascō*, temos a mesma raiz *pa* e o suffixo *-scŏ-(-scă-)* que em latim exprime que a acção começa e serve para formar um certo numero de formas do presente; o *ō* longo indica aqui a primeira pessoa e o presente do indicativo, parecendo estar por elementos mais complexos (talvez *pa-scō* por *pa-scō-m)*; em *pa-sci-s*, temos o mesmo *-sco-*, tendo o *o (a)* abrandado em *i;* o *s* é o elemento que indica a segunda pessoa. Em *pā-vi-mus*, temos a raiz *pa* com o *a* tornado longo; *vi* é o elemento que indica a relação do passado pelo formativo do preterito perfeito; *mus* o elemento que exprime a relação da primeira pessoa do plural, que se encontra tambem no presente *pa-sci-mus*, etc.

As raizes são pois os elementos irreductiveis 11
das palavras, a que chegamos separando todos os elementos que exprimem relações; mas o facto d'esses elementos serem hoje irreductiveis para a analyse não prova de modo algum que elles sejam os elementos simples primitivos das linguas. Se nas palavras portuguezas *cos-o, coser, cosido*, etc., separarmos os elementos de relação *o, er, ido* chegamos a uma raiz hypothetica *cos*, a que se póde attribuir a significação geral de unir, ligar, aproximar; mas nós sabemos que *coso* representa o latim *consuo*, em que o *n* e o *u* desappareceram; ora

em *con-su-o* ha duas palavras *con* preposição, e *su-o*, da raiz *su*, d'onde *su-tor*, etc.; *con* está por *cum*, e em *cum* distinguimos *cu*, thema pronominal, e *m* elemento formativo d'accusativo, pois essa preposição, como muitas outras, se originou d'um caso pronominal. Quanto mais antigas são as formas radicaes a que chegamos mais probabilidades offerecem de serem primitivas e simples; mas está fóra do alcance da sciencia demonstrar que o são, porque ignoramos que transformações padeceram as linguas antes dos periodos mais antigos de sua historia a que podemos remontar.

12 As raizes dividem-se em *nominaes* e *pronominaes*.

As raizes nominaes significam os phenomenos pelos quaes as coisas impressionam os nossos sentidos: reduzem-se emquanto á significação fundamental a um pequeno numero de classes exprimindo as qualidades de brilhante, soante, movente, pesado, agudo, forte, brando, que se estende, etc., com numerosas variantes de gráo. Alguns glottologos attribuem ás raizes uma significação verbal como ser brilhante, soar, etc., mas a verdade é que o sentido das raizes é intraduzivel por as nossas palavras que designam categorias grammaticaes definidas. Nas raizes de todas as palavras achar-se-hia uma significação geral da natureza indicada, se conseguissemos determinar a formação de todas as palavras.

No curso da vida das linguas a significação fundamental das raizes torna-se de cada vez mais obscura.

13 As raizes pronominaes dividem-se em demonstrativas e em pessoaes. As demonstrati-

vas indicam relações de posição no espaço e e por extenção no tempo, reduzindo-se ás noções fundamentaes de—*este* (que está perto de quem falla), *esse* (que está perto d'aquelle a quem se falla), *aquelle* (que está afastado do que falla e d'aquelle a quem se falla). As raizes pronominaes pessoaes designando as tres pessoas do discurso originaram-se talvez das demonstrativas; com relação á terceira pessoa demonstra-se isso perfeitamente por varios casos: assim o portuguez *elle* vem do demonstrativo latino *ille*.

Os suffixos, prefixos e infixos são consi- 14
derados como raizes nominaes ou pronominaes (pela maior parte pronominaes) que foram empregadas para determinar melhor a significação da raiz principal, para lhe juntar ideas secundarias, acabando por se reduzir a puros elementos de relação, com um valor abstracto.

Não se demonstrou ainda que todos os ele- 15
mentos de relação das linguas, ainda as mais profundamente estudadas, provenham de raizes pronominaes ou nominaes, mas como para alguns d'esses a demonstração d'essa origem foi dada com rigor, póde admittir-se que todos se originassem do mesmo modo.

O suffixo *mente,* que em portuguez serve para formar adverbios, é identico á palavra *mente*, significando intenção; em latim dizia-se *bonamente*, com boa intenção; a palavra ligou-se ao adjectivo e acabou por exprimir a relação geral de modo, maneira. Este exemplo póde dar uma idea, ainda que imperfeita, do processo da transformação de elementos de significação em elementos de relação.

c) A *syntaxe* tem por objecto o estudo das 16

condições que se observam na reunião das palavras em orações e das orações em periodos; é historica quando determina as modificações por que passam essas condições no curso da vida das linguas e as explica principalmente pelas modificações morphologicas e funccionaes das palavras.

17 d) A *semiologia* tem por objecto o estudo da funcção das palavras; não está ainda organisado systematicamente, sendo uma das partes da glottologia que offerece maiores difficuldades. Essa parte tem que determinar as leis geraes que presidem á transformação da significação das palavras.

3. Influencias exteriores que reagem sobre as linguas

18 O estudo das influencias exteriores que reagem sobre as linguas, a que podemos chamar *mesologia glottica*, tem que determinar até que ponto as differenças originaes ou differenças adquiridas das linguas (a sua estructura primitiva e as suas alterações) dependem da raça, do clima, das condições sociaes, das conquistas, da existencia ou não existencia d'uma litteratura, das relações dos povos, etc.

19 *a)* É innegavel que as differenças intellectuaes das raças humanas se manifestam nas linguas; mas o facto que individuos, povos inteiros d'uma raça, fallam linguas, que originariamente não pertenciam a essa raça prova que não se póde admittir, senão com restricções, a influencia da raça sobre a lingua.

20 *b)* Ao clima tem-se attribuido uma influencia directa consideravel sobre as linguas, a

ponto de se suppor que as linguas dos climas frios, asperos, offerecem sons fortes, asperos; as linguas dos climas temperados ao contrario sons doces, brandos, supposição que os factos não justificam; mas nós vemos d'um lado hoje uma mesma lingua ser fallada em climas muito diversos sem alteração essencial; d'outro lado demonstra-se que as mesmas alterações ou alterações da mesma especie se teem operado nas linguas sob os climas mais diversos. Não se deve porém negar toda a influencia ao clima, comquanto essa influencia seja assaz obscura.

c) As condições sociaes, as conquistas, a 21
existencia ou não existencia d'uma litteratura, as relações dos povos e todos os factos da mesma natureza são os que exercem maior influencia na historia das linguas.

Dous principios importantes se acham deter- 22
minados com relação a essas condições:

1. *As alterações d'uma lingua estão em razao directa das alterações, nas condições sociaes, do gráo de intensidade de vida historica do povo que as falla;*

2. *As alterações das linguas estão em razão inversa da cultura litteraria.*

É evidente que este segundo principio restringe o primeiro, do mesmo modo que o primeiro restringe o segundo.

Exemplos. O arabe, como o povo que o fallava se conservou fóra do movimento historico, em que entrou pelo islamismo, vivendo na Arabia uma vida uniforme, patriarchal, quando foi fixado pela escripta conservava muito maiores caracteristicos de antiguidade que o hebreu, que só foi fixado pela escripta depois do

povo que o fallava ter passado por grandes vicissitudes. Depois do islamismo o arabe separou-se em lingua litteraria e dialectos populares, que offerecem muitas alterações desconhecidas antes do islamismo. O hebreu como lingua litteraria conservou-se immovel.

Durante os reinados de D. Pedro I e D. Fernando e parte do de D. João I a litteratura portugueza esteve em decadencia; mas tivemos então as luctas com Castella, que excitaram a nossa actividade historica: a lingua portugueza experimentou nesse periodo assaz notaveis alterações.

23 É no vocabulario d'uma lingua que mais claramente se fazem sentir todas as influencias exteriores que reagem sobre ella. Os costumes, as crenças, o gráo de cultura, as relações commerciaes, as vicissitudes de dominio sobre outro povo ou de submissão a outro povo, emfim a vida inteira d'um povo revela-se no seu vocabulario. Por isso o estudo do vocabulario, dirigido scientificamente, constitue um dos ramos mais importantes da glottologia applicada.

4. Classificação das linguas

24 A *classificação das linguas* póde ser feita sob diversos pontos de vista.

a) Classificação geographica

25 A *classificação geographica* é a mais facil de fazer, mas a que menos vale em geral, pelo menos com relação ás epochas da historia das diversas linguas que podemos estudar directa-

mente. Admittindo que a cada raça humana correspondesse primitivamente um dominio geographico bem determinado e a cada raça uma mesma lingua primitiva, póde admittir-se que para um periodo muito remoto da historia da humanidade uma classificação geographica das linguas teria valor; mas as conquistas, as emigrações alteraram tão completamente essas condições primitivas, se ellas existiram como naquella hypothese as suppomos, que, nas phases historicas que podemos estudar, as linguas não coincidem com as raças, nem as raças com as divisões naturaes do globo. A lingua turca, por exemplo, é fallada por povos da raça branca e povos da raça mongoloide. A presença da raça branca na Africa é attestada desde a mais alta antiguidade. O dominio do arabe hoje estende-se pela Africa e pela Asia; o do portuguez pela Africa, Asia e America, além do seu dominio proprio na Europa; e são numerosos os factos d'essa natureza.

b) Classificação ethnologica

A *classificação ethnologica* das linguas não 26
apresenta base mais segura do que a geographica, como se vê já das considerações apresentadas a proposito d'esta: a objecção essencial é que a lingua não coincide com a raça (pondo de parte a hypothese com relação ás condições primitivas), nem mesmo com o povo. Os bascos hespanhoes não teem nenhuns caracteristicos ethnicos que os separem profundamente dos hespanhoes, excepto a lingua; se esta, como é de esperar, desapparecer completamente, os bascos ficarão tão hespanhoes

como os asturianos, navarros, castelhanos, andaluzes, etc. Os habitantes do paiz de Galles, que fallam um dialecto celtico e os habitantes das terras altas da Escocia, que fallam outro dialecto celtico, formam parte integrante da nação ingleza. São tambem numerosos os factos d'esta ordem, a que se ajuntam os oppostos de povos diversos fallando a mesma lingua; os gallegos, por exemplo, fallam um dialecto que é fundamentalmente o mesmo que o portuguez, de que quasi não se distinguia na edade media, mas formam parte integrante do povo hespanhol, e o hespanhol é a sua lingua litteraria usual.

c) Classificação em linguas litterarias e linguas populares

27 A *classificação em linguas litterarias e linguas populares* baseia-se apenas sobre um facto de civilisação, a existencia de litteraturas; facto que influe sem duvida sobre a lingua, mas em geral só exteriormente; é muito mais uma distincção secundaria que se deve fazer dentro de grupos classificados em virtude de principios d'outra ordem do que uma verdadeira classificação. As classificações em linguas de povos cultos e de povos barbaros, etc., não tem maior valor, equivalendo áquella no seu principio.

d) Classificação morphologica

28 A *classificação morphologica* baseia-se já sobre factos d'uma natureza muito diversa da d'aquelles sobre que se fundam as anteriores. Em quanto nestes a base da classificação é puramente exterior, como o dominio geogra-

phico, a raça, o povo, o emprego litterario, na classificação morphologica attende-se a um caracter interno das linguas, á *forma das palavras*.

A classificação morphologica das linguas admitte os seguintes grupos:

a) grupo radical ou *monosyllabico*, em que as 29
palavras são constituidas por simples raizes e as relações são indicadas syntacticamente, isto é, pela posição das palavras, ou por outras palavras; a lingua chineza é um exemplo d'este grupo. Nas linguas monosyllabicas uma mesma palavra ou raiz póde ser substantivo, adjectivo, verbo ou adverbio, ou antes exprimir o que nós em nossas linguas exprimimos por essas diversas categorias grammaticaes, que não existem realmente nessas linguas: só a posição na phrase nos indica como devemos traduzil-a em nossos idiomas europeus.

b) grupo agglutinante, em que a palavra é 30
construida por uma raiz principal e uma ou mais raizes reduzidas mais ou menos ao papel de simples elementos de relação. O emprego de prefixos ou de suffixos ou de infixos ou de dois ou de todos esses elementos para formar as palavras permitte fazer distincções secundarias entre as linguas d'este grupo, que comprehende o maior numero das linguas do globo. Uma palavra como a latina *sta-bili-s* (raiz *sta*, suf. *bili*, *s* suffixo do nominativo) dá um exemplo claro da agglutinação por suffixos.

c) grupo flexivo ou de *flexão*, em que a rela- 31
ção é expressa não só por agglutinação, como no segundo grupo, mas ainda por mudança na vogal da raiz. Exemplo: lat. *făcit*, presente do indicativo, e *fēcit*, preterito perfeito. Esta clas-

sificação está sujeita a um grande numero de objecções. 1) Attende só ao estado em que as linguas nos são conhecidas, approximando num mesmo grupo linguas cujas origens podem ser diversas, ou separando linguas cuja origem pode ser a mesma. 2) Põe de lado a consideração de que uma lingua do grupo agglutinativo ou do flexivo pode por alteração perder todos os meios de exprimir as relações por prefixos, infixos ou suffixos, ou por flexão, e acabar por se confundir com as linguas em que faltam esses elementos; comquanto uma similhante transformação não se possa confirmar com factos, pode admittir-se a sua probabilidade, pois o inglez, por exemplo, tem no curso da sua historia perdido sempre as formas grammaticaes, achando-se reduzido a um minimo d'ellas e apresentando phrases do typo monosyllabico. *Great* em inglez é adjectivo e substantivo, singular e plural, e só a connexão da phrase nos permitte reconhecer o seu valor em cada caso particular. O genero em inglez, como nas linguas monosyllabicas, ou não se exprime ou se exprime por palavras independentes. 3) A flexão que caracterisa o terceiro grupo é um phenomeno cuja producção primitiva é obscura, mas que parece não ter tido a principal nenhum valor como meio de exprimir uma relação, tendo sido aproveitado para este fim só quando os elementos exteriores á raiz que exprimiam relações começaram a obscurecer-se ou desappareceram; alem d'isso notaram-se em linguas do segundo grupo phenomenos analogos aos da flexão, comquanto isolados. 4) A classificação morphologica deve ser considerada só como provisoria, cedendo

o logar a uma classificação mais perfeita que não attenda só á forma, mas se baseie tambem sobre os outros lados das linguas: o som, a funcção, a syntaxe.

c) Classificação genealogica

A *classificação genealogica* ordena as linguas 32
em grupos cujos membros são considerados como alterações d'um mesmo typo de lingua perdido ou conservado. Se esse typo é conhecido directamente (por monumentos litterarios) parte-se d'elle para determinar as leis de variação em virtude das quaes elle se modificou no tempo e no espaço; é o que se dá com relação ao latim e ás linguas chamadas romanicas. Se o typo não foi conservado tenta-se reconstruil-o theoricamente pelas linguas cuja communidade de origem a comparação nos revelou; é o que se dá com o typo primitivo das linguas chamadas indo-europeas.

As principaes familias de linguas até hoje classificadas genealogicamente, isto é, como provenientes d'um typo commum para cada grupo, são as seguintes:

1) *grupo indo-chino*, comprehendendo o chi- 33
nez, o annamita, o siamez, o birmano, e outros dialectos menos importantes do extremo oriente, grupo que deve todavia ser considerado apenas como provisorio, porque essas linguas teem sem duvida a mesma estructura grammatical, pois são todas monosyllabicas e occupam um dominio geographico continuo, o que dá fortes presumpções ácerca da sua communidade de origem, mas não está ainda demonstrado que n'ellas se encontrem as mes-

mas raizes, differenciadas apenas segundo leis phoneticas.

34 2) *grupo dravidico*, assaz bem determinado, comprehendendo o tamil, o telugu, o canarim, o malabarico e outros dialectos menos importantes fallados pelos povos da raça dravidica, na parte meridional da peninsula cisgangetica, desde os montes Vindhya e o rio Narmada até ao cabo Comorim, e ao noroeste de Ceylão.

35 3) *grupo malaio-polynesio*, cuja unidade parece sufficientemente demonstrada e que se divide em tres ramos: *a) ramo melanesio*, comprehendendo as linguas das ilhas Melanesias; *b) ramo polynesio*, comprehendendo as linguas das ilhas da Polynesia, desde a ilha de Paschoa ao oriente até Nova Zelandia ao occidente, desde a Nova Zelandia, no oceano Austral, até ás ilhas Sandwich, no oceano Boreal; *c) ramo malaio*, comprehendendo numerosos dialectos fallados nas ilhas de Sunda, na peninsula de Malaca e na ilha de Madagascar, nos mares de Africa.

36 4) *grupo uralo-altaico* (chamado tambem scythico ou turaniano), dividido em tres ramos: *a) ramo finno-hungaro*, comprehendendo o finlandez, o esthonio, o livonio, na Finlandia, Esthonia e Livonia; o lapão, ao norte da peninsula scandinava; o hungaro, na Hungria; o ostiaco e o wogul, por detraz dos montes Uraes; as linguas de diversas tribus da Russia asiatica, como os zerinios, os wotiacos, os mordwinos; *b) ramo samoyedico*, comprehendendo cinco dialectos principaes fallados pelos povos hyperboreos que se estendem do mar do norte ao Jenissei e ao longo d'esse rio até ao Altai; *c) ramo turco* ou *tartaro*, comprehendendo diver-

sos dialectos fallados pelos yakutos, baskires, kirghis, uigures, usbeques, turcomanos, osmanlis e outros povos da mesma raça.

5) *grupo cafre* ou *bantu*, comprehendendo os 37
dialectos indigenas de toda a Africa austral, com excepção dos dialectos dos hottentotes e boschimanes; o seu dominio estende-se ainda um pouco ao norte do equador; pertencem a este grupo portanto todos os dialectos indigenas fallados nas possessões portuguezas da Africa austral.

6) *grupo khamitico,* comprehendendo o anti- 38
go egypcio, a lingua das inscripções hieroglyphicas; o coptico, proveniente do antigo egypcio, e hoje inteiramente fóra de uso; o antigo lybio, que se póde estudar em algumas inscripções; o lybio moderno ou berber e diversos dialectos, constituindo um ramo chamado ethiopico, os quaes são fallados na Africa central ao sul do Egypto, nas proximidades e em certas partes da Abyssinia.

7) *grupo semitico,* dividido em tres ramos: *a)* 39
ramo arameo-assyrio, comprehendendo o assyrio, a lingua da antiga Assyria, e os dois dialectos aramaicos: o chaldeo e o syriaco; *b) ramo chananeo,* comprehendendo o hebreu e o phenicio; *c) ramo arabico,* comprehendendo o arabe, propriamente dicto, e diversos dialectos da Arabia meridional e da Abyssinia. No arabe distinguem-se a forma litteraria ou arabe litteral e a forma popular ou arabe vulgar, de que ha quatro dialectos principaes: o de Barbaria, e os da Arabia, Syria e Egypto.

8) *grupo indo-europeu;* é o mais bem estuda- 40
do de todos os grupos glotticos; a sua unidade está demonstrada do modo mais completo

possivel; as formas da lingua perdida de que proveem as diversas linguas que o constituem foram restituidas pela comparação d'estas nas suas feições essenciaes, não se podendo attribuir a esse trabalho de restituição, que se corrige incessantemente, senão um valor theorico. Esse grupo divide-se em oito ramos, dois asiaticos e seis europeus.

a) os *ramos asiaticos*, a que se deu o nome commum de *o arico*, são: 1) o *ramo indico*, comprehendendo o sanskrito e os dialectos modernos que se lhe ligam, como o hindustani, o bengali, o sindhi, o mahratta, fallado na India portugueza, etc.; 2) o *ramo eranico*, comprehendendo o antigo persa, empregado nas inscripções de Dario e Xerxes, escriptas em caracteres cuneiformes, o *zend*, em que se acham escriptos os livros sagrados attribuidos a Zoroastres, o *persa moderno*, etc.

b) ramos europeus, a cujo conjuncto se dá o nome de *o europeu:* 1) *ramo hellenico*, comprehendendo o grego, cuja historia podemos seguir durante cerca de 3000 annos, pois é ainda uma lingua viva e os seus mais antigos monumentos remontam a mais de oito seculos antes da E. C.; 2) o *ramo italico*, comprehendendo o latim com os seus dialectos modernos chamados linguas romanicas (portuguez, hespanhol, francez, provençal, italiano, romanico ou valachio) e alguns dialectos fallados na Italia antes da E. C.; 3) o *ramo celtico*, que se subdivide em dous sub-ramos: *a)* o *gadelico*, comprehendendo o irlandez, fallado na Irlanda, o *erse* ou *gaelico* fallado no norte da Escocia, e o dialecto da ilha de Man; *b)* o *britanico*, comprehendendo o kymrico ou cambrico, fallado

no paiz de Galles (Cambria), o cornico (hoje extincto), fallado em Cornualha, o bretão ou armoricano, fallado na Bretanha (França) e o antigo *gallo,* fallado nas Gallias; 4) o *ramo germanico* (ou teutonico), que se subdivide em quatro sub-ramos: *a)* o *gotico,* representado pela traducção da Biblia pelo bispo Vulfilas no quarto seculo da E. C., da qual nos foram conservados fragmentos; *b)* o *scandinavo* ou *nordico,* comprehendendo o norueguez, o sueco, o dinamarquez e o islandez; *c)* o *baixo allemão,* comprehendendo o saxão, o anglo saxão, de que deriva o inglez; o baixo allemão, propriamente dito, o hollandez, o flamengo, etc.; *d)* o *alto allemão,* em que se distinguem tres phases: antigo, medio e alto allemão, e que é desde o seculo XVI a lingua litteraria da Allemanha; 5) o *ramo slavo*, comprehendendo o slavão liturgico (lingua morta), o polabico (lingua morta), o russo, o ruthcno, o polaco, o tcheque ou bohemio (fallado na Bohemia), o sorbo (serbo de Lusacia), o serbo-croata, o sloveno, o bulgar; 6) o *ramo lettico*, comprehendendo o antigo prussico (lingua morta), o lithuano e o letto.

O sánskrito, a antiga lingua sagrada da India, em que se distinguem duas phases, a *vedica* e a *classica*, é a lingua do grupo indo-europeu que offerece mais antigos monumentos litterarios (os Vedas); mas apesar da perfeição com que muitas formas grammaticaes se conservam nessa lingua, emquanto se acham obscurecidas nas outras linguas do grupo, estas não devem ser consideradas como provenientes do sanskrito: a fonte commum de todas foi uma lingua fallada segundo as maiores probabilidades na Asia central, na bacia turkestanica, mais de 2000 annos antes da E. C.

5. Alterações das linguas

41 Chama-se differenciação dialectal o processo pelo qual uma mesma lingua modificando-se no tempo e no espaço vem a apresentar formas distinctas, segundo as regiões, constituindo linguas diversas ou dialectos.

A essas formas particulares de linguagem dá-se o nome de linguas quando se consideram independentemente; de dialectos quando são consideradas como variantes d'um mesmo typo. Assim o portuguez considerado em si é uma lingua; considerado com relação ao latim é um dialecto.

As *alterações das linguas* estendem-se a todos os seus elementos: são *lexiologicas* ou *grammaticaes*.

As alterações lexiologicas consistem no *archaismo* e no *neologismo*.

As alterações grammaticaes dividem-se em *phoneticas, morphologicas* e *syntacticas*, a que se podem juntar as da funcção *(semiologicas)*, ainda não reduzidas a systema.

Passamos a estudar succintamente essas diversas especies de alterações, exemplificando-as principalmente com a lingua portugueza.

a) Alterações lexiologicas

42 *aa) O archaismo.* Chamam-se *archaismos* as palavras que deixaram de ser usadas numa lingua; dá-se ainda o nome de archaismo ao emprego pelos escriptores de palavras caidas em desuso.

A lucta do archaismo e do neologismo, a

oscillação no uso ou desuso d'uma palavra é um dos phenomenos mais interessantes a estudar na vida litteraria d'uma lingua e que nos faz comprehender como esta não se póde considerar nunca fixada.

O auctor da mais antiga grammatica portugueza, Fernão d'Oliveira, observara já na lingua portugueza esse phenomeno (1).

«As dições velhas são as que forão usadas: mas agora são esqueçidas como. Egas. Sancho. Dinis. nomes proprios e rnão que quis dizer çidadão segundo que eu julguey em hum liuro antigo o qual foi trasladado em tempo do mui esforçado rey dom Iohão da boa memorea o premeiro deste nome em Portugal: per seu mandado foy o liuro que digo escrito e está no moesteiro de Pera longa; e chama-se estorea geral: no qual achei esta com outras anteguidades de falar: mas destas e doutras que por lugares mais particulares achamos cada dia quanto nos havemos daproueitar ou seruir e como: logo o diremos. Poys em tempo del rey dom Afonso Anrriquez capapelle era nome de huma certa vestidura e não somente de tanto tempo, mas tambem antes de nos hum pouco nossos pays tinhão alghũas palauras que ja não são agora ouuidas: como compengar que queria dizer comer o pão com a outra vianda; e nemichalda o qual tanto valia como agora nemigalha segundo se declarou, poucos diaś ha, hũa velha que por isto foy preguntada dizendo ella esta palaura: e era a velha a este tempo quando isto disse de çento e dezaseis annos de sua idade. Estas diz Çiçero no terceyro liuro a seu irmão quinto; as velhas digo nos diz elle que guardão muito a anteguidade das linguas porque falão com menos gente: acarão que quer dizer junto ou a par: e samicas (2), que sinifica por ventura:

(1) *Grammatica de lingoagem portuguesa*, cap. 36, 1.ª ed. 1536, 2.ª ed. 1871.

(2) Gil Vicente põe muitas vezes esta palavra na bocca do povo, o que corrobora as palavras de Oliveira e lhes serve de commentario; por exemplo, no Auto pastoril portuguez:

INEZ. Sera algum cogumello?
MARG. Não, que tem olhos e mãos.
CAT. São caçapos temporãos.
MAD. Mas *samicas* pesadelo.

e outras piores vozes ainda agora as ouuimos e zombamos dellas: mas não he muito de maravilhar diz Marco Varrão que as vozes enuelheção e as velhas alghũa ora pareção mal porque tambem enuelhecem os homens cujas vozes ellas são: e isto he verdade, que a fremosa menenice despois de velha não he para ver: e assi como os olhos se ofendem vendo as figuras que em elles não conteutão: assi as orelhas nam consintem a musica e vozes fóra do seu tempo e costume: e muy poucas são as cousas que durão por todas ou muitas idades em hum estado: quanto mais as falas que sempre se conformão com os conçeitos ou entenderes, juysos e tratos dos homens; e esses homens entendem: julgão: e tratão por diuersas vias e muytas: as vezes segundo quer a neçessidade: e as vezes segundo pedem as inclinações naturaes. O vso destas dições antigas diz Quintiliano traz e dá muita graça ao falar quando he temperado e em seus lugares e tempos: a limitação ou regra será esta pella mayor parte que das dições velhas tomemos as mais nouas e que são mais vezinhas de nosso tempo: assi como tambem das nouas hauemos de tomar as mais antigas e mais reçebidas de todos ou da mayor parte: ainda porem que não sempre isto he açertado, porque muitas vezes alghũaas dições que ha ponco são passadas são já agora muito auorreçidas: como abem, ajuso, acujuso, a suso, e hoganno, algorrem: e outras muitas: e porem se estas e quaesquer outras semelhantes as meteremos em mão d'um homem velho da Beyra: ou aldeão: não lhe parecerão mal: mas tambem não sejão muitas nem queyramos vangloriarnos por dizerem que vimos muytas antiguidades: porque se essas dições antigas que vsamos: as quaes sendo moderadas nos auiam dafrenosentar: forem sobejas faram muito grande disouançia nas orelhas de nossos tempos e homens.»

Duarte Nunes apresenta-nos uma lista de 128 palavras portuguezas antiquadas no tempo d'elle.

Abilhar ataviar, *abilhamento* atavio, *acimar* acabar, *acoimar* accusar, *adergar* acertar, *adur* apenas, *afam* trabalho, *afincar* importunar, *afundo* abaixo, *aguisada* consa feita a proposito, *aguisado* conveniente, *agro* campo, *agu-*

ça pressa, *aguçoso* apressado, *alcive* traição, *alfayeme* guarnecedor de espadas, *algo* alguma cousa, *albergar* aposentar, *algures* em algum outro lugar, *alhures* em outro lugar, *aquecer* acontecer, *aquecer* esquentar-se, *apres* depois, *aprisoar* prender, *arefercer* abaixar-se a fervura, *arefece* homem baixo (vil), *asuso* acima, *atimar* acabar, *aturar* preserverar, *atroar* derivado, de *trom* estouro de tiro grande, *avisamento* aviso, *auer* por fazenda, *az* por batalha, *bafordar* jogo de armas tirando lanças por alto, *bastiaens* lavores de baixella de prata, *bem parcente* bem parecido, *bacinette* caseo de ferro, *bicornia* bigornia, *britar* quebrar, *cima* por cabo ou fim, *coita* paixão ou nojo, *condessitho* deposito, *confortar* consolar ou esforçar, *communal* por commum, *consum* juntamente, *coudel* capitão, *covilheira* camareira, *cota* veste de armas, *domaa* semana, *desfeita* dissimulação, *desempachar* desempedir, *desvairo* desavença, *dorado* que tem dor, *divido* parentesco, *doesto, doestar* desonrar, *estimo* estimação, *encatçar* alcançar, *emprir* encher, *entemes* entremez, *entonces* entam, *emader* acrescentar, *ensinança* doctrina, *ensanhar* irar-se, *esmerar* fazer alguma cousa com diligencia, *esguardar* respeitar, *estado* pompa ou apparato, *estugar* apressar, *forrejar* roubar o campo dos inimigos (depredari), *pilhar* tomar, *falha* falta, *fagueiro* brando, meigo, *femença* mostra ou vontade, *finado* defunto, *gançar* ganhar, *gafo* por leproso, *gouair* gozar, *grei* por rebanho ou companha, *grado* vontade, *herco* herdeiro, *hoste* por arraial, *hostão* hospedaria, *hostes* por imigos, *ku* por onde, *increo* incredulo, *juso* abaixo, *joglar* truão, *infançoens* moços fidalgos que inda não eram cavalleiros, que os Castelhanos diziam donzelles, *lançar a tauolado* jogo de armas de arremessar, *lanços* para alto sobre tauoado ou cousa alta, *laidar* por litigar, *lidar* pelejar, *lindo* por puro e limpo, *lidimo* por legitimo, *maguer* posto que, *medes* o mesmo, *mentar* por lembrar, *nenhures* por nenhum logar, *oufano* por presuntuoso ou contente de si, *peró* por tanto ou mas, *possança* poder, *posar* entrar, *paruo* por menino, *puridade* por secreto, *prasmar* por vituperar, *prez* por preço, *preste* por sacerdote, *quebrantar* por quebrar, *sagaz* prudente, *sageria* sabedoria, *sagazmente* prudentemente, *sanhudo* irado, *sanha* por ira e indignação, *sendos* por senhos, id est, singulos, *sina* bandeira, *talante* vontade, *tanger* tocar, *teudo* obrigado, *toste* logo, *trebelho* brinco, *trebelhar* brincar, *trigança* pressa, *trigoso* apressurado, *trom* tiro de bombar-

da ou que faça grande estouro, *vcha* arca, e d'ahi *vcharia* e *vchão* por despenseiro, *vindita* vingança (1).

Algumas d'essas palavras, dadas como antiquadas por Duarte Nunes, estão ainda hoje em uso, o que prova ou que ellas desusadas na linguagem litteraria permaneciam na boca do povo que as transmittiu até uma epocha posterior em que a linguagem litteraria de novo as adoptou, ou que alguns escriptores as foram desenterrar nos antigos escriptos e chamal-as de novo á vida.

No primeiro caso estão evidentemente *albergar, algures, aquecer, aturar, atroar, confortar, desempenhar, falha, finado, nenhures, oufano, sagaz, tanger*, etc.; o segundo caso parece dar-se com *afam, aleive, refece* (antigo arrefece), *doesto, fagueiro, gafo, puridade* (na locução *á puridade*), etc.

43 Em geral os auctores que dão uma palavra como archaismo consideram as cousas sob o ponto de vista do uso litterario; mas o grammatico não póde nisto, como no mais, formular regra á lingua. O que elle hoje approva ámanhã é condemnado pelo uso; o que elle hoje suppõe morto, ámanhã reapparece vivo na linguagem.

Numa lista de palavras antiquadas feita no seculo XVIII por Francisco José Freire (2), notam-se egualmente palavras hoje de novo em uso, taes são: *acatar, adrede, alliviar, andrajo, assomo, bargante, britar* (só fallando de pedras: *britar pedras*), *despeito, embair, envez, errado, moimento, pacigo, passamento, pequiçe, pincaro, relé* (gente de *baixa relè*), *sandeu, sandice*.

(1) *Origem da lingoa portuguesa*, cap. 17. Lisboa, 1606.
(2) *Reflexões sobre a lingua portugueza*, parl. III, refl. 1.ª

Mas se algumas palavras renascem o numero das que morreram para sempre, ao que parece, é incomparavelmente superior. As que Fr. Joaquim de Santa Rosa de Viterbo (1) colligiu nos documentos e nalguns monumentos portuguezes da edade media representam apenas uma parte pequenissima das que elles ministram.

Mas não é só nos escriptos da edade media que se encontram palavras hoje caidas em desuso: os escriptores dos seculos XVI, XVII e XVIII e ainda do começo d'este offerecem-nos uma assaz vasta collecção d'ellas.

Francisco José Freire fez um catalogo de algumas d'essas palavras usadas desde João de Barros até ao padre Antonio Vieira (2); se muitas d'ellas estão hoje de novo em uso, outras porém como *corrego* regueiro, *desviver* morrer, *esmechar* ferir, *empareelado* que tem parceis, *estugar* por apressar, *feitura* creatura, *féros* ameaços, *governalho* leme, *longura* comprimento, *miramento* acto de olhar com attenção, *patrisar* conformar-se com os estylos da patria, *nadivel* que se pode passar a nado, *pompear* ostentar com pompa, *referta* contenda, repugnancia, *remoela* acinte, pirraça, *replenado* repleno cheio, estão realmente caidas em desuso.

«*Queixume*, diz F. José Freire, foi palavra polidissima até o fim do seculo decimo-setimo; hoje não é admittida nem ainda em Poesia, com sentimento d'aquelles que respeitam (como dizia Jacintho Freire no seu prologo) as venerandas cãas e ancianidade madura da nossa linguagem antiga.»

Hoje *queixume* soa aos nossos ouvidos como uma palavra nobre e cheia d'uma doçura triste, e não *repugna a ninguem* empregal-a.

As causas do desapparecimento de palavras 44
são muitas e ás vezes tão particulares que es-

(1) *Elucidario* das palavras, termos e frases que em Portugal antigamente se usaram e que hoje regularmente se ignoram. 2 vol. in-fol. Lisboa, 1798-99, 2.ª ed. incorrectissima e com addições insignificantes em 1865.

(2) *Reflexões sobre a lingua portugueza*, part. I, refl. 2.ª

capam a toda a generalisação e a toda a conjectura.

A causa mais simples e mais evidente é a do desapparecimento da palavra por ter desapparecido a cousa que ella significava. É por isso que hoje não se empregam já, senão fallando das cousas do passado de Portugal, palavras como *adail, adeantado, alcaide, corregedor, almotacel, anadel,* porque esses cargos deixaram de existir.

A moda, o pedantismo, a imitação da linguagem de alguns auctores especiaes, que teem sempre um vocabulario mais ou menos limitado, o neologismo, a synonymia, são outras causas do desapparecimento de palavras.

1) A moda faz com que muitas palavras sejam olhadas como ridiculas ou baixas, como succede com o vestuario, as maneiras, etc. A linguagem por este lado está muito sujeita ao convencional. É assim que não se dizem hoje em boa sociedade *corno* emquanto *chifre* ou *ponta* podem ser pronunciadas sem receio, *feder, botar, surdir,* etc.

Muitas palavras devem tambem esse desprezo ao facto de adquirirem um sentido obsceno e d'este então descem ao ultimo plano do uso.

2) O pedantismo litterario desterra tambem arbitrariamente muitas palavras. Comquanto a maior parte do que elle propõe seja tornado irrito pelas forças vivas da linguagem é certo que esta não permanece livre da sua acção.

3) A synonymia concorre tambem para o desapparecimento de palavras.

Arteirice caiu em desuso depois que do latim se tirou a synonyma *astucia*, palavra que era nova no seculo XV, como se conclue das

palavras d'um escriptor d'esse seculo: «Na prudencia o sobejo se chama em latym *astucia*, ou calliditas, que em linguagem querem dizer maa sagidade, ou *arteirice* mais que o que compre, ou malicia; e o seu mynguado he crassitudo em latim, que quer dizer em linguagem pequiçe. (1)»

Alem das palavras que se perdem inteira- 45
mente ha muitas que deixam de ser usadas só num ou mais de seus sentidos, ou que adquirem sentidos novos.

Eis alguns exemplos d'estes factos:

Acordar-se, recordar-se. «E *eu acordei-me* da palavra de nosso Senhor.» *Act. Apost.* 2, 16. «Acabo de cinque dias *acordou-se* Ananias o principe dos Sacerdotes, com huuns dos velhos, de hir acusar Sam Paulo.» *Ibidem*, 24, I. «nom se *acordando* do dia é mez.» Fern. Lopes, *Chron. D. Pedro*, 27. Hoje usa-se só no activo no sentido de despertar.

Attender, esperar. «Foronsse todos muy bem guiados a huum lugar que chamam uall de vez e *atenderom* hi.» *Chron. Santa Cruz*, p. 26. «non as ousaram *datender* no mar.» Fern. Lopes, *Chron. D. Pedro*, c. 24. «En mentre Sam Paulo *atendia* em Athenas S. Gillas e Thimotheu, moveu a ssa alma em ssi.» *Act. Apost.* 17, 16. Hoje usa-se no sentido de prestar attenção.

Brocha, certa peça da armadura. «Deu-lhe com uma *brocha* que tragia.» Fern. Lopes, *ob. cit.*, c. 20. «Os canaleiros que eram em terra filhauam-se pelos lazes das capelinas e dos bacinetes e dauam-se das *brochas* que as poinham da outra parte.» *L. Linh.* III, p. 186. E figuradamente:

> Por falar no gouernar
> & largar assy a *brocha*
> non espaço.
> (*Canc. Res.* I, 197.)

Britar, antiquado no sentido geral de partir, quebrar, e no figurado de annullar. «Ali sesmalhauam (s'esmalhavam) fortes lorigas e *britauam* e especauam (espeça-

(1) *Leal Conselheiro*, c. 58.

vam — despedaçavam) e talhauam escudos capilinas baçinetes.» *L. Linh.*, III, p. 186.

Demandar, antiquado no sentido de pedir. «Uennos *demandar* acorro.» *Chron. Santa Cruz*, p. 29.

Espaço, antiquado no sentido de tempo. Hoje diz-se ainda espaço de tempo. «Os seus aguardarom per muj grande espaço.» Fern. Lopes, *Chron. D. Pedro*, c. 31.

Fallar, antiquado no sentido de dizer. «Nós nom podemos estar, que *non falemos* o que vimos, e ouvimos.» *Act. Apost.* 4, 20. «Dá aos teus a *falar* a tua palavra com feuza.» *Ibidem*, 4, 29. «*Falo* palavras de verdade e de mesura.» *Ibidem*, 26, 25.

Insoa, antiquado no sentido de ilha. «Des que perandaram toda aquella *insoa*, atá que chegarom a Papho, acharom hi huum encantador falso propheta Iudeu, que avia nome Beriem.» *Act. Apost.* 13, 6.

Mesura, antiquado no sentido de medida, e no figurado de bizarria, comedimento, etc. «Se todo in todo vir o pesume do incarrego sobrepogar a *mesura* das ssas forças.» *Regra de S. Bento*, c. 68.

> ... Creo que faria mal sem
> Quem nunca grau fiuz ouver
> En *mesura* d'outra molher.
> (*Trov. e Cant.* n.° 76.)

> *Mesura* seria, senhor,
> De vos amercear de mi.
> (*Canc. D. Diniz*, p. 65.)

«Falo palavras de verdade e de *mesura*.» *Act. Apost.* 26, 25.

> Nunca vy lanta *mesura*
> quanta falar se costuma
> tam valdya.
> (*Canc. Res.* 1, 194.)

Peça, antiquado no sentido de espaço de tempo.

> Hunha grã *peça* do dia
> Jouv'ali, que non falava.
> (*Canc. D. Diniz*, p. 87.)

«Esteve esguardando huma grande peça.» *Hist. geral*, c. 6. No sentido de pedaço. «Catou a pedra em que estavam as leteras e achoua quebrantada em *peças*. *Ibidem*,

c. 6. «Por isso andara huma *peça* da noite.» *L. Linh.* III, p. 193.

Talhar, antiquado no sentido geral de cortar. «Ali s'esmalhauam fortes lorigas e britauam e especauam e *talhauam* escudos capilinas bacinetes.» *L. Linh.* III, p. 186. «Se tu a mim *talhas* a cabeça eu nom recebo gram perda.» *L. Linh.* III, p. 188. «non leixe criar os pecados, mais sagesmente, e com caridade os *talhe*.» *Regra de S. Bento*, c. 64. No sentido de dar fórma:

Hunha pastor ben *talhada*
Cuydava em seu amigo.
(Canc. D. Diniz, p. 86.)

Tolher, antiquado no sentido de tirar. «Nom entendia a *tolher* ao Arcidiago nenhuma cousa do seu dereyto.» Doc. 1306, Rib. *Dissert.* I, 297. «*Tolhamos* aqueste homem da terra, ca nom he bem que viva.» *Act. Apost.* 22, 22. «... seerá *tolheita* da terra a sua vida.» *Ibidem*, 8, 33.

Nam ha cousa a que s'acolha
que *tolher* possa, nem *tolha*
seu primor ao sospirar.»
(Canc. Res., 1, 65-66.)

Comp.: «Nunca *tolheo* a nenhuma cousa que lhe seu padre desse.» Fern. Lopes, *Chron. D. Pedro*, c. 1.

e aqui vos solto cuydado
e o sospirar vos *tolho*.
(Canc. Res., 1, 17.)

... lugar nam tem
de sospirar, mas rretem,
porque seu cuydar o *tolhe*.
Se o cuydar lh'o faz *tolher*
o qu'eu nam posso cuydar,
d'oje mays cuydo dyzer, etc.
(Ibidem, 53.)

Vivenda, antiquado no sentido de modo de viver. «Per ti foy escrito este alcoram que deste a mafomede teu miseiyro que nos mostrase por el a nossa *uiuenda* e o serviço que te auiamos de fazer.» *L. Linh.* III, p. 189.

Conssyro en tal *viuenda*
qual viuemos, d'emborylhos.
(Canc. Res. 1, 179.)

Volta, antiquado no sentido de revolta, tumulto. «Nom es tu o Egeciam, que ante aquestes dias moveste gram *volta?*» *Act. Apost.* 21, 38. «Em aquelles dias crecia muyto o conto dos discipulos, e leuantouse muy gram *volta* e muy gram baralha antre os discipulos Judeus.» *Ibidem*, 6, 1.

46 Muitas palavras usadas em portuguez antigo acham-se hoje substituidas por outras derivadas do mesmo thema ou raiz, ou outras compostas com o mesmo thema ou raiz.

Eis alguns exemplos d'essas palavras:

Antigo	Moderno
acorro	socorro
altividade	altivez
assinado	assignatura
baixura	baixeza
calçamento	calçado
calveira	calva
cambador	cambista
colorar	colorir, corar
conhecença	conhecimento
conquerer	conquistar
corto	cortado
costaneiras	costas
demoniados	endemoninhados
doçar	doce
dulcidão	doçura
emburylho	embrulhada
endurentar	endurecer
ensinamento	ensino
esmaiar	desmaiar
esprivamento	privação
esterrado	desterrado
estroimento	destruição
estroir	destruir
exerdar	desherdar
fallamento	falla
falsilho	falso
falsura	falsidade
geeramento	geração

judengo	judaico
lastimeiro	lastimoso
longueiro	longo
mentideiro	mentiroso
naviamento	navegação
perdoança	perdão
podrido	podre, apodrecido
refrescamento	refresco
sabença	saber (subst.)
secretariamente	secretamente
semelhavel	similhante
similidõe	similhança
sofrença	soffrimento
trauto	tractado
vegada	vez
vindiço	adventicio
vizindade	visinhança

bb) O neologismo. Chamam-se neologismos as 47
palavras que começam a ser empregadas numa lingua, sendo até ahi desconhecidas nella, ou os sentidos novos dados a palavras já no uso da lingua.

Aquellas palavras saem ou 1) do fundo da lingua, isto é, são produzidas por novas combinações dos seus elementos proprios, ou 2) são tiradas já formadas das linguas classicas ou produzidas pelas combinações de elementos d'essas linguas (o grego e o latim), o que se dá principalmente na terminologia scientifica, ou 3) são introduzidas das outras linguas modernas.

1) Tinhamos, por exemplo, em portuguez 48
carambola no sentido de *bola* e primeiramente de bola de neve, graniso, saraiva; a introducção de jogo do bilhar fez que a uma das bolas se désse o nome de *carambola* e se creasse o verbo *carambolar*. A publicação de folhas periodicas ou jornaes deu logar a que do adje-

ctivo *periodico*, já existente, se derivassem *periodicista* e *periodiqueiro*. Durante as nossas luctas civis d'este seculo se derivaram as palavras *abrilada* de *abril*, *caceteiro* de *cacete* (nome dado aos partidarios de D. Miguel que traziam cacetes adornados com as cores do partido para espancarem os do partido contrario), *cartista* de *carta*, *septembrista* de *septembro*, etc.

2) A introducção de palavras tiradas directamente do latim, que não podem ser classificadas de verdadeiros neologismos, mas apenas de renovações, observam-se em os monumentos de quasi todas as epochas em que a lingua portugueza foi escripta.

No seculo XV já D. Duarte se declarava contra o uso d'essas palavras:

—«Da maneira para bem tornar algũa leytura em nossa lynguagem.

Primeiro conhecer bem a sentença do que a de tornar, e poella enteiramente, nom mudando, acrecentando, nem mynguando algũa cousa do que esta scripto.

O segundo que nom ponha pallavras latinadas, nem doutra lynguagem, mas todo seja em nossa lynguagem scripto, mais achegadamente ao geeral bom costume de nosso fallar que se poder fazer. (1)» Varias passagens nos mostram como este monarcha escriptor tractava na pratica de comprir os seus proprios preceitos. Diz elle: «Da *yra* seu proprio nome em nossa lynguagem he *sanha*, que vem de huum arrevatado fervor de coraçom por desprazer que sente com desejo de vyngança. (2)» Noutra parte: «Primeiro do *odio*, ou segundo nossa lynguagem *malquerença*, que he huum contynuado desejo de mal, perda, abatymento de bem doutrem por qualquer guisa que viir possa. (3)» E ainda «Da *ociosidade* em nossa lynguagem seu nome apropriado he *priguyça*. (4)»

(1) *Leal Conselheiro*, c. 99 (por erro 98 na edição de Paris de 1842).
(2) *Ibidem*, c. 16.
(3) *Ibidem*, c. 17.
(4) *Ibidem*, c. 26.

Outro escriptor da mesma epocha e irmão de D. Duarte, o infante D. Pedro, Duque de Coimbra, não é tão exagerado em pontos de purismo como aquelle. Escreve elle, escusando-se de introduzir palavras alatinadas na sua *Virtuosa Bemfeituria:*

«E os que menos letrados forem do que eu som nom se anojem d'algũas palavras latinadas e termos scuros, que em taes obras se nam podem scusar. (1)»

Na epocha em que foi feita a traducção da Historia do testamento publicada por Fr. Fortunato de S. Boaventura (seculo XIV segundo todas as probabilidades) a palavra *anathema* era ainda inteiramente desconhecida na lingua portugueza, porquanto n'essa traducção lê-se: «E ensinouo o Ango *(leia-se* Anjo) per que guisa avia de tomar a cidade de Jericó, e que fezessem a cidade, e todalas cousas dela *anathemas*, que quer dezer escomunhom maior. (2)»

Os escriptores do seculo XVI engrossaram consideravelmente o lexico portuguez com latinismos, e essa obra foi continuada pelos dos seculos seguintes, d'um modo mais ou menos pedantesco; muitas d'essas innovações, porém, não vingaram, principalmente quando os auctores que as introduziram eram dos menos reputados.

Quem empregará hoje *aculeo, acuminado, agilitar, aperção, dealbado, derelicto, excidio, extar, inupta, invitar, jugular, lutulento, modio* (alqueire), *tentorio, tribulo* (abrolhos), etc., condemnadas por um purista do seculo XVIII (3), com outras do mesmo genero que todavia estão ainda em uso?

«*Bipartido* por cousa dividida em duas partes só no verso tem bom uso com o exemplo dos nossos Poetas Classicos, e na prosa não se deve seguir a alguns que a usaram.

«*Bipede* por cousa de dous pés, só no verso se admitte.

(1) *Virtuosa Bemfeituria*, liv. 1, c. 2. Ms. da Bibliotheca da Academia das Sciencias de Lisboa.
(2) Josué, c. 4.
(3) F. José Freire, *Reflexões sobre a lingua portugueza*, part. 1, refl. 4.

Temo-lo achado em alguns discursos, tratando-se de monstros, e n'esta accepção pode ser permittido. (1)»

Bipartido e *bipede* são hoje usados sem escrupulo principalmente na linguagem scientifica. Brotero adoptou o primeiro em botanica (3).

3) Como exemplos mais conhecidos da terceira especie de neologismo temos as palavras que a lingua portugueza tem recebido da franceza, chamadas *gallicismos* ou *francezismos*.

Já Duarte Nunes de Leão notava a singularidade da influencia da lingua franceza sobre o nosso lexico e formava uma lista das palavras que suppunha nos tinham vindo d'ella directamente, mas que em grande parte nos vieram por outra via; tracta até de assignalar as causas d'essa influencia.

«Tam difficil he, diz elle (3), dar razão porque dos Francezes vierão aa lingoa Portugnesa tantos vocabulos, quanto inuestigar quaes são os mesmos vocabulos. Porque a razão que demos que as gentes communicão suas lingoagens por causa da vezinhança, esta razão parece que não milita entre Portugueses & Francezes, porque o Reino de França está apartado de Hespanha, cujos limites asi da parte do mar como da terra são os montes Pyrineos e pella banda da terra está França ainda mais alongada de Portugal que de nenhũa outra parte da Hespanha. A razão que achamos a esta communicação de palauras parece ser por as idas que em tempos mais antigos os Portugueses fazião a França por causa da nauegação que era mais frequente que agora, & por a maior confederação, e amizade que antes hauia entre hũa nação & outra. E porque como os Portugueses não nauegauão para as praias do mar Oceano, nem tinhão achadas as regiões da Ethiopia, nem da India, & ilhas descubertas, que despois continuarão com naucgação de mais proueito, daquelles portos de França, aonde entam ião a lenar suas mercadorias, e buscar outras, trazião nouos vocabulos. A outra razão era que des do principio deste Reino sem-

(1) F. José Freire, *Reflexões sobre a lingua portugueza*, part. 1, refl. 4.
(2) *Comp. de Botanica*, 1, 123, 124, 237.
(3) *Origem da lingoa portuguesa*, c. 11.

pre vierão a elle Franceses, como foi o Conde dom Henrique, que vindo de Borgonha, necessariamente hauia de trazer sua familia, & gente daquella nação. Vierão tambem a este Reino os estrangeiros que ajudaram a tomar Lisboa, de que vinha por Capitão geeral Guilelme da longa espada, filho de Ricardo, Conde de Anjou, com que vinhão muitos senhores Franceses que neste Reino ficarão, & pouoarão muitas villas & logares, de que oje ha muitos fidalgos descendentes seus. Veo o Infante Dom Affonso de Bolonha de Picardia, que casou com Mathilde, Condessa daquelle estado, & foi Rei de Portugal, III. do nome, que comsigo para o seruir e ajudar a defender del Rei dom Sancho seu irmão, a que vinha despor do gouerno, necessariamente hauia de trazer grande companhia. Viera a Rainha dona Mafalda, Francesa, filha do Conde Amadeu de Mariana & de Saboia a casar com dom Afonso Henriquez, que tambem viria acompanhada de Damas & Caualleiros Franceses. E por causa da nauegação & trato vinhão tambem a este Reino tantos Franceses, que cuidarão muitos que se chamaua Portugal, do porto de Gallos.»

Com nenhuma outra nação temos tido relações tão intimas e tão duradoras como com a França; nenhuma tem influenciado tanto como esta sobre a litteratura, os costumes, as idéas portuguezas: a sua influencia lexiologica resulta necessariamente d'essas intimas relações. Mas é sobretudo a partir da epocha de D. João IV, e da vinda de tropas francezas a Portugal para ajudar esse rei nas suas luctas contra Hespanha, que a lingua portugueza tem recebido grande numero de formas francezas. D. Francisco Manoel de Mello, queixava-se já d'essa invasão d'estrangeirismos na epocha da vinda d'aquellas tropas. Escreve elle:

«Andão per alto vozes peregrinas, não cessando com os combois, brechas, aproxes, viveres, avançadas, e castramentações; pois se o escutão (a um soldado). Deos seja com-nosco! O que lhe acodem de Cornas, Ornavaques, Crubeques, gollas, francos, lizeres, barbacans, e falças bragas? Que de esquadroens, serras grandes, fundos grandes, frontes, quadrados de gente e de terreno, dobrétes, Cruzes, cubos e prolongados? Outras vezes se dá pelos officios militares, alli vos digo eu, que o Diabo o espere com Arrecures, Maridaes da estalla, Caporal, Corneta, Dragão, Furriés, Quarteis mestres, grão Prevoste? Emfim com milhares de vozes, estrangeyras, que nos-

sos peccados (alem dos costumes estrangeyros) nos trouxeram á terra para sua maior corrupção que defença (1).»

No seculo seguinte repetem-se os protestos dos puristas portuguezes contra a invasão do estrangeirismo e o escrupulo sobre esse ponto attinge as raias do ridiculo: grosso numero de palavras são suspeitas de falta de caracter nacional; o patriotismo torna-se exaltado em questões de estylo. Francisco José Freire descreve-nos este estado e pretende achar uma regra que ponha termo ás questões de nacionalisação e adopção de palavras.

«Assim como nas idades passadas era mui vulgar nos Escriptores de linguagem impura valerem-se dos vocabulos latinos, e accommodal-os á pronunciação Portugueza: assim hoje é mui commum na mesma classe de Auctores, servirem-se de vozes francezas e italianas, pretendendo naturalisal-as em Portugal. Destas creio que o numero é já infinito, espalhadas por todas as sciencias, artes e officios mechanicos; porém com especialidade na Filosofia Experimental, na Arte Militar, na Arquitectura Civil, etc., Dizem que a falta de termos proprios obrigára a introduzir tantas palavras novas. Se assim foi, procedeo-se com razão, porque obrigando a necessidade, devem-se buscar vozes para se exprimirem as cousas. Porém os amantes da pura linguagem portugueza queixam-se de se introduzirem termos novos, meramente por moda, e não por precisão, pois que a nossa lingua tinha muitos, e bons, com que se explicava antes que se mendigassem outros ás estranhas para se exprimir o mesmo.

«Que necessidade havia (dizem os puritanos da lingua) de se dizer *Abandonar* tendo desamparar! *Affares* tendo negocios; *Bellas Letras* havendo Letras Humanas, e Boas Artes: *Bellezas* da Eloquencia, havendo rasgos, de que sempre usou Vieira: *Bom Gosto,* havendo já discernimento, e juizo?

«Porque se havia de introduzir *Cadete* por filho, que não é primogenito: *Criterio* por Arte Critica: *Canoculo* por oculo de ver ao longe: *Charlatão* por patrador ignorante: *Chichisbéu* por galan, ou amante: *Delicadeza* de engenho por subtileza: *Dessert* por aparato de sobremeza: *Discolo* por extravagante, e mal procedido: *Passagem* por logar, ou passo de algum bom Auctor: *Retalhos* de eloquencia por pedaços de eloquencia?

«Que precisão tinhamos de *Garante,* e *Garantia,* por

(1) *Apologos Dialogaes,* p. 169. Lisboa, 1721.

fiador, e affiançar: de *Imagens* por logares, e passos eloquentes, ou da fantasia, ou do juizo: de *Interessante* por importante: de *Prejuizo* por antecipação de juizo, ou juizo antecipado: de *Projectar* por dar idéas, e arbitrios: de *Responsavel* por obrigado a responder: de *Susceptivel* por cousa capaz de receber outra: de *Viajar* por correr terras: de *Manobra* por mareação, etc.?

«Não só d'estas palavras, mas de outras muitas que agora nos não occorrem, mas lembram bem aos queixosos d'ellas, se lamentam os fieis conservadores da pura Linguagem Portugueza; porém outros criticos não acham para tanta queixa bastante fundamento. Dizem, que com esta liberdade é que se enriquecem de vocabulos as linguas vivas, e que só nas mortas, como a Grega e Latina, é que o uso não póde exercitar o seu absoluto dominio.

«Que não se tem enriquecido ha menos de um seculo a Lingua Ingleza com a introducção de infinitos termos, já inventados, já pedidos a outros idiomas, em que o Portuguez tem igualmente seu logar? E por fim ha hoje lingua viva que não tenha naturalisado innumeraveis vocabulos estrangeiros, sem exceptuar ainda a Castellhana, e Italiana, não obstante a sua copiosissima abundancia?

«Assim fallam os defensores das vozes novas, e nós para dizermos o que sentimos entre estes indulgentes, e aquelles escrupulosos, dizemos que uns e outros tem razão. Os escrupulosos, porque é certo, que havendo para exprimir qualquer cousa termo nacional e usado pelos Auctores, que são textos, não se deve adoptar um novo; porque de outro modo nunca se verificaria que um Escriptor é de linguagem mais pura do que outro, e seria vão o nome de classico, que se dá aquelles Auctores que o mereceram.

«Porém estes escrupulos peccão muitas vezes por excesso, sentenceando por vozes novas, e introduzidas pela moda, que reina na presente Litteratura do nosso seculo, a algumas que tem já muitos annos e tambem seculos de antiguidade. Por exemplo: estranha-se por novamente adoptada a palavra *Reproche*, e já Duarte Nunes de Leão faz della memoria contando-a por uma daquellas que fomos buscar aos francezes. . . Tem igualmente por nova a palavra *Policia*, e é não menos que de João de Barros na Decada 3.ª pag. 87, onde diz: *Nisto se mostra a grandeza, e policia daquelle Principe*, etc. Que não dizem elles tambem contra a palavra *Pedante*, quando Duarte Nunes de Leão na sua Orthographia já traz *Pedan-*

tesco? Não podem ultimamente soffrer, que se use do Italiano *Affanar*, e *Affano*, havendo em Portuguez *Affligido, angustiado, Affligir-se*, e *angustiar-se;* quando Vieira, insigne texto da Lingua, disse, como sabem os eruditos, *Affanado*, e *Affano*. Podemos fazer menção de outros vocabulos, a que os escrupulosos erradamente chamam novos, e como taes os reprovam; mas não sejamos prolixos, e passemos a defender os Escriptores indulgentes.

«Tem estes razão em procurarem á maneira das outras Nações, e vivamente protegerem a introducção de vocabulos expressivos, e precisos, quando não podemos exprimir uma cousa, senão por longa, e tediosa circumlocução. Se para nós expressarmos a força do verbo francez *Supplantar*, nos é preciso usar do rodeio de dizer: usar de força ou artificio para tirar a alguem o cargo, ou fortuna que possue; não será bom que admittamos este verbo, e digamos *Supplantar?* Não é mais expressivo e breve dizer *Criterio* do que Arte critica, *Insignificante*, do que cousa que nada significa? Não é mais succinto usar de uma só palavra, qual é *Responsavel*, e *Susceptivel*, do que occupar diversas vozes, dizendo: obrigado a responder, e capaz de receber? Se podemos com um só vocabulo exprimir o filho segundo, terceiro, etc., de uma familia porque se não ha-de dizer *Cadete?*

«Porém quando a nossa lingua tem termos proprios, que exprimem o mesmo que os outros novamente introduzidos, em tal caso é com razão reprehensivel a novidade, porque se oppoem áquella pureza de fallar de que em todas as outras Nações se faz especial apreço. Porque havemos dizer *Abandonar* se temos *Desamparar; Resurce* se temos *Remedio; Discolo* se temos *Malprocedido; Affares* se temos *Negocio*, etc., etc. Porque diremos *Intriga, Intrigante e Intrigador* por enredo, e enredar, e enredador, ou por maquina, maquinar, e maquinador? Porque havemos dizer *Caracter* por distinctivo: *Conducto* por procedimento, governo, prudencia, etc.?

«Eis-aqui o como nos parece que devem concordar os dois partidos ambos excessivos, um porque nada permitte, ainda havendo precisão, outro porque tudo concede, ainda sem haver necessidade. Este nosso juizo é fundado sobre o mesmo parecer que deram os Academicos da Crusca para se introduzirem ou não no seu famoso vocabulario vozes estrangeiras. Foi seguida esta prudente resolução por Monsieur de Furetière, e pelos sabios das

Reaes Academias Castelhana, e Franceza, quando emprehenderam os seus Diccionarios. (1)»

Finalmente em 1817 publicou Fr. Francisco de S. Luiz, depois cardeal, um *Glossario das Palavras e Frases da Lingua Franceza, que por descuido, ignorancia, ou necessidade se tem introduzido na Locução Portugueza moderna, com o juizo critico das que são adoptaveis n'ella* (2).

b) Alterações phoneticas

As alterações phoneticas observam-se a cada 49
passo: todos conhecem a tendencia que teem as pessoas sem instrucção para alterar a pronuncia das palavras; todos teem observado ou ouvido descrever os defeitos da pronuncia provincial ou local. Ora examinando bem essas alterações de pronuncia reconhecem-se os dous pontos seguintes:

1) que essas alterações não são arbitrarias, mas resultam de tendencias geraes;

2) que essas alterações se dão dentro dos limites impostos pelas relações dos sons, segundo os orgãos que os produzem, segundo a sua qualidade, etc. Assim no Minho o povo troca o *l* em *r* (*r* guttural) quando se lhe segue outra consoante e diz assim *marga* por *malga, artura* por *altura, farcão* por *falcão; r* e *l* são duas sonoras liquidas; a sua troca é pois facil. Não vemos, porém, mudar-se por exemplo, um *r* em *t*, um *l* em *p*, etc., porque tal mudança é physiologicamente impossivel, como mudança immediata.

Um som pode passar por muitas alterações 50
successivas que o afastem consideravelmente

(1) *Reflexões sobre a lingua portugueza*, part. 1, refl. 5.ª

(2) *Memorias da Academia das Sciencias de Lisboa*, 1.ª serie, t. IV, part. II, p. 1—153. O Glossario foi tambem impresso em separado.

da sua fórma primeira; mas para admittir a relação entre dous sons quaesquer é mister demonstrar com exemplos mais ou menos numerosos e com formas intermedias as suas relações. Em latim o *c* antes de *e* e *i* pronunciava-se como o nosso *qu* em *que, quero;* assim *cera* pronunciava-se *kera (quera);* nós pronunciamos *sera;* isto é, a momentanea guttural forte *k* latina alterou-se na continua dental *s;* uma tal alteração não foi immediata, mas sim o resultado de alterações successivas, cuja serie se pode determinar aproximadamente, porque encontramos em diversos dialectos os gráos intermedios.

51 A importancia das alterações phoneticas está em razão directa da sua extensão. Alterações isoladas, diversas, ainda que numerosas, de palavras não determinam por si só nenhuma feição nova numa lingua; não dão producção a nenhuma fórma dialectal; são factos parciaes, que até podem ser annullados; variações de pronuncia que podem ser corrigidas.

52 São essas especies de alterações phoneticas as unicas que geralmente se observam no periodo em que as linguas teem uma litteratura fortemente constituida, uma legislação grammatical e lexiologica, que apesar de toda a sua força não podem obstar a ellas; são essas, portanto, as unicas que observamos no portuguez desde que elle entrou n'esse periodo, isto é, desde o seculo XVI.

São de duas especies as variações de pronuncia que observamos na lingua portugueza: uma consiste numa maior desviação do typo latino, e tem uma origem puramente popular e organica, resultante das tendencias geniaes da lin-

gua; outra consiste numa aproximação do typo latino, que as mais das vezes é antes apparente que real, e tem uma origem puramente erudita. Por exemplo, na edade media dizia-se *trauto, auto;* no seculo XVI reforma-se essa pronuncia sobre o typo latino e começa-se a escrever *tracto, acto*, e a pronunciar *trato, ato,* em que o *c* latino não se acha representado, ao contrario do que se dá nas formas *trauto, auto*, em que o *u* o substitue. O numero de factos d'esta natureza é consideravel e constitue uma das differenças mais importantes entre o portuguez medieval e o portuguez classico (o portuguez a partir dos grammaticos Fernão d'Oliveira e Barros, isto é, do primeiro quartel do seculo XVI).

É curioso observar como modos de pronunciar condemnados numa epocha são os correntes e adoptados por todos d'entro d'um espaço de tempo pouco consideravel, e como os modos de pronunciar primeiramente propostos para substituir os que se julgavam viciados são depois os que se condemnam.

Francisco José Freire (1) quer que se diga:

antiado	e não	enteado
avelutado	»	aveludado
bilhafre	»	milhafre
blazão	»	brazão
borôa	»	broa
celeusma	»	celeuma
churma	»	chusma
contia	»	quantia
cossario	»	corsario
desgraciado	»	desgraçado
diecese	»	diocese
emprender	»	emprehender
epitéto	»	epíteto

(1) *Reflexões*, II, 12.

estamago	e não	estomago
gasnate	»	gasnete
gira	»	giria
golotão	»	glotão
Jesu	»	Jesus
lacra	»	lacre
zanolho	»	zarolho
etc.		

mas os modos de pronunciar condemnados por elle são hoje os seguidos.

O numero d'estas variações de pronuncia é considerabilissimo, e comparado com elle insignificante o numero das palavras que, quer na bocca do povo, quer nos escriptores e nos documentos, não offereçam variantes, que, em verdade, se reduzem a um numero de especies muito limitado.

53 Mas as alterações phoneticas mais importantes são as que se estendem a um systema inteiro de formas grammaticaes, como, por exemplo, no portuguez a syncope do *d* nas formas da segunda pessoa do plural, syncope que, começada a operar no primeiro quartel do seculo XV se tinha generalisado já no fim d'esse seculo; a mudança da antiga terminação *om* em *am*, etc. Os phenomenos d'esta natureza nunca se dão isolados numa lingua, porque as condições em que se produzem são ou a decadencia litteraria, ou o movimento historico do povo que falla essa lingua, ou ambos reunidos, isto é, causas de grande extensão e não causas inteiramente locaes e só capazes de produzir uma ou duas especies de alterações. D'elles se serve a glottologia para caracterisar os periodos da historia das linguas; é assim que á phase do alto allemão em que já se

observa o abrandamento geral da vogal que se seguia á syllaba do thema num *e* indistincto, se dá o nome de *medio alto allemão*, e á phase anterior, em que aquelle abrandamento não existe ainda, o nome de *antigo alto allemão* (1).

Se mudanças d'esta natureza se dão só numa parte da zona geographica d'uma lingua, e que outra parte fica livre d'ella, ha producção d'um dialecto; se ellas se operam em differentes partes d'essa zona, mas diversas em cada uma d'essas partes, ha producção de tantos dialectos distinctos quantas forem essas partes.

As principaes alterações phoneticas que po- 54
demos exemplificar com palavras portuguezas, principalmente quando comparadas com as latinas, são as seguintes:

1. *Alterações das vogaes simples accentuadas:* consistem em alterações de qualidade, dependentes em grande parte da quantidade que tinham em latim; exemplos:

a) e em *i: tigo* de *tecum; e* em *ei* (antes de vogal): *candeia* de *candela, veia* de *vena;*

b) i em *e: pero* de *pirum, cedo* de *citus;*

c) o em *u: outubro* de *october, cumpro* de *compleo;*

d) u (geralmente o *u* breve latino ou *ū* na posição, raro o *u* longo) em *o: lobo* de *lupus, tronco* de *truncus.*

2. *Alterações dos diphtongos accentuados:*

a) au muda-se em *ou, ó, oi: ouro, oiro* de *aurum; cousa, coisa* de *causa;*

b) ai em *ei: primeiro* de *primairo* de *primario.*

3. *Alterações das vogaes atonas:* estas alterações são:

(1) Schleicher, *Die deutsche Sprache*, p. 102.

a) substituição d'uma vogal por outra, como de *a* por *e* em *espargo* de *asparagus;* ou por *e* em *ouriço* de *ericius; e* por *o* em *escuro* de *obscurus,* etc.;

b) consonantisação (i em *y, j, u* em *v)* como em *raio (rayo)* de *radius, Jeronymo* de *Hieronymos,* etc.;

c) suppressão: aa) de vogal inicial (aphérese): *bispo* de *episcopus, relogio* de *horologium, Lisboa* de *Olisipona; bb)* de vogal medial (syncope), que attinge principalmente *e, i, o, u: gritar* de *quiritare, bondade* de *bonitate, caldo* de *calidus, posto* de *positus; cc)* de vogal final (apocope), que attinge principalmente as vogaes *e* e *i,* mais raro *o, u,* depois de *l, r, m, n, c (s, z),* não geminadas (dobradas) nem ligadas com outra consoante: *amor* de *amore, dever* de *debere, papel* de *papyrum, sem* de *sine, tem* de *tenet, vem* de *venit, faz* de *facit, pez* de *pice, tom* de *tono (tonus), bom* de *bono (bonus).*

4. *Alterações das consoantes isoladas* (isto é, que não se acham em contacto com outras consoantes, mas sim com vogaes numa palavra). Essas alterações são:

a) abrandamento ou passagem das fortes para as brandas correspondentes: *agudo* de *acutus, cadella* de *catella, lobo* de *lupus;*

b) degeneração ou passagem d'uma momentanea para a classe das continuas, como a do *k* e *g* latinos antes de *e, i: cera (sera)* de *cera (kera), prazer* de *placere (plakere), piche* de *pice (pike); gente (jente)* de *gente (ghente), esparzir* de *espargere (sparghere);* tambem *p* degenera em *v,* por exemplo, em: *povo* de *populus, escova* de *scopa;*

c) syncope, que se observa com relação aos

sons latinos *g, d, b, n, l e v: mais* de *magis, fiel* de *fidelis, marroio* de *marrubium, cadeia* de *catena, eco* de *coelum, cidade* de *civitate;*

d) apocope, que se observa com relação aos sons finaes latinos *t, e, d, n: e* de *et, ou* de *aut, cabo* de *caput, ama* de *amat; so, sou* de *sum, ame* de *amem, dez* de *decem; si, sim* de *sic, ne, nem* de *nec; a* de *ad; vime* de *vimen, grude* de *glulen;*

e) apherese, que é extremamente rara: *irmão* de *germanus, Elvira* de antigo *Geloira.*

5. *Alterações nos grupos consonantaes.* As principaes d'essas alterações são:

a) simplificação das geminações ou sons duplos: *vaca* de *vacca, peco* de *peccor, folle* de *follis, cana* de *canna;* e tambem com alteração de som: *grunhir* de *grunnire, pinha* de *pinna, galha* de *galla, centelha* de *scintilla;*

b) assimilação, ou modificação d'uma consoante por influencia d'outra, aproximando-se aquella na qualidade ou no ponto d'articulação, ou tomando inteiramente a forma d'esta; em portuguez a geminação resultante da assimilação simplifica-se: *dito (ditto)* de *dictus, matar (mattar)* de *mactare, nosso (nosso, nostro)* de *nostrum, moço (mosso)* de *muscus; roto (rotto)* de *ruptus, gruta (grutta)* de *crypta; disse* de *dixi (dicsi), tecer (tesser)* de *texere (tecsere); aumento (augmento), pimenta* de *pigmentum;*

c) dissolução em vogal da primeira consoante do grupo consonantal: exemplos: *leite* de *lactem, noite* de *noctem, douto* de *doctus; receitar* de *receptare; conceito* de *conceptus; eixo* de *axis (acsis), teixo* de *taxus (tacsus); couce (cauce)* de *calcem; muito* de *multum; reinar* de *regnare.*

6. *Dissimilação.* A dissimilação tem por fim

evitar numa palavra o encontro ou repetição de syllabas ou consoantes eguaes; póde ser de tres especies:

a) por simples alteração de consoante, como em *marmelo* de *melimelum, lirio* de *lilium, rouxinol* de *lusciniolus;*

b) por suppressão de consoante, como em *proa* de *prora, frade* de *fradre (fratrem), crivo* de *cribro (cribrum);*

c) por suppressão de syllaba, como em *trigo* de *tŕticum, bondoso* por *bondadoso* de *bondade, caridoso* por *caridadoso* de *caridade* (1).

Os principios d'alteração phonetica que acabamos de mencionar são em parte particulares ao portuguez, em parte communs ás diversas linguas romanicas ou a duas ou mais d'ellas, em parte observaveis noutras linguas alêm das romanicas. Ha nos principios d'alteração phonetica como que circulos concentricos, que vão d'uma grande generalidade a uma estricta individualidade.

c) Alterações morphologicas

55 1) As alterações phoneticas tendem a obscurecer e confundir as formas grammaticaes, isto é, os elementos formativos dos casos, dos tempos, modos, numeros e pessoas nos verbos, e os elementos de derivação; assim a antiga desinencia indo-europea do ablativo *t* conservada em sanskrito, apparece-nos ainda em antigo latim representada por um *d*, mas desapparece completamente antes do seculo de Cicero; assim do antigo ablativo *Romad* fez-se *Romā*. Estas alterações são uma das causas mais con-

(1) Não mencionamos senão as alterações d'um caracter mais geral. Na *Grammatica historica da lingua portugueza* encontrar-se-ha uma exposição completa da phonetica da nossa lingua.

sideraveis que produzem a suppressão de formas grammaticaes, porque logo que essas formas não se distinguem facilmente d'outras o seu numero reduz-se necessariamente.

2) A *existencia de differentes meios para exprimir a mesma relação grammatical* dá logar tambem ao desapparecimento de formas grammaticaes principalmente pela complicação com a alteração phonetica. O emprego em latim de construcções como *unus de multis* concorreu para a substituição do genitivo pela preposição *de*. Em portuguez o emprego do imperfeito pelo condicional na linguagem popular pode vir a produzir o desapparecimento do condicional.

3) A *analogia* é outra causa importante da reducção do numero das formas grammaticaes. Por *analogia* tende-se nas linguas a conformar a typos geraes e mais frequentes o maior numero de palavras possivel, a fazer substituir as formas menos usuaes por outras mais conhecidas, a destruir tudo o que parece irregular. No portuguez antigo, por exemplo, o perfeito do verbo *jazer* era *jouve*, analogo portanto aos de *haver, poder, saber, houve, pude, soube;* hoje o perfeito d'esse verbo é formado pelo typo em *i (jazi)* chamado regular; *houve, poude, soube,* formas muito mais frequentes na linguagem, conservaram-se. Pela analogia as creanças dizem *dizi* por *disse, fazi* por *fiz,* etc.

Quanto mais alto remontamos na historia 56
das linguas indo-europeas, maior riqueza de formas grammaticaes se nos depara: assim o sanskrito tem ainda oito casos: nominativo, genitivo, dativo, accusativo, vocativo, ablativo, locativo e instrumental; tres numeros: singular, dual, plural; quatro modos: indicativo, im-

perativo, subjunctivo, optativo, alem do infinito e formas participaes; formações regulares do comparativo e superlativo, etc.

O latim reduziu os casos a seis typos, em que se misturam algumas formas dos casos perdidos (*Romae*, em Roma, não é um genitivo, mas um locativo); perdeu o dual, de que apenas são um ultimo vestigio *ambo* e *duo;* confundiu o subjunctivo com o optativo (*dicam* corresponde a um subjunctivo primitivo; *sim* por *siem* é um optativo). Um tempo que pertencia, sem duvida, já á lingua de que o sanskrito, grego, latim, etc., são dialectos e que se encontra em grego e sanskrito, o aoristo (com duas formas: aoristo primeiro e aoristo segundo) não se encontra em latim. Em compensação d'essas perdas apparecem algumas vezes processos novos de formação, por meio de composição; assim em latim com os themas dos verbos em *ā, ē, ī (ama-re, debē-re, vestī-re), ĕ* e formas d'um verbo *fu* ou *bu*, ser desusadas no periodo historico da lingua, com excepção do perfeito *fui*, se formaram os futuros como *ama-bo (bo* por *buo*, presente de *fu), ama-ba-m (ba-m* imperfeito de *fu), ama-vi* (por *ama-fui).*

Em portuguez as formas do futuro são o resultado da juxtaposição do infinito com as formas do presente do verbo *haver (amar-ei, amar-ás, amar-emos,* etc.); as formas do condicional resultado da juxtaposição do infinito com as formas contractas do imperfeito do verbo *haver (amar-ia* por *amar-havia,* etc.).

Nas phases modernas das linguas indo-europeas observa-se, porém, em muito numero de casos a substituição de formas grammaticaes por construcções syntacticas ou periphrases.

que a producção de formas novas, devendo-se alem d'isso observar que as formas novas, como as que acabamos de notar em portuguez, se distinguem fundamentalmente pelo principio das formas antigas: nestas ha combinação de raizes ou themas, naquellas juxtaposição de palavras que nem sempre chegam a subordinar-se a um só accento, como se dá nos adverbios portuguezes em *mente*, constituidos por um adjectivo feminino, que conserva o seu accento independente, e a palavra *mente*, que do sentido de *intenção*, veiu nessas ligações a ter o de *modo, maneira*.

d) Alterações syntacticas

1) As alterações na syntaxe d'uma lingua de- 57
pendem primeiro que tudo das alterações morphicas; por exemplo, a perda de casos traz comsigo necessariamente a perda de processos syntacticos correspondentes, a introducção ou a generalisação d'outros que os substituam; as modificações que padecem as formas grammaticaes na sua funcção, isto é, a sua adopção para exprimirem relações diversas das que exprimiam primeiramente, ou o desuso d'ellas para a expressão de relações que até certo momento exprimiam, produzem um resultado analogo ao primeiro.

2) Assim como uma palavra faz muitas vezes desapparecer outra synonyma, assim um processo syntactico faz muitas vezes desapparecer outro processo equivalente: por exemplo o verbo *começar*, que se construe hoje com um infinito fazendo preceder este geralmente da preposição *a*, e muito raramente da preposição

de, mas nunca, a não ser por affectação de seiscentismo, sem preposição, encontra-se nos escriptores do seculo XVI construido por esses tres processos:

1. *Começar* com infinito sem proposição. «Começavam dar testemunho do muito que depois fezeram.» Moraes, *Palm.* c. 11. «Começou dizer antre si.» *Ibidem,* c. 25. «Comece ser sentida.» A. Ferreira, *Odes,* I, 1.

2. *Começar* com *de* seguido de infinito. «Começou de lhe perguntar.» Barros, *Clarim.* II, 1. «Começou de bradar.» G. Vic., *Barca do Purg.*

3. *Começar a.* «Começou a dizer hum marinheiro.» Barros, *Clarim* II, 3. «... Alto, começar A travar dos vestidos, e cabecear.» G. Vic., *Dial. sobre a Resurr.*

3) Succede muitas vezes que um processo syntactico que exprimia duas ou mais relações differentes deixa de ser empregado para a expressão d'algumas d'essas relações, afim de evitar a ambiguidade. É um facto comparavel ao da perda de significações nas palavras. Por exemplo, o gerundio d'um verbo precedido da preposição *em* equivalia no portuguez antigo a *logo que* seguido do verbo no futuro do conjunctivo e exprimia tambem a mesma relação que o simples gerundio, como por exemplo na passagem seguinte: «*Em sendo* abadesa ouue huum filho.» *L. Linh.,* III, p. 195; hoje porém só é empregado com preposição para exprimir a primeira relação, e só, por affectação de archaismo o será para exprimir a segunda.

SECÇÃO II

O LATIM E AS LINGUAS ROMANICAS

(PARTICULARMENTE O PORTUGUEZ)

1. Estensão do dominio do latim em Italia

No começo o latim era apenas a lingua d'um 58
dos numerosos povos italicos, o idioma do Lacio *(Latium,* d'onde *latinus,* que é do Lacio), região abrangendo apenas uma superficie de 272 kilometros quadrados, limitada ao norte pelo Tibre, ao oriente pelas montanhas da Sabinia, ao sudoeste pelos picos dos Volscos e ao oeste pelo mar.

Quando os romanos começaram a conquista da Italia fallava-se celtico na Gallia cisalpina, etrusco na Etruria, e diversos dialectos estreitamente aparentados com o latim na Umbria, Sabinia, Campania, Samnium e Lucania; havia além d'isso importantes colonias gregas em Cumas, Sicilia, etc., onde se fallava o grego. Na extremidade sueste da peninsula italica, na

Apulia e na Calabria, teem-se achado vestigios da lingua dos japygios ou messapios; essa lingua pertence tambem ao grupo indo-europeu.

59 Os dialectos antigos da peninsula italica, estreitamente aparentados com o latim, formam com este o grupo italico (vid. § 40, *b*). Temos monumentos d'alguns d'elles, que são o sabellico, o umbro, o volsco, o falisco e o osco.

Sabellico. Os mais antigos monumentos d'este dialecto, e ao mesmo tempo das linguas e escripturas italicas, são duas inscripções achadas em Crecchio e em Cupra maritima. Pertencem provavelmente á epocha das doze taboas e dos decemviros em Roma, das tres guerras com os vejenses (493-440 A. C.). Os mais recentes monumentos sabellicos foram redigidos entre 325 e 174 A. C.

Umbro. Os monumentos mais consideraveis d'este dialecto do povo italiota que antes da invasão etrusca teve maior predominio na peninsula italica, são as taboas de bronze achadas em Iguvium (taboas eugubinas). As mais antigas d'essas taboas escriptas em caracteres nacionaes umbricos remontam ao periodo a que pertencem os mais antigos monumentos sabellicos; as mais recentes devem ter sido redigidas na epocha dos Gracchos, entre 133 e 118 A. C.

Volsco. Ha apenas dous monumentos epigraphicos d'este dialecto; o mais antigo é em caracteres latinos archaicos, que indicam a sua antiguidade e deve ser anterior á conquista de Velletri (Velitra), onde foi achado, pelos romanos, conquista que se deu 338 A. C. O monumento mais recente não é muito anterior á guerra social (90 A. C.).

Osco. Os mais antigos monumentos epigraphicos d'este dialecto são attribuidos ao tempo que vae da invasão dos samnitas na Campania á denominação d'esse paiz pelos romanos (421-338 A. C.). Os mais recentes monumentos oscos provéem do periodo que finda com a guerra social (90 A. C.). A taboa de Bança é o mais consideravel (133-118 A. C.).

Falisco. De todos os dialectos italicos, afins do latim, era o falisco o que menos differia da lingua de Roma. As inscripções faliscas são muito mais antigas que as mais antigas inscripções latinas; os seus caracteres paleographicos são communs em parte ás mais antigas inscripções oscas e sabellicas.

Latim. Os mais antigos monumentos em lingua latina, cuja epocha de redacção podemos determinar, são as inscripções dos tumulos de Cornelio Scipião Barbato, censor no anno 290 A. C., e do seu filho Lucio Cornelio Scipião, censor no anno 258 A. C. Alguns philologos pensam, porém, que a do tumulo do filho é a mais antiga, tendo sido a original do tumulo do pae raspada e substituida posteriormente por outra (1).

1) Com a conquista romana estende-se o do- 60
minio da lingua latina para fóra do Lacio. A guerra social, ultimo esforço dos povos umbro-sabellicos para fundarem uma tardia unidade, uma republica modelada pela de Roma, é a data, não diremos da morte, mas sim do estertor dos dialectos particulares d'esses povos; desde essa data elles não foram mais empregados como linguas escriptas. Como lingua fal-

(1) Na *Historia da litteratura* que preparamos serão mencionados os mais antigos monumentos litterarios propriamente ditos da lingua latina.

lada deviam ainda subsistir durante um periodo cuja duração não foi muito provavelmente consideravel, mas só como linguas populares, como linguas de alguns pontos onde a assimilação romana não foi tão rapida ou tão intensa no começo, até que pouco e pouco, reduzidos a linguas d'um cantão, d'uma familia e por fim d'um só individuo cederam inteiramente o logar ao latim (1).

2) Nas partes meridionaes da peninsula italica e na Sicilia, onde as colonias hellenicas tinham implantado a lingua grega, fazendo desapparecer provavelmente o messapio e outros idiomas de pequenas fracções de perdidas nacionalidades, que tiveram assento naquellas partes, o grego perdeu toda a importancia, cedeu o logar ao latim pouco e pouco, depois da conversão da Grecia em provincia romana.

3) Na epocha da guerra social e das luctas de Mario e Sulla, com a perda definitiva da nacionalidade etrusca, desappareceu a litteratura etrusca, e com quanto a lingua d'esse povo, sem affinidade com o latim, offerecesse maior resistencia á implantação d'este que os outros dialectos italicos, essa lingua desappareceu tambem, sem que possamos indicar a data da sua completa ruina. O sul da Etruria latinisou-se mais rapidamente que o norte, já pela maior proximidade de Roma, já porque nessa parte havia um assaz forte elemento umbro, que, quando os Etruscos repelliram os Umbros da região do Pó na direcção de sueste, não poude refugiar-se nas montanhas.

(1) O cornico, o dialecto celtico de Cornualha, na Inglaterra, era fallado no seculo passado por uma só familia, e por fim por uma só velha. Similhantes factos se dão com todas as linguas que desapparecem.

4) Na Gallia Cisalpina o parentesco do gallo, dialecto celtico, com o latim, facilitava tambem a implantação da lingua dos conquistadores. Vergilio e Livio (Tito), um dos maiores poetas e um dos maiores historiadores de Roma, eram celtas da Cisalpina.

2. Antigos povos e linguas da peninsula iberica

Antes dos Romanos começarem a conquista 61
da Hispania ou peninsula iberica, tinham-se aqui succedido, sobreposto, juxtaposto, fundido camadas de povos de origens muito distinctas.

Os estudos prehistoricos provam-nos que a peninsula foi habitada nas edades em que o homem desconhecia ainda na Europa o uso dos metaes. As relações ethnicas dos povos prehistoricos d'estas regiões com os povos de que mais tarde temos noticia pelos monumentos historicos são ainda incertas.

Uma passagem do polygrapho romano Var- 62
rão, que viveu no primeiro seculo antes da nossa era, indica como habitadores da peninsula os iberos, os persas, os phenicios, os celtas e os carthaginezes.

Iberos. Iberi, Iberia. Esses nomes foram no 63
começo apenas simplesmente denominações geographicas dos habitantes e da região do rio *Iber* (o Ebro); depois a denominação de Iberia estendeu-se á peninsula inteira e a de *Iberi* aos habitantes de toda a *Hispania;* mas esse termo foi empregado principalmente pelos escriptores gregos e latinos para designar os ha-

bitantes da Hispania em que elles não reconheciam nem celtas, nem phenicios, nem carthaginezes ou outro povo historico. Mas d'ahi não se pode concluir que os *Iberi* tomados neste sentido fossem um povo unico, nem que fossem realmente distinctos todos os ramos dos *Iberi*, dos celtas ou de outro povo conhecido fóra da nossa peninsula.

64 *Bascos e iberos.* Na França e na Hespanha, na região Pyrenaica, no primeiro paiz no Labourd, Baixa-Navarra e Soule (antigas divisões), no segundo no senhorio de Viscaya, na provincia de Guizposcoa, em parte da provincia de Alava e do reino de Navarra, falla-se ainda hoje uma lingua que tem o nome geral de basco, vasconço ou biscainho, a que os proprios que a fallam chamam *euskara*, e que comprehende tres grupos de dialectos (ao todo oito dialectos). Todas as tentativas até hoje feitas para classificar essa lingua genealogicamente carecem de base.

Do seculo x ao seculo xv os unicos vestigios certos do basco são alguns nomes espalhados em documentos em latim ou castelhano. Do seculo xv temos uma canção franceza com um estribilho basco; a partir do seculo xvi apparecem-nos já estensos monumentos d'esta lingua, dos quaes o mais importante é uma traducção do Novo Testamento publicada em 1571.

Os baseos são considerados por diversos escriptores como representantes dos iberos, que olham como um povo particular, distineto dos celtas, e a sua lingua como representando a lingua dos habitantes da Hispania anteriores ás invasões dos povos indo-europeus. A lingua

euskara ter-se-hia estendido por toda ou quasi toda a peninsula. Comquanto não se possa deixar de considerar o basco como o representante de uma antiga lingua iberica, não está demonstrado scientificamente que o seu dominio antigo fosse tão estenso como se tem pretendido.

Celtas. Damos o nome de celtas ao povo ou 65
povos que fallavam dialectos do ramo a que pertencem a antiga lingua das Gallias, de que temos vestigios em cerca de vinte inscripções e numerosos nomes proprios de logar, de divindades e de pessoas, e os dialectos modernos fallados na Irlanda, Escocia, paiz de Galles e Baixa-Bretanha, que mencionamos no grupo indo-europeu, ramo celtico (§ 40, *b*). Abstrahimos aqui da questão se esses povos, fallando linguas celticas, tinham a mesma origem, o mesmo typo physico, os mesmos costumes; é a questão da lingua que nos occupa. Ora o estudo dos nomes antigos de logar, de rios, de montes da peninsula iberica, os nomes de pessoas e de divindades que nos conservaram os escriptores gregos e latinos e as inscripções latinas, estudados comparativamente, permittem affirmar que o dominio dos povos fallando dialectos celticos na peninsula foi mais estenso do que alguns ethnologos teem pretendido e do que as noticias expressas dos antigos geographos fazem suppor. Na Lusitania e na Callaecia são mais ou menos evidentes numerosos elementos onomatologicos celticos: assim é muito provavel a celticidade dos nomes dos rios *Ana* (Guadiana), *Vacua* (Vouga), *Durius* (Douro), *Minius* (Minho); dos nomes do monte *Erminius* (*Herminius* de *er* particula re-

forçativa celtica, e raiz *min*, que se encontra tambem em lat. *emineo, promineo*, etc.), *Vindius* (raiz *vind*, ser branco), dos nomes dos chefes lusitanicos *Viriatus* (adornado com a *viria*, bracelete celtico; compare-se o nome latino *Torquatus*), *Tautamus* (de *tauta*, cidade, povo; comp. os nomes latinos *Civilis, Publius*, etc.); dos nomes das divindades *Bormanicus* (o que faz ferver; *Bormanicus* era o deus tutelar das caldas de Vizella), *Tameo-brigus* (divindade tutelar do rio Tamega), etc. Sem duvida os celtas da peninsula assimilaram a si os povos que encontraram aqui estabelecidos e pelas diversas misturas se differenciaram. A estensão dos dialectos celticos na peninsula contribuiu fortemente para facilitar a implantação do latim, porque as linguas celticas nas suas antigas phases apresentavam numerosas particularidades grammaticaes que, dentro do grupo indo-europeu, as approximavam notavelmente do latim.

66 *Persas.* Não se pode determinar o que fossem os persas mencionados na lista de Varrão. O poeta Silio Italico falla nos *sarmaticos muros* de Uxama, cidade antiga da Hispania, cujo nome parece celtico (de *uxos*, elevado). Diefenbach pensa que esses persas da Hispania eram os sarmatas, edificadores de Uxama. Os sarmatas eram, pelo menos em parte, de origem iranica. Mas essa questão dos persas de Hispania é muito obscura.

67 *Phenicios.* Pela lingua, pelo menos, os phenicios pertenciam ao grupo semitico. Segundo Strabão, teriam elles occupado a melhor parte da Hispania já em tempos anteriores a Homero, o que designa d'um modo vago uma alta

antiguidade. Admitte-se que os seus estabelecimentos nas costas do Mediterraneo datam do anno 2000 antes da nossa era, do tempo em que os Hyksos dominavam o Egypto. As colonias hispanicas dos phenicios, de que a mais antiga parece ter sido Gades, foram numerosas e importantes; pelo que a lingua phenicia, dialecto semitico, como já dissemos, e muito proximo do hebreu, foi sem duvida fallada por um numero assaz consideravel de colonisadores da Hispania antes do dominio romano, na zona meridional maritima e numa estensão assaz consideravel das costas do Atlantico. O semitologo Gesenius attribue origem phenicia aos nomes de logar da Hispania *Abdera, Barbesula, Barcia, Belon, Calpe, Carteia, Castulo, Certima, Cissa, Gades, Hippo* (que vê tambem nos nomes apparentemente compostos *Baesippo, Olisipo, Irippo, Ostippo, Acinippo,* etc.), *Hispalis, Malaca, Sex, Suel.* O punico, lingua dos carthaginezes, era um dialecto phenicio.

Gregos. Um outro povo, cujas colonias his- 68
panicas tiveram muita importancia, foi o grego. Os chronologos vacillam entre 700 e 900 annos antes da E. C. na determinação da epocha em que os phoceos, os descobridores gregos da Iberia, fizeram a sua viagem de exploração (Herodoto, liv. I, 163). As colonias gregas da Hispania, Rhoda, Sagunto, Emporias, etc., eram todas de fundação posterior á epocha d'aquelle descobrimento. O commercio dos gregos com a Hispania esteve interrompido desde a viagem dos phoceos até a dos samios (Herodoto, liv. IV, 152), que os chronologos dão como feita no anno 640 antes da E. C.

Os colonos gregos foram representantes na peninsula da adiantada civilisação do seu paiz. D'elles, na opinião do historiador Mommsen, receberam os povos ibericos o alphabeto phenicio modificado, e não directamente dos phenicios. O grego pertence, como vimos, ao grupo indo-europeu; as suas formas grammaticaes e o lexico offerecem muitas analogias particulares com o latim, que facilmente se implantaria pois nas colonias hellenicas da Hispania.

69 *Elementos libycos.* A presença na Hispania antiga de elementos de população libyca ou berbere é mais que provavel. Nas colonias phenicias deviam encontrar-se necessariamente esses elementos, e diversos documentos permittem reconhecer a sua passagem em periodos posteriores ao das colonias phenicias.

3. Romanisação da peninsula iberica

70 Recordemos succintamente os factos que determinaram a romanisação da peninsula hispanica.

Depois da guerra dos mercenarios Carthago enviou para a Hispania Amilcar com o seu exercito (238 antes da E. C.). A conquista da peninsula, em que o general carthaginez empregara todos os recursos da violencia e da politica, ia já adiantada quando elle foi morto numa batalha contra os lusitanos (229). Seguiram-se-lhe successivamente no commando Asdrubal, seu genro, morto por um escravo gallo, e Annibal, seu filho. Em 219 a familia dos Barcas era senhora de toda a Hispania para aquem do Ebro, onde um tractado com os romanos

tinha feito parar Asdrubal. Os odios que tinha suscitado a primeira guerra punica foram de novo incendidos por Annibal com a tomada de Sagunto, cidade em que havia uma população mixta de gregos e romanos. D'esta declaração de guerra, confirmada deante dos deputados romanos, resultou a passagem de tropas romanas para a peninsula. Duas legiões commandadas por Cneu Scipião punham os pés na Hispania no momento em que Annibal, depois de ter completado aqui a obra da conquista matando grande numero de vacceos e carpetanos e derrotando os olcades junto de Toledo, entrava em Italia (218). A principio ganhou Cneu Scipião grandes vantagens sobre as tropas que Annibal deixara na peninsula, e quando seu irmão Cornelio se lhe veiu juntar, as coisas corriam-lhe prosperamente. Mas, com a vinda d'um principe numida e seu exercito, a posição dos Scipiões tornou-se insustentavel: separaram-se, julgando vencer assim as difficuldades, mas perderam-se. Publio Scipião veiu reconquistar para Roma o terreno que a desgraça de seu irmão fizera perder. Da epocha da sua passagem (214) pode datar-se o estabelecimento do dominio romano na peninsula, dominio que abalado pelas luctas de alguns povos ibericos, principalmente dos lusitanos, insurreccionados em 153 por um emissario de Carthago, e mais fortemente pela guerra de Sertorio (82-71), ficou inteiramente assente e em paz até á invasão dos barbaros.

A politica dos romanos levava-os a assimilar 71
pouco e pouco á sua civilisação os povos barbaros subjugados. Uma das condições principaes para se realisar essa assimilação era a im-

posição da lingua. Os romanos não aprendiam, salvo alguma rara excepção, as linguas dos povos barbaros, pelas quaes tinham o maior desprezo; os barbaros subjugados, que se viam na necessidade de se entenderem com os soldados, com os colonos, com os magistrados romanos, eram pois forçados a aprender a lingua latina. Deu-se com esta lingua na Hispania, como nas Gallias, e nos outros paizes que se encorporaram ao imperio romano um facto da mesma natureza do que se deu modernamente com o portuguez, o hespanhol, o italiano, o francez, o inglez, etc., nas colonias e conquistas dos europeus na Africa, Asia e America, onde os povos indigenas são forçados a aprender essas linguas; e o modo por que os barbaros aprenderam o latim foi muito provavelmente o modo por que essas linguas modernas teem sido aprendidas fóra da Europa.

72 Na primeira phase da acquisição o latim foi talvez extremamente simplificado nas formas; as palavras só mais essenciaes foram aprendidas e a pronuncia experimentou modificações mais ou menos consideraveis.

Modernamente, o portuguez por exemplo, experimenta as seguintes modificações na bocca dos indigenas da Africa: as formas verbaes reduzem-se ao infinito e algumas outras de uso mais frequente, os diversos tempos sendo expressos por palavras auxiliares; as distincções de masculino e feminino, singular e plural desapparecem. Mas como o dominio romano durou muito, como a cultura litteraria de Roma se estendeu por todo o imperio, a maior parte das riquezas grammaticaes do latim foram conhecidas do povo em todo o imperio do

occidente, salvo nalgumas regiões onde as linguas anteriores persistiram.

A marcha da romanisação, da latinisação dos 73
povos submettidos não caminhou por toda a parte por egual: na peninsula hispanica podem-se assignalar differenças consideraveis. Strabão, que nasceu cerca do anno 50 antes da E. C. e morreu em o anno 14 da E. C., emquanto nos descreveu como estando em grande estado de atrazo alguns povos das regiões montanhosas da peninsula, diz-nos que os turdetanos se tinham convertido inteiramente ao modo de viver dos romanos, tendo até renunciado ao seu idioma nacional.

Diversas passagens dos escriptores antigos 74
testemunham pela persistencia das linguas pre-latinas da Hispania.

Cicero, *De divinatione*, II, 64: «Similes enim sunt dei, si ea nobis obiciunt, quorum neque scientiam neque explanatorem habeamus, tanquam si Poeni aut Hispani in senatu nostro sine interprete loquerentur.» Strabão, lib. III, falla de differenças de linguas entre os povos ibericos. Plinio, *Hist. nat.*, III, 1, menciona a lingua dos celticos e celtiberos. Silio Italico, referindo-se apparentemente ao tempo de Annibal, mas muito provavelmente tambem ao seu, menciona a lingua dos Callaicos:

Callaeciae pubem,
Barbara nunc patriis ululantem carmina linguis.

Nenhuma passagem posterior a Silio Italico, que floresceu na segunda metade do I seculo da E. C., nos indica a existencia d'uma lingua

peninsular differente do latim, até á queda do imperio.

75 A litteratura romana teve como cultores muitos filhos da Hispania. Já Horacio chamava douto ao Ibero:

... me peritus
Discet Iber ...
(Odes, II, 20.)

Quando Lucano e Marcial, naturaes da Hispania, escreviam, nenhuma outra parte do imperio lhes oppunha talento egual. Os dois Senecas, Collumella, o agronomo, Porcio Latro, o professor de Ovidio e de Augusto, eram hispanos.

76 Uma parte da Hispania, correspondente talvez aproximadamente ao dominio do basco, pelo menos ao seu dominio medieval, resistiu á romanisação completa, conservando a sua antiga lingua.

4. O latim vulgar e o latim litterario

77 O latim popular da Hispania não podia deixar de divergir, como por todas as outras partes do imperio, do latim litterario. Aos ouvidos mesmo dos puros latinistas não escapavam os provincianismos dos homens ainda instruidos da Hispania, como nos testemunha, por exemplo, a seguinte passagem de Cicero pro Archia x, 26: «Q. Metello Pio ... qui praesertim usque eo de suis rebus scribi cuperet, ut etiam Cordubae natis poetis, pingue quiddam sonantibus atque peregrinum, tamen aures suas dederet.»

78 Não temos nenhum monumento do latim vulgar; mas pelas numerosas indicações dos

antigos escriptores, pelo estudo de grande numero de certas formas ministradas pelas inscripções e os manuscriptos romanos, as quaes devem ser consideradas como populares ou manifestando uma influencia popular, pela combinação de varios dados da historia das linguas, podemos fazer uma ideia assaz exacta das relações em que se achava a lingua popular para com a lingua litteraria. É mister em tudo o que diz respeito ao latim vulgar distinguir cuidadosamente as epochas: tal opinião verdadeira ou proxima da verdade com relação a uma pode ser falsa com relação a outra. Assim negou-se que o latim vulgar tivesse casos, e pretendeu-se que em geral se tinham dado nelle já as modificações que se observam nas linguas portugueza, hespanhola, provençal, franceza e italiana, quando as comparamos com o latim litterario. Essa opinião é extremamente erronea.

Os escriptores latinos não tinham inventado 79
os casos da declinação da sua lingua, nem a voz passiva, nem os tempos dos verbos latinos que faltam nas linguas que hoje representam o idioma de Lacio; elles tinham achado todas essas riquezas grammaticaes na lingua popular, que as possuia em grande parte em commum com os outros dialectos italicos, o osco e o umbro; os casos não eram mais do que a herança commum indo-europea, mais bem representada pelos oito casos distinctos do sanskrito que pela declinação, já em decadencia, do grego e do latim (1). Mas já no periodo a que

(1) Varrão (nascido em 116 A. C.), *De lingua latina*, VIII, 6, diz que, apenas algumas palavras novas se introduziam na lingua, toda a gente as declinava logo sem difficuldade: *itaque novis nominibus aliatis in consue-*

remontam os mais antigos monumentos latinos o latim tinha passado por consideraveis transformações e nesse periodo havia no emprego de certas formas grammaticaes grandes oscillações, que continuaram mais ou menos nos periodos seguintes, na linguagem popular, principalmente das provincias que pouco e pouco se foram incorporando no dominio de Roma. Assim, nos ultimos tempos do imperio, o *m* e o *s* finaes, que representam um papel importante na declinação, eram pronunciados em geral muito obscuramente e ainda supprimidos; o *i* final breve confundia-se com *e;* muitos diphthongos tinham-se fundido num só som; d'ahi resultava uma grande confusão de formas na declinação, como pode vêr-se do seguinte exemplo:

SINGULAR

nom.	rosa	*lat. pop.*	rosa
acc.	rosam		rosa
voc.	rosa		rosa
abl.	rosa		rosa
gen.	rosae		rose
dat.	rosae		rose

PLURAL

nom.	rosae	rose
voc.	rosae	rose
dat. abl.	rosis	rosi, rose
acc.	rosas	rosas (rosa)
gen.	rosarum	rosaro

tudinem, sine dubitatione eorum declinatus statim omnis dicit populus; e que os escravos comprados de novo para uma casa onde tinham numerosos companheiros, mal conheciam o caso recto do nome d'estes, o faziam passar por todos os casos obliquos: *etiam novicii servi empti in magna familia cito omnium conservorum nominis recto casu accepto in reliquos obliquos declinant.*

Essa confusão chamava o emprego frequente de preposições, a substituição d'uns casos por outros em certas condições, etc. Havia naturalmente já differenças segundo as provincias, mas sem constituirem ainda dialectos definidos. É mister sobretudo distingnir as epochas em tudo o que respeita ao latim vulgar.

A existencia d'uma lingua litteraria, fixada 80
pelos grandes escriptores do periodo classico da litteratura latina (epochas de Ciccro e de Augusto), a cujos canones os escriptores posteriores em geral tentavam conformar-se, pelo menos no que respeita ás formas das palavras, o desenvolvimento dos estudos grammaticaes que indicavam e condemnavam as alterações que se introduziam na lingua, impunham um obstaculo a que as tendencias transformadoras existentes no latim vulgar chegassem a um pleno desenvolvimento. As numerosas inscripções do imperio, além da litteratura, mostram-nos que havia nelle um muito consideravel numero de individuos que conheciam a lingua litteraria, comquanto nellas, como já notámos, se revelem tambem as tendencias do latim vulgar.

Nas inscripções romanas da Hispania, re- 81
unidas na maior parte pelo epigraphista allemão Emilio Hübner, ha muitas d'essas irregularidades de formas ou de construcção, que se devem attribuir á influencia do fallar popular; mas essas irregularidades não provam a existencia de um dialecto especial hispanico: são identicas ás que se encontram nas outras partes do imperio. Sem duvida o latim vulgar não era perfeitamente identico por toda a parte; não podemos apreciar muitas differenças que

já nelle se deviam dar segundo as regiões; mas podemos admittir que nas suas tendencias geraes elle era quasi uniforme: as linguas saidas do seio d'elle o confirmam.

5. A invasão dos barbaros e a decadencia da cultura romana

82 Tres causas principaes, produzindo a decadencia da cultura romana e da litteratura latina em particular, promoveram a rapida alteração do latim a partir da epocha de Constantino Magno: 1) a decadencia completa da nobreza romana, que fôra o principal sustentaculo da litteratura e da alta cultura; 2) a victoria do christianismo, cujos doutores condemnavam e desprezavam geralmente a leitura dos classicos pagãos; 3) a invasão dos barbaros.

83 Pelos annos de 409 os vandalos e os suevos, povos germanicos, e os alanos, povo de origem iranica (1), precipitaram-se atravez dos Pyrineus na peninsula hispanica. Depois de varias luctas, dividiram entre si o paiz, em que havia uma população profundamente decahida: aos alanos coube a Lusitania e a Carthaginense, aos vandalos e suevos a Callaecia e a região hoje denominada Castella-a-Velha, aos silingos, ramo dos vandalos, a parte da Betica a que se chama Andaluzia.

O dominio d'esses povos na peninsula foi de pouca duração: as guerras reciprocas e as lu-

(1) Os alanos vieram da vertente septentrional do Caucaso, onde habitavam d'esde alta antiguidade; o primeiro nome com que apparecem na historia (em Herodoto) é o de *budinos*. O grande ethnographo Zeuss considera-os como formando parte da raça dos scythas nomadas, apparentados aos medo-persas.

ctas com os visigodos que pouco depois atravessaram os Pyrenens, obrigaram os vandalos a passar para a Africa, e destruiram quasi inteiramente os alanos, cujos restos se uniram aos suevos. Estes adquiriram poder na Betica e na Lusitania, mas enfraquecidos pela guerra incessante, já com os ultimos restos das tropas romanas conservadas na Hispania, já com os visigodos, pouca duração teve a sua independencia: o seu ultimo rei Audica caiu nas mãos dos visigodos em 585.

Os visigodos ou godos do occidente, para os 84
distinguir dos ostro — ou ostogodos, godos do oriente, eram um dos principaes e o menos rude dos ramos dos povos germanicos.

No tempo de Valerio e Gallieno tinham feito uma exploração á Galacia e Cappadocia, d'onde tinham trazido escravos christãos, que foram os primeiros que lhes fizeram conhecer o christianismo. O bispo Vulfilas traduziu para elles do grego em gothico o Antigo e o Novo Testamento. J. Grimm pensa que os visigodos e ostogodos fallavam o mesmo dialecto com pouca differença.

Chegados á Hispania os visigodos foram acolhidos como amigos e auxiliares contra os invasores anteriores e o seu dominio estabelece-se sem difficuldade da parte da população romana. Em 476 Odoacro era rei de Roma e a dymnastia visigothica foi depressa reconhecida por elle.

A invasão barbara teve como consequencias 85
immediatas, entre outras, a ruina da nobreza romana, a suppressão da maior parte das escolas, o desapparecimento quasi total da cultura litteraria, a que apenas se applicava um

pequeno numero de individuos; geralmente da classe ecclesiastica. Os senhores barbaros em regra não queriam que os filhos fossem instruidos em qualquer sciencia, porque, como diz o historiador Procopio, pensavam que a instrucção nas sciencias tendia a corromper, a enervar e deprimir o espirito; que o que se acostumara a tremer debaixo da vara do pedagogo jámais olharia para uma espada ou lança com olhar destemido.

Os membros da classe ecclesiastica que ainda se dedicavam ás lettras eram, como dissemos, adversos ao estudo da litteratura classica; assim Isidoro de Sevilha, o ultimo que na Hispania visigotica tentou escrever latim com correcção, prohibiu aos monges que estavam sob a sua direcção a leitura dos escriptos dos pagãos.

86 A necessidade que tinham os barbaros de communicar com as populações conquistadas, exigia que uns adoptassem a lingua dos outros. Nesta conjunctura os conquistadores adoptaram a lingua dos conquistados. As causas d'este phenomeno estão sobretudo 1) em que a população romana era em maior numero que a barbara; 2) em que o latim era a lingua da igreja e da lei; 3) em que os romanos eram superiores pela cultura aos barbaros, apesar da decadencia d'aquella, e que se julgavam taes. Esse phenomeno deu-se em toda a Europa latina. As linguas germanicas tinham a mesma estructura fundamental que o latim, mas achavam-se, no momento da conquista, já profundamente differenciadas d'este; ainda assim era mais facil aos germanos aprender o latim do que seria a um povo fallando uma lingua de

origem diversa. Em muitas particularidades grammaticaes as analogias do gotico, por exemplo, e do latim eram ainda evidentes. Exemplifiquemos com o presente do indicativo do verbo *habere* latino e do gotico *haban:*

latim		*gotico*	
habeo		haba	
habes		habais	
habet		habaith	
habemus		habam	
habetis		habaith	
habent		habant	

É difficil determinar a epocha em que os vi- 87
sigodos da Hispania tinham abandonado inteiramente a sua lingua. «Emquanto os visigodos professaram o arianismo gozou a sua lingua de uma vantagem que faltou ao francico e ao lombardo; era ella usada na vida ordinaria, mesmo na igreja. Depois que o rei Recaredo se converteu ao catholicismo (586) e foi concedido direito egual a todos os seus vassalos sem consideração de origem, a fusão dos germanos e romanos, favorecida por elle e por seus successores, realisou-se mais promptamente que em qualquer outra parte (1).»

6. Influencia dos povos romanisados e dos barbaros sobre o latim

Tem-se considerado muitas vezes o portu- 88
guez e as outras linguas em que o latim se differenciou dialectalmente como uma mistura

(1) Diez, *Grammatik der romanischen Sprachen*, I², 64-65.

do latim com as linguas dos povos conquistados pelos romanos e dos povos barbaros; essa opinião está abandonada pelos verdadeiros glottologos, mas uma parte d'estes admitte ainda uma influencia directa das linguas d'esses povos e principalmente das linguas dos povos conquistados pelos romanos sobre o latim. Em rigor esta segunda opinião é identica á primeira, porque se admitte que para o latim passaram das linguas dos povos conquistados *sons, formas grammaticaes, processos syntacticos,* houve mistura em maior ou menor grão. A mistura de linguas consiste na fusão de suas particularidades grammaticaes; a simples adopção de palavras completas não constitue mistura.

89 Não pode affirmar-se que a grammatica do portuguez, como a das outras linguas romanicas seja em todos os seus caracteristicos de origem latina. Ha em portuguez, por exemplo, os suffixos *arro, arra (bocarra, homenzarr-ão), orro, urro (cachorro, mazorra, modorra, pachorra, pitorra),* que não são de origem latina e que se encontram tambem no basco, parecendo pois terem uma origem euskara; o suffixo *engo (realengo, reguengo, solarengo, molherengo),* que é de origem germanica; os suffixos *ista, issa (essa),* que são de origem grega e nos vieram pela corrente do latim ecclesiastico. Em francez o processo de contagem vigesimal (quatre-vingts=80) é de origem celtica. Mas essas particularidades morphologicas, assim como algumas syntacticas, que não tem origem latina, são muito pouco numerosas.

Na morphologia e na syntaxe as linguas romanicas são uma transformação organica do la-

tim sem influencia directa de lingua estranha, salvo nalgumas particularidades secundarias.

Com relação aos sons, a questão é mais com- 90
plexa. Os systemas phoneticos das linguas dos povos barbaros differiam mais ou menos consideravelmente do latino; é pois não só natural pensar que na bocca d'esses povos se alterasse a pronuncia do latim, mas é um facto demonstrado pelo testemunho dos antigos que essa alteração se dava.

Aulus Gellius, VI, 2: Quod nunc autem barbare quem loqui dicimus, id vitium sermonis non barbarum esse, sed rusticum et cum eo vitio loquentes rustice loqui dictitabant.

Hieronymus, *Epistola* LXVI *ad Lact.:* Sequatur statim latina eruditio, quae si non ab initio os tenerum composuerit, in peregrinum sonum corrumpitur et externis vitiis sermo patrius sordidatur.

Isidorus Hispalensis, *Origines,* XXXI, 1: Appellatur autem barbarismus a barbaris gentibus, dum latinae orationis integritatem nescirent. Unaquaeque enim gens Romanorum facta cum opibus suis vitia quoque verborum et morum Romam transmisit.

Mas nenhuma modificação profunda foi feita na pronuncia, no primeiro momento: deu-se apenas uma modificação geral sem dúvida, uma apropriação dos sons latinos aos orgãos barbaros, mas tão fiel quanto possivel dentro dos limites impostos por habitos tradicionaes diversos de pronuncia. Nenhum som das linguas barbaras foi introduzido violentamente na pronuncia do latim; nenhum som latino foi supprimido violentamente; nenhum som latino trocado por um som muito diverso. Obscureci-

mento d'uns sons, differenciação a principio pouco sensivel d'outros, tudo submettido a typos geraes de pronuncia, determinado pelos habitos particulares dos diversos povos, eis os caracteres phoneticos do latim na bocca dos povos romanisados. Essas differenciações porém foram o ponto de partida de todas as alterações posteriores, realisadas independentemente de influencia estranha. Podemos conceber, em verdade, que sem a influencia da pronuncia dos povos estranhos, que o adoptaram, o latim se alterasse; porque conhecemos linguas em que alterações mais ou menos consideraveis se teem dado sem influencia estranha; mas apesar d'isso aquella influencia deve ser considerada como um factor na historia do latim, factor a que porém não se deve attribuir uma importancia exagerada.

7. Formação das linguas romanicas

91 É no periodo que vae da queda do imperio do occidente até ao apparecimento das linguas romanicas como linguas escriptas, que o latim vulgar, já em todas as boccas, porque o latim litterario se tornava inintelligivel fóra do pequeno circulo dos lettrados, se differencia profundamente no espaço e no tempo: é então que as differenciações dialectaes, iniciadas, sem duvida, desde a primeira implantação do latim vulgar nas diversas provincias do imperio, se produzem independentemente, segundo regiões, graças á scissão do imperio e ás differenças dos povos barbaros nelle estabelecidos e da organisação dos seus estados. Mas não

foi d'um salto que as linguas romanicas chegaram a apresentar as feições com que as vemos nos seus monumentos escriptos: todas as modificações que se operaram foram o resultado de um trabalho lento, de accumulações successivas, comquanto a sua marcha não fosse egual nem em todas as partes, nem em todos os tempos. Ainda depois de chegarem a ser linguas escriptas essas linguas teem continuado a experimentar até hoje alterações successivas.

92 Os mais antigos monumentos do francez remontam ao seculo IX; são os mais antigos de todas as linguas romanicas.

Os do provençal remontam ao seculo X.

Os do hespanhol (castelhano) e do italiano remontam ao seculo XII.

O valachio ou rumeno é o unico dialecto romanico do imperio do Oriente. Julgou-se durante muito tempo que representava o latim dos colonos romanos enviados para a Dacia no tempo de Trajano; mas está provado que os rumenos são os descendentes dos povos barbaros, parcialmente romanisados, que occupavam as regiões do imperio situadas entre a Grecia e o Danubio. Os rumenos que habitam os paizes correspondentes á antiga Dacia immigraram para lá, ao que parece, só no seculo XII ou XIII da E. C. Uma fracção de rumenos vive ainda nas montanhas da Macedonia.

93 Os principios geraes que se observam quando se comparam as linguas romanicas com o latim e se busca dar as leis geraes da sua formação, são os seguintes:

1) A vogal latina accentuada permanece em

geral e com o accento, modificando-se apenas na qualidade, dependente da sua quantidade;

2) As vogaes atonas são frequentemente supprimidas; mas essa suppressão está sujeita a condições especiaes;

3) As explosivas surdas *k, t, p* são substituidas pelas sonantes *g, d, b* e as sonantes supprimidas; mas este principio está sujeito a muitas restricções;

4) Um certo numero de consoantes são syncopadas; os dialectos apresentam neste ponto grandes divergencias; a maior parte das consoantes finaes latinas apocopadas;

5) *c (k)* e *g* deante de *e* e *i*, que em latim foram pronunciadas até tarde como explosivas, degeneraram em continuas *(tch, tz, ts, z, s; dj, j,* etc.);

6) *ti,* seguido de vogal, foi assibilado (essa assibilação começara já no latim popular do seculo III da E. C.);

7) a declinação latina foi reduzida a um só caso, com formas distinctas para o singular e o plural: o caso normal parece ser o accusativo; mas em francez e provençal antigos conservava-se ainda uma declinação de dois casos;

8) nos verbos desappareceu a voz passiva, substituida pelas construcções periphrasticas com o verbo significando *ser,* como em latim se dava já em muitos tempos da passiva;

9) o futuro latino activo desappareceu sendo substituido por uma construcção periphrastica com o presente de *habere,* de que até no latim classico se acharam já vestigios, pois Cicero, p. ex., diz: «quid *habes* igitur *dicere* de Gaditano foedere?» *Balb.,* 14, 33;

10) conservaram-se a maior parte dos suffixos de derivação do latim, sendo supprimidos no emprego popular os que em latim não tinham o accento;

11) desenvolveu-se o emprego do artigo nascido d'um pronome demonstrativo *(ille, illa)*.

A formação do plural dos nomes, as formas 94
do feminino e do masculino, os pronomes, a maior parte das particulas, todas as formas verbaes, os processos de composição e derivação (com excepção de alguns raros suffixos), os processos syntacticos em geral, a parte mais importante do vocabulario das linguas romanicas, teem a sua razão de ser no latim; por outras palavras, as linguas romanicas são o latim alterado, são phases novas do latim, em que quasi nenhum elemento grammatical é novo.

8. O latim barbaro

No periodo que vae da queda do imperio até 95
ao apparecimento dos primeiros monumentos das linguas romanicas, dos monumentos que nós reconhecemos como escriptos indubitavelmente nessas novas formas de linguagem, nesse periodo continuou-se a escrever apesar da decadencia geral da cultura. Os escriptos que remontam a esses tempos são de duas especies: 1) uns, em geral obras litterarias, conservam em regra as formas do latim classico, empregando assaz correctamente os casos, a voz passiva, etc., com muitos neologismos, muitos desvios na syntaxe com relação ao latim classico, com um estylo de completa decadencia; 2) a segunda especie comprehende em

geral documentos de archivos, obra de tabelliães, etc., em que ha as maiores irregularidades no emprego dos casos e de muitas outras formas latinas, uma construcção em regra completamente differente da latina, numerosissimos neologismos, etc. É á linguagem d'esses documentos que se dá o nome de *latim barbaro*.

96 Na França e na Italia ha documentos em latim barbaro que remontam ao v seculo. Na Hespanha e Portugal os mais antigos d'esses documentos (authenticos) remontam ao seculo IX.

97 Suppoz-se que o latim barbaro era identico á lingua popular do periodo a que nos referimos. Essa opinião não tinha o minimo fundamento. As linguas romanicas são perfeitamente regulares nos seus mais antigos monumentos; as irregularidades apparentes provecmlhes da influencia da orthographia latina (do latim barbaro); o seu desenvolvimento manifesta-se como perfeitamente organico. O latim barbaro é inorganico, inteiramente irregular; emfim uma linguagem forjada artificialmente com formulas ministradas por collecções escriptas de proposito com esse fim, com formas da lingua vulgar e formas mal aprendidas do antigo latim; é emfim uma giria de tabelliães ignorantes em que transparece, mas não se acha reflectida directamente, a lingua popular

98 O documento mais antigo em latim barbaro de territorio portuguez, publicado na collecção das *Charta et diplomata* da Academia das Sciencias, pertence ao reinado de Ordonho I (850-866).

«Hordonius rex uobis iusto abba uel fratribus uestris, per huius nostre preceptionis iussione testamus atque concedimus uobis in suburbio de conimbrie uilla que dicunt algazala cum quantum ad prestitum ominis est: uineas, pumares, terras ruptas uel inruptas. Et alios uillares iuxta ribulo mondeco nomine lauredo et sautelo, ipsas supranominatas per suos terminos anticos in omnique circuitu per locis suis seu uel cum omnibus prestationibus suis quicquid in se continent, etc.»

A ignorancia profunda dos tabelliães, a que 99
devemos esses documentos, revela-se no modo por que elles estropiam completamente as formulas que lhes eram ministradas, já por os formularios, já pelo ensino tradicional dos cartorios. Assim a formula das doações e testamentos em que se exprimia que o doador ou testador obrava sem coacção exterior: *nullius que cogente imperio*, acha-se estropiada ora em *nulus que congentis imperio*, ou *nullus quoquo gentis imperio* em documentos do seculo IX.

9. Os musulmanos na Hispania

Em 711 o conde bysantino Julião introduziu 100
os musulmanos na Hispania e os triumphos de Tarik e Musa decidiram em breve da sorte do imperio visigotico. O dominio musulmano estabelecen-se com rapidez e tres annos depois d'aquella data toda a peninsula se tinha submettido aos novos conquistadores até ás montanhas das Asturias e da Biscaya, detraz das quaes Pelagio se refugiara com os ultimos defensores da Hispania.

A mistura das classes populares christãs com 101
a musulmana foi assaz intima em muitas partes; os christãos que adoptavam os costumes

arabes eram chamados *mosarabes* (tornados arabes). Suppoz-se que sob a conquista musulmana a lingua vulgar, em que o latim se tinha modificado, desapparecesse, sendo conservada apenas pelos refugiados das Asturias d'onde se teria estendido depois com a reconquista christã sobre toda a peninsula. Essa hypothese não tem fundamento. Sem duvida os arabes, que tinham uma cultura litteraria muito notavel, uma lingua verdadeiramente culta, quando dominaram a peninsula não aprenderam em geral a lingua dos vencidos; estes pois eram obrigados a aprender a d'elles, o que nós demais sabemos directamente por uma passagem do escriptor do seculo IX Alvaro de Cordova.

«Heu, proh dolor! linguam suam nesciunt Christiani, et linguam propriam non advertunt Latini ita ut omni Christi collegio vix inveniatur unus in milleno hominum numero, qui salutatorias fatri possit rationabiliter dirigere litteras. Et reperitur absque numero multiplex turba, qui erudite Caldaicas verborum explicet pompas. Ita ut metrice eruditori ab ipsis gentibus carmine et sublimiori pulchritudine.»

É evidente que Alvaro se refere aos instruidos e não ao povo, ao latim litterario; á lingua da egreja, e não á lingua vulgar, á lingua do povo.

102 A ignorancia sempre crescente do latim e o desprezo em que era tida a lingua popular, o *romancium*, considerada como indigna de ser empregada na escripta, fez adoptar o arabe, a lingua viva dos conquistadores, em muitos documentos christãos. João, bispo de Sevilha, traduziu até a Biblia em arabe, por esta lingua ser em geral mais entendida, segundo se pensa, que o latim de S. Jeronymo. Apesar d'esses

e d'outros factos, não pode admittir-se que os dialectos romanicos desapparecessem d'entre a população submettida ao dominio arabe. Os proprios arabes não ignoravam completamente o romano. Uma anedocta, referida em diversos escriptores arabes, mostra que Abderamen III e seus vizires comprehendiam e empregavam algumas palavras romanicas, que elles tinham aprendido, sem duvida, da população christã que os rodeava. O historiador Ibn-Haiyân refere uma phrase em romanico que fôra pronunciada por Omar-Ibn-Hafçûn.

Como os arabes não buscavam assimilar pela 103
conquista os christãos, permittindo-lhes regerem-se pelas suas leis especiaes e conservarem a sua religião, como entre o arabe e as linguas romanicas havia as profundas differenças que separam dois grupos de linguas, irreductiveis segundo todas as probabilidades, os christãos em geral continuaram a fallar os seus dialectos vulgares. Não podem explicar-se as differenças que apresentam os dialectos peninsulares estudados nos seus mais antigos vestigios se não se admitte que o latim vulgar se foi alterando sem solução de continuidade em todo o dominio do hespanhol e do portuguez, durante o periodo visigotico e o periodo arabe.

O estudo dos nomes de logar e das formas dos documentos em latim barbaro prova directamente esse facto.

O arabe não influiu, como tambem se tem 104
pretendido, na pronuncia das linguas peninsulares e especialmente do hespanhol; mas ministrou ao vocabulario d'essas linguas um assaz consideravel numero de palavras, que fo-

ram accommodadas á pronuncia d'esses dialectos.

10. O portuguez lingua escripta

105 No estado de perturbação em que as luctas da reconquista lançavam a peninsula, o conhecimento tão enfraquecido das velhas formas latinas e dos formularios que auxiliavam os escribas na redacção dos contractos tornou-se de cada vez mais escasso, de modo que o logar dado á lingua popular vae sendo de cada vez maior em grande numero de documentos ao passo que nos approximamos do seculo XII. Pelo fim d'esse seculo apparecem já documentos em uma lingua que reconhecemos como a que chamamos portugueza, bem caracterisada pelas suas feições especiaes, embora nesses documentos haja ainda um certo numero de formas do latim barbaro, de modos de escrever tradicionaes.

106 Os mais antigos documentos portuguezes que se acham publicados são uma *noticia particular* sem data, mas que é considerada como remontando ao reinado de D. Sancho I (de Portugal) e uma *noticia de partilhas* datada do mez de março da era MCCXXX (anno 1192).

Extracto do I documento: «... noticia de torto que fecerum a Laurencius Fernandiz, por plazo, que fece Goncavo Ramiriz antre suos filios, e Lourenço Fernandiz, quale podedes saber: e ouve aver derdade, e daver tanto quome uno de suos filios, da quanto podesem aver de bona de seno pater, e fiolios seu e sua mater. E depois fecerum plazo novo, e convem a saber quale: in elle seem taes firmamentos quales podedes saber. Ramiro Goncalviz e Goncalvo Gonca, Elvira Goncalviz, forum fiadores de sua Irmana, que orgase aquele plazo, come illos:

super isto plazo arferum suo pleeto, e a maior ajuda que illos hie conocerum que les aconocer-se Laurenço Fernandiz sa irdade per preito, que a tevese o Abate de Santo Martino, que como vencesem octra, que asi les dese de ista o Abade, e que nunqua illos leexasem daquela irdade, etc.»

A comparação das formas d'esse documento com os que lhe ficam mais proximos em data permitte reduzil-o ás formas populares do tempo.

... noticia de torto que fecerum (ou *fezerom)* a Lourenço Fernandis, por plazo (ou *prazo)*, que feze (ou antes *fez)* Gonçalvo Ramires antre seus filhos, e Lourenço Fernandis, qual podedes saber: e ove (houve) aver derdade e daver tanto come un de seus filhos, de quanto podessem aver de boa de seu padre e filhos de seu padre e sua madre. E depois fecerum (ou *fezerom)* plazo (ou *prazo)* novo, e convem a saber qual: en elle seem (=lat. *sedent)* taes firmamentos quaes (cp. *taes)* podedes saber. Ramiro Gonçalvis e Gonçalo Gonça, Elvira Gonçalves forum fiadores de sua irmãa que orgase (outorgasse) aquelle plazo (ou *prazo)* como elles: sobre este plazo (ou *prazo)* arferum (ou *arfecerom: ar=re?)* seu pleito, e a maior ajuda que elles aqui conocerum (ou *conhocerom)* que les (=*lhes)* acanocesse (ou *aconhocesse)* Lourenço Fernandis sa erdade per preito, que a tevese o abade de São Martinho, que como vencesem outra, que assi les desc de esta o abade, e que nunca elles leixassem daquela erdade... etc.

II documento. In Christi nomine amen. Hec est notitia de partiçon, e de devison, que fazemos entre nos dos erdamentus, e dus Coutos, e das Onrras, e dous Padruadigos das Eygreygas, que forum de nosso padre, e de nossa madre, en esta maneira: que Rodrigo Sanches ficar por sa partiçon na quinta du Couto de Viiturio, e na quinta do Padroadigo desse Eygreyga en todolos us herdamentus do Couto, e de fora do Couto: Vasco Sanchiz ficar por sa partiçon na Onrra Dulveira, e no Padroadigo dessa Egreyga, en todolos herdamentos Dolveira, e en nu casal de Carapezus da Vluar, e en noutro casal en Agiar, que chamam Quintaa: Mem Sanchiz ficar por sa pratiçon na Onrra da Carapezus, e nus outros herdamentos, e nas duas partes do Padroadigo dessa Eygreyga, e no Padroadigo da Eygreyga de Treysemil, e na Onrra e no herdamento Darguiffe, e no herdamento de Lavorados, e no Padroadigo dessa Eygreyga; Elvira Sanches fi-

car por sa partiçon nos herdamentos de Centegaus, e nas tres quartas do Padroadigo dessa Eygreyga, e no herdamento de Treyxemil, assi us das sestas, como noutro herdamento. Estas partiçoens e divisoes fazemos antre nos, que vallam por en secula seculorum amen. Facta Karta mensse Marcii, Era MCCXXX: Vaasco Suariz testis = Vermuu Ordoniz testis = Meen Fanrripas testis = Gonsalvu Vermuiz testis = Gil Dias testis = Dom Minon testis = Martim Periz testis = Dom Stephani Suariz testis = Ego Johanes Menendi Presbyter notavit.

A sciencia latina do presbytero que lavrou estas notas reduzia-se ás formulas iniciaes e finaes; nem sequer sabia bem a formula ecclesiastica *per omnia saecula saeculorum*, pois escreveu *en* por *omnia*. E' evidente que a essa ignorancia do latim se deve ter sido escripto em vulgar com uma orthographia hesitante esse documento. Essa hesitação no emprego duplo de *us* e *os* (artigo), *us* e *os*, terminação de varias palavras, *g* por *j* (Eygreyga = *eigreja*), *g* por *gu* (Agiar = *Aguiar*), mostra que não estava ainda estabelecido ou pelo menos generalisado o uso das lettras *g* e *j* para representar a momentanea sonante guttural e a continua palatal, de modo inequivoco. *Antre* ao lado de *entre* encontra-se até ao seculo XVI na litteratura e ainda hoje na bocca do povo. *Quintaa* deve ter sobre o primeiro *a* um til *(Quintãa)*; mas o notario não conhecia ainda o uso d'este signal para indicar a vogal nasal; é por isso que escreve *divisoes* por *divisões*, *partiçoens* (orthographia que se conserva até muito tarde) por *partições*. *Vluar* deve ler-se *Ulvar*; por *vallam* leia-se *valham*; *lh* ainda não estava escolhido para representar o *l* molhado. Ha hesitação em *Treysemil* e *Treyxemil*; a forma moderna é *Treixomil* ou *Trouxemil* (1).

107 Apesar das indecisões na orthographia, apesar da imperfeição da syntaxe, que de forma alguma caracterisa a lingua de qualquer epocha, porque em todas as epochas se escrevem documentos com uma syntaxe ainda mais irregular, os nossos mais antigos documentos apresentam-nos uma lingua tão determinada

(1) Os documentos são reproduzidos de João Pedro Ribeiro, *Dissertações chronologicas e criticas* I, n.os 60 e 61.

nas suas formas, como o portuguez de qualquer epocha posterior. Não é uma lingua barbara, um idioma na infancia, como se costuma dizer: a supposição da sua rudeza vem apenas d'elle não ser exactamente o portuguez que nós fallamos, de apresentar algumas formas archaicas. É, emfim, uma lingua coherente, clara, um instrumento perfeito para a expressão do pensamento, cuja maior plasticidade dependerá apenas da cultura litteraria.

Depois dos dois documentos referidos só começam a apparecer outros em portuguez, segundo João Pedro Ribeiro, do reinado de D. Affonso III e desde o anno 1255; esses documentos tornam-se muito numerosos no reinado de D. Diniz. Este rei, porém, não ordenou por lei que o portuguez fosse empregado nos documentos publicos. 108

A importancia que a lingua vulgar ganhou nos reinados de D. Affonso III e D. Diniz resultou da cultura litteraria, do emprego d'ella nas composições poeticas e em differentes obras em prosa. A lingua portugueza está *definitivamente* elevada á dignidade de lingua escripta (1). 109

(1) Vide *Secção IV*, cap. 1 e na *Historia da Litteratura* o capitulo sobre a epocha de D. Diniz.

SECÇÃO III

FORMAÇÃO DO LEXICO PORTUGUEZ

1. Elementos latinos

Os sons, as formas grammaticaes e os typos 110
syntacticos da lingua portugueza, salvo um numero insignificante de excepções no que respeita ás formas e talvez aos typos syntacticos, proveem do latim e a filiação d'esses elementos pode demonstrar-se com o maximo rigor (1). Os elementos que representam na grammatica um papel tão importante como os artigos, os pronomes, as preposições, as conjuncções são todos de origem latina; mas um grande numero de palavras empregadas na lingua portugueza não tem origem latina; além d'isso, se do vocabulario portuguez tirarmos todas as palavras que não proveem de palavras, themas ou raizes que se encontram no latim, o que fica,

(1) Vid. §§ 89, 90 e 94.

comparado com o lexico latino, offerece ainda profundas differenças apesar das suas origens estarem todas no ultimo.

Essas differenças consistem principalmente no seguinte:

a) Apparecimento de vocabulos que deviam existir já no latim popular, mas que não foram empregados na litteratura.

b) Emprego normal ou ainda exclusivo de termos que em latim eram pouco usados na litteratura por pertencerem apenas á linguagem popular.

c) Substituição de palavras pelas suas synonymas (este caso coincide em parte com o primeiro).

d) Differenciação phonetica d'uma palavra em duas ou mais formas correspondentes em geral a uma differença de significação.

e) Substituição de palavras latinas por outras derivadas do mesmo radical ou derivadas immediatamente das desapparecidas.

f) Substituição de palavras latinas por outras novas derivadas de radical latino.

g) Desapparecimento de palavras latinas para evitar homonymia.

h) Alterações da significação das palavras.

Ajunte-se ainda que as alterações na organisação social, na religião, nas artes, os progressos das sciencias, emfim todo o movimento historico tão consideravel das nações que correspondem ao antigo imperio do occidente produziram o desapparecimento d'um grande numero de palavras e formação de grande numero d'outras.

a) Palavras provenientes do latim popular que não foram empregadas na litteratura

É difficil affirmar em todos os casos em que 111
se offerece uma palavra portugueza de radical latino, a qual não conhecemos pelo lexico latino, que ella não provenha do latim, isto é, que a sua formação não seja anterior ao quinto seculo da nossa era.

É mister para isso que a palavra de que se tracta seja derivada por um processo desconhecido ao latim ou que um documento qualquer nos prove a data de sua formação posterior áquella epocha. Em latim, por exemplo, é desconhecido o emprego do suffixo *ario*, d'onde o suffixo portuguez *eiro*, para formar substantivos como *carvoeiro, carroceiro, gallinheiro, pereira;* essas formações são propriamente portuguezas. Mas quando esses criterios que nos estabelecem o caracter de formação moderna d'uma palavra faltam, pode suppôr-se que esta existia já em latim, ainda quando não temos prova directa d'isso. E' mister ter em vista que não possuimos o lexico latino completo, já porque o que nos resta da litteratura latina é apenas uma parte, embora muito importante, já porque ainda que possuissemos a litteratura latina completa, ella não representaria inteiramente a lingua fallada, porque ha muitos termos populares ou locaes que nunca chegam a ser reproduzidos pela escripta.

Ha casos em que, sem conhecermos directa- 112
mente (isto pelos escriptores latinos) o typo latino d'uma palavra portugueza, podemos affirmar que ella existia já em latim: é quando

ella é derivada por um processo de formação que não existe em portuguez. Exemplo: *aguçar* vem d'uma palavra latina *acutiare; aguçar* não pode resultar de *agudar*, que seria derivado de *agudo*, porque *d* não se muda em *ç (s);* não pode ser derivado do radical *agu* (=lat. *acu* em *acutus, acuere*, etc.), por meio d'um suffixo *uça* ou *ça*, porque tal processo de derivação não existe em portuguez; ao contrario, em latim derivava-se regularmente de *acutus* um substantivo *acutia*, como de *nequitus nequitia*, como de *peritus peritia*, e de *acutia* derivava-se regularmente *acutiare*, que pelas alterações phoneticas normaes den o port. *aguçar*.

b) Palavras provenientes do latim popular que foram empregadas na litteratura

113 As palavras usadas pelos escriptores latinos do periodo ante-classico ou post-classico, evitadas na boa latinidade, que se reproduzem no portuguez podem em geral considerar-se como pertencendo ao latim popular; taes são:

lat.	*port.*
abante	avante
abbreviar	abreviar
abortare (por *abori)*	abortar
absconsus	esconso, escuso
adjutare	ajudar
badius	baio
blitum	bredo
combinare	combinar
dejectare (por *dejicere)*	deitar
gubernum (por *gubernaculum)*	governo
jejunare	jejuar
jentare	jantar
masticare (por *mandere)*	mastigar, mascar
merenda	merenda
possibilis	possivel

lat.	*port.*
proba	prova
sapius	sabio
testa (no sentido de craneo)	testa
tina	tina
vacivus (por *vacuus)*	vazio.

c) Substituição de palavras latinas por synonymas

Já encontramos no caso *b* alguns exemplos d'este *c*. Nos seguintes exemplos a palavra que permaneceu pertencia indubitavelmente á lingua popular, ou devia ter muitas vezes nella uma applicação mais extensa que na lingua litteraria:

Palavras desapparecidas	Palavras que permaneceram
aedes, domus	casa
bilis	fel
culina	coquina (cozinha)
anguis	serpens, colubra (cobra)
aevum	aetas (edade)
arx	castellum
janua, ostium	porta
urbs, oppidum	civitas (cidade)
lorum	corrigia (correia)
osculum, suavium	basium (beijo)
sidus	astrum
vulnus, ictus	plaga (chaga)
fur	latronem (ladrão)
uxor	sponsa (esposa)
arvum, rus	campus
carmen	cantum
tellus	terra

d) Differenciação d'uma palavra em duas ou mais formas

Ha que distinguir varios casos:

aa) forma popular, isto é, proveniente da tradição latina directamente e alterada segundo as tendencias organicas da lingua ao lado da forma erudita tirada dos auctores ou dos lexi-

cos latinos e accommodada apenas á pronuncia portugueza. Exemplos:

pop.	*erud.*	*lat.*
dobro	duplo	duplum
papel	papyro	papyrus
combro	cumulo	cumulus
rezar	recitar	recitare
mezinha	medecina	medecina
nedio	nitido	nitidus
prégar	predicar	praedicare
madeira	materia	materia
vagar	vacar	vacare
redondo	rotundo	rotundus
delgado	delicado	delicatus
findo	finito	finitus
linde	limite	limitis
amendoa	amygdala	amygdala
cabido	capitulo	capitulum
deão	decano	decanus
leal	legal	legalis
miudo	minuto	minutus
mister	ministerio	ministerium
pégo	pelago	pelagus
teia	tela	tela

bb) duas ou mais formas, todas populares, correspondendo a significações diversas da palavra.

1) as formas proveem d'uma forma anterior que não se conserva em portuguez como forma popular. Exemplos:

	lat.
artigo e artelho	articulus
alvitre e alvedrio	arbitrium
chumbo e prumo	plumbum
coroa e coronha	corona
desbulhar e despojar	despoliare
freire e frade	fratre
ilha e insua	insula
malha, mancha e magua	macula
mosto e moço	mustus
sola e solha	solea
todo e tudo	totus

2) uma das formas populares provém da outra ainda existente:

caudal	de	cabedal	de *lat.*	capitâlis
caveira	»	calveira		calvaria
dom	»	dono		dominus
frei	»	freire		fratrem
mealha	»	medalha		metalla
safo	»	salvo		salvus
tombo	»	tomo		tomus
cem	»	cento		centum
grão	»	grande		grandis
mui	»	muito		multum
são	»	santo		sanctus

cc) formas latinas alteradas em uma das outras linguas romanicas encontram-se ao lado das formas propriamente portuguezas das mesmas palavras:

chefe	*fr.*	chef	ao lado de	cabo	*lat.*	caput
jaula	»	geole		gaiola		caveola
cré	»	craie		greda		creta
hotel	»	hôtel		hospital		hospital
chapa	»	chape		capa		cappa
llano	*hesp.*	llano		chão		planus
frente	»	fruente		fronte		frontem
ópera	*ital.*	opera		obra		opera
attitude	»	attitudine		aptidão		aptitudine
piano	»	piano		chão		planus

c) Substituição de palavras latinas por outras derivadas do mesmo radical ou das palavras desapparecidas

Muitas palavras latinas foram substituidas por derivados mais complexos do mesmo thema ou raiz, derivados que, em muitos casos sabemos que existiam já em latim, que, noutros, decorrem muito provavelmente de lá. Na primeira columna dos exemplos que seguem

vae a forma morta; na segunda a forma hypothetica ou real latina que substitue aquella; na terceira a forma portugueza.

spes	sper-antia	esperança
genu	genu-culu-m *lat.*	geolho, joelho
acs (aer-is)	aer-a-men *lat.*	arame
pollex	pollicare *adj. lat.*	pollegar
talpa	talparia	tonpeira
sturnus	sturninus	estorninho
scaraboeus	scaraboelius	escaravelho
potus	potaginem	potagem
unguis	ungula	unha
calex (calcis)	calcanearc	calcanhar
caecitas	caecaria	cegueira
merx (mere-s)	mere-a-tor-ia	mercadoria
icterus	ictericia	ictericia
—	—	trizia *pop.*
civis	civitatanus	cidadão
praeco (n)	praeconarius	pregoeiro
fornax	fornacea	fornaça *ant.*
—	fornalia	fornalha
salinum	salaria	saleira

Muitos themas que serviam para designar plantas receberam o suffixo *ario, a,* ficando em muitos casos o thema original para designar partes ou productos d'essas plantas. Não se encontrando vestigios d'este processo em latim, em que os themas formados da maneira indicada são empregados como adjectivos, por exemplo, *palmarius, a, um,* relativo á palmeira, plantado de palmeiras, é de querer que este processo seja puramente romanico.

amygdala	amendoa	amygdal-aria	amendoeira
castanea	castanha	castane-aria	castanheira
cerasea (cerasus)	cereja	cerase-aria	cerejeira
ficu-s	figo	fic-aria	figueira
lauru-s	louro	laur-ariu-s	loureiro
miliu-m	milho	mili-ariu-s	milheiro

moru-s	amora	mor-aria	a-moreira
mespilu-s	nespera	mespil-aria	nespereira
nux (nuc)	noz	nuc-aria	nogueira
oliva	—	oliv-aria	oliveira
persicu-s	pecego	persic-ariu-s	pinheiro
piru-s	pero, pera	pir-aria	pereira
prunu-s	abrunho	prun-arius	a-brunheiro
rosa	rosa	ros-aria	roseira
salix (salic)	—	salic-ariu-s	salgueiro
sambucu-s	sabugo	sambuc-ariu-s	sabugueiro
tamarix (tamaric)	—	tamaric-ariu-s	tamargueiro
suber	sobro	suber-ariu-s	sobreiro

No latim ou não havia distincção entre o nome de planta e o do seu producto ou parte (por ex., *citrus*=limoeiro e limão, *laurus*=loureiro e louro, *palma*=palmeira e palma, *rosa*=roseira e rosa, *tamarix*=tamargueiro e tamarindo), ou havia distincção que se fazia por tres modos: 1) por meio da differença dos generos, sendo, em regra, o nome da planta do gen. feminino em *us* e o do producto do gen. neutro (assim *cerasus* e *cerasum*, *arbutus* e *arbutum*, *citrus* e *citrum*, *ebenus* e *ebenum*, *morus* e *morum*, *mespilus* e *mespilum*, *persicus* e *persicum*, *pirus* e *pirum*, *malus* e *malum*, *porrus* e *porrum*, *prunus* e *prunum*, *sorbus* e *sorbum*, *cornus* e *cornum*); 2) por meio de palavras derivadas de raizes diversas (por ex., *corylus* e *avellana*, *quercus* e *glans*, *ulmus* e *samera*, *labrusca* e *oenanthe*); 3) por meio d'um suffixo secundario (por ex., *cacpa* e *cacpula*). O ultimo meio é rarissimo, o primeiro o regular.

No portuguez continua a haver muitos nomes de plantas que não se distinguem dos dos seus productos (cebola, jacintho, trigo, aveia, etc.); o primeiro meio de distincção empregado em latim tendo-se tornado impossivel, foi

compensado com frequente uso do terceiro, como já vimos, o que permittiu maior numero de distincções do que havia em latim. O suffixo *ario,* senão o exclusivo pelo menos o geralmente empregado para fazer essa distincção, indica sempre o nome da planta. O nome do producto em regra não recebeu suffixo diverso do que tinha em latim.

Do segundo meio de distincção apparecem em portuguez alguns exemplos que não correspondem aos latinos ou não teem exactos correspondentes em latim. De *oliva* derivou-se *oliveira,* mas o primitivo não se conservou como nome de fructo; foi substituido por *azeitona,* der. de azeite=arabe *azzeit.* Temos *carvalho,* cuja formação é obscura, como correspondente a *quercus; glans* foi susbtituida por *bogalho.*

f) Substituição de palavras latinas por outras novas derivadas de radical latino

117 Muitas palavras foram substituidas por derivados novos de outros themas ou raizes, isto é, as cousas que significavam receberam nova denominação por o espirito as ter encarado sob outro aspecto.

Assim foram substituidas:

cervus por *veado* de *venatus,* a caça;
vulpes por *raposa* de *rapu-s* rabo, a raposa sendo olhada como o animal de longo rabo;
porculus (porcus lacteus) por *leitão,* o animal que ainda se alimenta de leite;
locusta por *gafanhoto,* o insecto que produz gafo (?) ou *saltão* o que *salta;*
hediosmos, menta por *hortelã,* a planta das hortas; comp. *hortelã pimenta* por *hortelã menta;*

platalea (a ave de bico chato: *platus)* por *colhereiro*, a ave cujo bico semelha uma colher *(cochleare);*
torpedo (o peixe que entorpece) por *tremelga*, o peixe que faz tremer;
vespertilio (o que apparece ao anoutecer) por *murcego*, o rato cego *(mus caecus);*
aectum por *vinagre (vinum acre);*
caupona, popina por *botequim*, dim. de *botica (apotheca)*, que ainda hoje em francez tem a significação geral de loja *(boutique)* e no portuguez antigo significava casa pequena (por ex., *Côrtes d'Evora 1473*, art. esp. de Silves); temos tambem *bodega* de *apotheca*, no sentido de *taberna, popina*, o que pertence á categoria tractada a p. 93 — 94, nota.
pernio por *fricira*, de *frio (frigidus);*
torques (o *torcido)* por *collar*, de *collum*, o pescoço;
senectus por *velhice*, de *vetulities*, derivado de *vetulus*, velho;
diversorium por *hospedaria*, de *hospede (hospes, hospit—);*
oblivium por *esquecimento*, de *esquecer* (* *escadescere, cado);*
nere por *fiar*, de *fio (filum);*
caedes por *mortandade* de * *mortalitatem (mors, mort—);*
forfex por *tesoura*, de *tonsoria* de *tonsor;*
tonsor por *barbeiro*, de *barba;*
pulvinar por *travesseiro* (que se põe atravez na cama), de *travesso = transversu-s;*
cymbium por *terrina*, propriamente vaso de terra; comp. francez *terrine (vas de terre);*
horreum por *celleiro*, de *cella;*
pessulus por *ferrolho*, de *ferro;*
latebra por *esconderijo*, de *esconder (absconderc);*
cornix por *gralha*, de *gralhar* (= lat. *garrulare);*
rusticula por *galinhola*, de *gallinha* (gallina);
mungere por *assoar*, produzir som com o nariz.

g) Desapparecimento de palavras latinas para evitar homonymia

1) Succede muitas vezes que em virtude da alteração phonetica duas palavras, primeiramente distinctas, nos sons cheguem a confundir-se nelles completamente, a ser homonymas. 118

Taes são:

1. *appreçar*, do latim *appretiare* e
2. *apressar*, de *aprestar*, mudando-se a articulação *st* em *ss*, como em *moço (mosso)* do latim *mustus; aprestar* deriva de *presto* (em italiano, apressado, apressadamente) do latim *praestus;*
1. *aterrar*, de *terra* e
2. *aterrar*, do latim *terrere;*
1. *cabo*, do latim *caput* e
2. *cabo*, do latim *capulum*;
1. *capitão* (nome d'um peixe), do latim *capito* e
2. *capitão*, do baixo latim *capitanus;*
1. *selada*, por *salada* de *sal*,
2. *celada* por *cilada* e
3. *celada*, do latim *caelata;*
1. *celha*, do latim *cilium* (plur. *cilia)* e
2. *celha* ou *selha*, do latim *situla;*
1. *cento*, ant. part. de cingir, do latim *cinctus* e.
2. *cento*, do latim *centum;*
1. *cobra*, ant. por *copla* (1), do latim *copula* e
2. *cobra*, do latim *coluber;*
1. *conto*, do latim *contus* e
2. *conto*, do latim *computum;*
1. *feto*, do latim *fetus* e
2. *feto*, do latim *filictum;*
1. *gozo*, do latim *gaudium* e
2. *gozo*, especie de cão, do nome de tribu gaulez *Egusii*, com que os antigos designavam uma especie de cães originarios das Gallias *(egoysiai kynes*, Arr. *Cyn.* 3, 4);
1. *incerto*, do latim *incertus* e
2. *inserto*, do latim *insertus;*
1. *morena* ou *murena*, do latim *muraena* e
2. *morena* por *mourena*, de *moura;* litteralmente — que tem côr de moura (2);
1. *teia*, do latim *tela* e
2. *teia*, do latim *taeda*.

(1) Senhor coudel moor cuidais,
por fazerdes muytas *cobras*,
com mil graças que faláys,
que nos encalameays
outras verdadeyras obras.
(Canc. Res., 1, 38.)

(2) Na lingua portugueza ha muito raramente homonymia entre substantivo e substantivo ou adjectivo, adjectivo e adjectivo, verbo e verbo; não

2) Com quanto todas as linguas possuam homonymos, é certo que ha n'ellas uma tendencia caracterisada para os evitar que nos é revelada pelos seguintes factos:

a) uma palavra seinde-se, como já vimos, em duas e mais formas differentes, por causa das suas significações diversas;

b) uma palavra que devia em regra ser alterada phonicamente segundo uma certa direcção, deixa de o ser, ou é alterada n'outra direcção para evitar a homonymia; é assim que as formas latinas *cooperio, foro, noceo,* que em regra deviam dar em portuguez *cobro, foro, nozo* ou *noço,* se mudaram em *cubro, furo, nuzo, nusso* (antigo), para evitar a homonymia com *cóbro* de *cuperio* (no latim *recuperio), a-foro* de *foro,* do latim *forum;* foi assim que de *pŏpulus* se fez *povo* e de *pōpulus chopo,* e em italiano de *mālus* subst. *melo* e de *mălus* adj. *malo;*

c) muitas vezes um dos homonymos desapparece deante do outro. É essa a causa do desapparecimento de muitas palavras latinas. Assim morreram no campo da nossa lingua as palavras latinas:

aequus, que devia dar *egno,* deante de *equus* (propriamente só o feminino *egua);*
ager, que devia dar *agro* (apparece só no antigo portuguez e como nome de logar), deante de *acer (agro);*
fidis, que devia dar *fé,* deante de *fides (fé);*

tão rara é a homonymia entre verbo e substantivo ou adjectivo; mas em geral a lingua busca distinguir estes homonymos pela differente pronuncia das vogaes; assim *tómo* substant. com o accentuado fechado e *tômo,* verb. com o accentuado aberto. O *Diccionario da maior parte dos termos homonymos e equivocos da Lingua portugueza,* por Antonio Maria do Couto, Lisboa, 1842, in-folio, é um trabalho incompleto, como o seu titulo já annuncia, e além d'isso sem direcção scientifica.

habena, que devia dar *haveia*, deante de *avena (aveia)*;
matula, que devia dar *malha*, deante de *macula (mátha)*;
palla, que devia dar *pá* ou *palha*, deante de *pala (pá)*, ou de *palea (palha)*;
mas maris, varão, que devia dar *mar*, deante de *mare (mar)*;
bellum subst., deante de *bellus* adj. *(bello)*;
meles, que devia dar *mel*, deante de *mel*;
plaga, região, que devia dar *praga* ou *chaga*, deante de *plāga (praga, chaga)*;
puer(um), que devia dar *puro*, deante de *purus* (puro);
sera, tranca, feeho de porta, e *sēra* tarde, deante de *cera*, com que se confundiriam na pronuncia;
secula, que daria *selha* como *apicula* deu *abelha*, deante de *situla (celha, selha)*;
caclare, que daria *cear*, como *vigilare* deu *vigiar*, deante de *cenare (cear)*;
calere, que daria *caer, cair*, como *solere* deu *soer*, deante de *cadere (cair)*;
jaecre, lançar, deante de *jacēre (jazer)*;
metere, ceifar, que daria *meter*, deante de *mittere (metter)*;
mederi, medicar, deante de *metiri (medir)*;
mungere, assoar-se, deante de *mulgere (mungir)*;
rigere, enrigecer, deante de *reger (regere)*;
potāre, beber, que daria *podar*, deante de *putare (podar)*;
cāra, nome de planta, deante de *cara*, face, rosto;
caedere, que devia dar *ceder*, deante de *cedere (ceder)*;
parēre, obedecer, deante de *parere (parir)*;
queri, queixar-se, deante de *quaerere (querer)*.

b) Alterações na significação das palavras

119 Eis alguns exemplos:

Admorsus perdeu o sentido de mordedura e apresenta-se em portuguez, na forma *almoço* (hespanhol *almuerso)*, com o sentido do latim *jentaculum*. O *d* mudou-se nesta palavra em *l* como em *Alfonsus* por *Adfonsus, nalga* por *nadega, julgar* do latim *judicare*, etc. Em quanto á significação, temos parallelos no antigo alto allemão *inbiz*, que significava refectio, pran-

dium, e provinha de *biz*, morsus, do thema de *bizan* mordere, comedere (1), e no latim *cena* (não *coena*, que é uma orthographia erronea). *Cena*, d'onde portuguez *ceia*, está por *cesna* (2); *cesna* provém d'uma forma perdida *ced-na*, da raiz indogermanica *skad*, que em sanskrito se apresenta na forma *khad*, *khâd*, significando *edere*, *vorare* (3).

Affligere (affligir) perdeu o sentido fundamental de bater contra, quebrar, para conservar apenas o figurado de atormentar, causar dôr, opprimir, molestar, perdendo tambem neste caso os de abaixar, abater, destruir.

Apotheca foi usado em latim para designar um logar em que se guardavam provisões, um celleiro, uma adega; em portuguez adquiriu o sentido de casa pequena, como já vimos, na forma *botica* que hoje designa uma loja ou estabelecimento pharmaceutico, e o de taberna volante, taberna pequena e immunda, na forma *bodega*.

Burdo (bordão) designava em latim o hybrido resultante da copula d'um cavallo com uma burra; em portuguez significa propriamente o pao a que se arrima o peregrino. Como se passou d'um sentido ao outro? Ducange pensava que, como os peregrinos iam muitas vezes a cavallo em burros ou machos, o nome do animal tenha sido applicado tambem ao pao comprido que elles levavam; outros sup-

(1) Graff, *Althochdeutsches Sprachschatz*, III, 231, 228.

(2) «Pesnis pennis ut Casmenas dicebant pro Camenis et *cesnas* pro *cenis*.» Fest., p. 205.

(3) Comp.: «*Scensas* Sabini dicebant quas nunc *cenas*.» Fest., p. 339. Lindemann conjecturou que a verdadeira lição é *scesnas* e não *scensas*, o que a forma latina torna evidente. Corssen, *Kritische Beitrage zur lateinischen Formenlehre*, p. 455.

põem que o pao tenha sido assemelhado ao macho (1). Se houvesse duvida sobre esta mudança de sentido, dissipar-se-hia facilmente adduzindo o facto parallelo de *muleta,* derivado de *muta* (comp. francez *mutet),* designar o pao com uma travessa em cima a que se encostam as pessoas que coxeam.

Capere (caber) apparece somente no antigo portuguez com a significação fundamental de tomar (2); perdeu todas as outras que tinha em latim e adquiriu as novas significações neutras de ser comprehendido (tomado), contido, poder ser contido, introduzido num certo espaço; cair em quinhão, pertencer; ser vez, vir por seu turno; ter privança.

Charta (carta) significava em latim papel, escripto, livro, folha; em portuguez significa o mesmo que o latim *litterae* e *epistola.*

Costa em latim significava costella, e, no sentido figurado, lado, flanco. Em portuguez no plural significa tergum (perdido), dorsum e por extensão a parte anterior d'um objecto; no singular significa clivus, littus, ora maritima.

Faux perdeu em portuguez os sentidos latinos de pharynge *(fauces* neste sentido é apenas uma expressão poetica), canal, conducto; garganta, passagem estreita, fonte (d'um rio), e emprega-se na forma *foz* apenas no sentido especial de entrada d'um rio no mar (ostium, os).

Ingenium (engenho) perdeu os seus sentidos fundamentaes de natureza, modo de ser caracteristico d'uma cousa, e o immediatamente filiado de caracter, natural do homem, em

(1) Littré, *Dictionnaire de la langue française, s. v.* Bourdon, 1.
(2) Viterbo, *Elucidario, s. v.* Caber.

que foi substituido pelo simples *genium,* conservando os de intelligencia, faculdade inventiva, astucia, agudeza, etc., e adquiriu o de machina, mechanismo.

Paeare (pagar) perdeu os sentidos latinos de applacar, vencer, domar, cultivar, desbravar, etc., e adquiriu os de solvere, satisfacere, porque o pagamento pacifica o credor. No antigo francez *payer* era ainda empregado no sentido, que tambem perdeu, de pacificar. Na forma reflexa *pagar-se* significava no portuguez antigo ser satisfeito, contentar-se, agradar-se.

Palpare conserva na forma *palpar* o sentido fundamental latino, tendo perdido os de acariciar, buscar, obter, lisongeando, e ganhou o de examinar como que palpando *(palpar, apalpar* a consciencia a alguem). Na forma *poupar* adquiriu a palavra as significações do latim *parcere,* que substitue. Em hespanhol *popar* significa acariciar.

Rapum (rabo) em latim significava cenoura; em portuguez significa cauda, sem duvida pela analogia d'uma cauda de animal com uma cenoura. Em allemão *schwanzrübe,* que significa a parte mais grossa do rabo, é composta de *schwanz,* rabo, e *rübe,* rapum, raphanus.

Serra designava em latim o mesmo instrumento cortante que em portuguez; perdeu nesta lingua todos os outros sentidos e adquiriu o novo de monte, de penedia, com cumes agudos, evidentemente por a analogia que tem com uma serra. Comp. *Monserrate.*

Talentum em latim apparece significando barra, peso d'uma materia preciosa; o peso de 120 libras, etc.; mas encontramos os sentidos de balança e peso no grego τάλαντον, d'onde

provém a palavra latina. D'aquelles sentidos se desenvolveram os de inclinação, tendencia, vocação, vontade. No antigo portuguez «a seu *talante*» significava á sua vontade, segundo o seu bel-prazer, a seu agrado, depois *talentum* passou a significar engenho, genio, talvez, segundo suppõe Diez, por influencia da Parabola dos Talentos.

Trahere (traer, trager, trazer) que em latim significava arrastar, puxar, etc., perdeu todas essas significações e adquirin o sentido especial de conduzir d'um logar para outro menos afastado do que o primeiro de quem falla, assim opposto ao de *levar*, que é conduzir d'um logar para outro mais afastado que o primeiro de quem falla. *Trazer* significa tambem ter em si, sobre si usualmente, etc.

2. Elementos provenientes das linguas falladas na peninsula anteriormente ao latim

120 Os escriptores gregos e romanos conservaram-nos um certo numero de palavras que elles dão como hispanicas ou que nós podemos considerar como hispanicas; taes são:

acnua	canthus	gurdus
analentidium	cervesia	musmo
aparia	ciotucapeta	orca
arapennis	colobis	salpuga
aspalathus	cuniculus	striges
balux	dureta	thesarica
brisa	phalarica	thieldones

A maior parte d'essas palavras são idiotismos latinos; uma parte porém, deve ser attri-

buida ao celtico ou ao euscaro. D'aquellas palavras acham-se em portuguez *canthus (canto), cervesia (cerveja), cuniculus (coelho), gurdus (gordo)*, etc.

a) Elementos phenicios

121 O numero d'estes elementos deve ser insignificante nas linguas peninsulares; a unica palavra portugueza que parece ter ficado do dominio phenicio e carthaginez é *barca*, empregada já numa inscripção romana de Tavira; temos alem d'isso alguns nomes de logar de origem phenicia.

b) Elementos gregos

122 Estes elementos acham-se assaz consideravelmente representados nas linguas peninsulares; mas de nenhuma das palavras portuguezas ou hespanholas de origem grega se pode affirmar que fosse trazida á Hispania por os colonos gregos: quasi todas ellas faziam parte do vocabulario latino, quando o latim foi trazido á peninsula, ou vieram posteriormente para esta região durante o dominio romano. Nos seculos VI e VII os bysantinos dominaram ao sul da Hespanha, e esse dominio podia ter dado logar á introducção de alguns vocabulos gregos.

123 1) Eis algumas palavras portuguezas populares, de origem grega, que não se acham representadas nos monumentos da litteratura latina:

anco, de ἀγκών, canto, angulo;
bolsa, de βύρσα, pelle preparada;
ermo, de ἔρημος, solitario;
sumo, de ζωμός, caldo, succo;
tio, de θεῖος; *tia*, de θεία;
taleiga, de θύλακος, sacco (?);
cara, de κάρα;
caravella, der. de κάραβος, especie de navio;
calma, de καῦμα;
chato, de πλατύς.

2) Algumas palavras da mesma especie passaram, ao que parece, das outras linguas romanicas para a nossa; taes são:

colla, hespanhol *cola*, italiano *colla*, francez *colle*, de κόλλα;
golfo, hespanhol, e italiano *golfo*, francez *golphe*, de κόλπος;
grangea, hespanhol *drageа*, francez *drageе*, italiano *treggèa*, de τραγήματα;
pagem, francez *page*, italiano *paggio*, de παιδίον, rapaz, servo.

3) Algumas palavras gregas vieram-nos ainda por intermedio dos arabes: taes são:

alcaparra, do arabe *al-cabbâr*, que é o grego κάππαρις, precedido do artigo arabe;
quilate, do arabe *qirât*, que é o grego κεράτιον.

c) Elementos euskaros

124 O basco tem servido a varios etymologistas para explicar muitas palavras do hespanhol e do portuguez; mas uma origem euscara só é provavel para um pequeno numero de palavras das linguas romanicas da peninsula. Como só conhecemos o basco numa forma moderna não se pode chegar a conclusões seguras neste dominio. É mister notar que o basco offerece

muitas palavras de origem latina e que os maos etymologistas se servem d'ellas para explicar palavras hespanholas e portuguezas.

Entre as palavras portuguezas, a que se tem com mais verosimilhança attribuido uma origem euscara, citaremos:

aba, do basco *alabea*, o que pende para baixo;
abarca, do basco *abarquia*;
balsa, *bouça*, do basco *balsa*, originariamente reunião, montão, palavra que parece achar-se já na antiguidade como nome proprio de logar (*Balsa*, na Baetica);
bezerro, do basco *beicecorra*;
bizarro, do basco *bizarro* adj., *bizarra* subst. significando barba; o desenvolvimento dos sentidos teria sido: barbudo, viril, bravo, corajoso, etc.;
charco, do basco *charcoa*, mao, desprezivel (?);
charro, do basco *charro*, mao, pequeno;
grisol, ant. hespanhol *erisuelo*, lampada; do basco *criselua*, *cruselua*; tambem o port. *griseta* vem do mesmo radical;
esquerdo, do basco *czquerra*, com a mesma significação;
mandrião, no basco ha *emandrea*, mulher fraca;
morro, hesp. *moron*, do basco *murua*, cumbro, montão;
sarnazina, *sarrazina*, pessoa que dispula, censura continuamente; hesp. *sarracina* lucta sangrenta; do basco *asserracina* lucta seria.

Difficilmente se apurarão trinta palavras fundamentaes (não derivadas d'outras portuguezas) em portuguez a que se possa com verosimilhança attribuir uma origem euscara.

d) Elementos celticos

As linguas celticas apresentam, como o bas- 125
co, um grande numero de palavras de origem latina com que os maos etymologos pretenderam explicar palavras das linguas romanicas;

em certos casos, como as palavras latinas tomaram independentemente nas linguas celticas e nas romanicas a mesma ou similhante forma, esses etymologos tinham apparentemente razão; assim pareceria mais natural derivar o francez *pain* do irlandez *páin* que do latim *panis*, pão; mas o termo irlandez vem do latim. Noutros casos as linguas celticas offerecem palavras que o proto-celtico, a lingua celtica pre-historica que se scindiu depois em dialectos, tinha em commum com o latim e essas palavras alteraram-se tambem nalguns casos d'um modo similhante ao que se nota nas palavras latinas correspondentes como ellas se apresentam nas linguas romanicas; assim o irlandez *nau* tem a mesma forma que port. *nao, nau,* que vem do latim *navem*.

126 Os elementos celticos do portuguez, como das outras linguas romanicas, dividem-se em diversas classes:

1) um certo numero de palavras, usadas quasi exclusivamente na linguagem litteraria, vieram-nos dos dialectos celticos modernos; taes são: *dol-men* (bretão *dolmen,* mesa de pedra), *menhir* (bret. *menhir,* pedra longa), *cromlech* (bret. *kroumlech,* pedra curva, circulo de pedras), *fenian* (do irlandez).

2) algumas palavras usadas tambem na linguagem litteraria são tiradas do latim antigo, como *druida, bardo,* que eram palavras celticas. Em portuguez *bardo* designa em estylo elevado um poeta e principalmente um poeta epico. Citaremos ainda como pertencentes a esta classe *bagandos,* insurgentes populares da Gallia; *chrotta* ou *rota,* instrumento musico dos celtas.

3) algumas palavras que nos ministram os escriptores gregos ou romanos, e que dão como celticas ou que podem com verosimilhança ser consideradas como celticas, encontram-se no fundo popular da nossa lingua.

bacia, que se encontra tambem em provençal, hespanhol *bacin*, francez *bassin* e italiano *bacino*; Gregorio de Tours (v seculo da E. C.) parece indicar *bacchinon* como gallo;

bico, em hespanhol *bico*, francez *bec*, italiano *becco*; em Suetonio encontra-se a palavra na forma *beccus*, mas não indicada expressamente como de origem galla; mas esta origem é muito provavel, pois ha em gaelico *beic*, em bretão *bek* e ella era estranha ao latim classico;

bojo liga-se a *bulga*, sacco de coiro, palavra dada como galla por Festo, grammatico latino; d'ella deriva o ital. *bolgia*, francez *boge*, *bouge*; nos dialectos celticos *bolg*, *bulg*, *baly* significava sacco, ventre, pustula, folle;

bragas, corresponde a *braccas* (accus.), com que os antigos designavam o vestido das pernas dos gallos;

carpinteiro, deriva de *carpentum*, nome de uma especie de carro dos gallos;

carro, de *carrus*, forma muito provavelmente celtica, correspondendo a *currus*, que era a forma particular latina;

catrefa, do latim *caterva*, a que faltam razões para attribuir uma origem celtica;

cavallo, do latim *caballus*, palavra muito provavelmente celtica;

cerveja, do latim *cervisia*, origem celtica;

chopa, do latim *clupea*, nome de peixe, empregado só fallando de paizes celticos;

cugullo, do latim *cucullus*, que designava uma peça do vestuario gallo;

legua, do latim *leuca*, o uome gallo da milha *(milliarium gallicum)*;

lança, do latim *lancea*, que muito provavelmente tinha origem celtica;

sabão, do latim *saponem*, que era de origem galla;

tomento, do latim *tomentum*, que era muito provavelmente uma palavra galla;

trado do latim *taratrum*, a que se pode attribuir uma origem celtica, com quanto o radical se ache tambem em latim (em cambrico *taradr*, em bretão *tarar*).

4) algumas palavras portuguezas populares acham explicação etymologica nos dialectos celticos modernos; mas para que essa explicação adquira um alto grão de probabilidade é mister que satisfaça ás seguintes condições: *a)* as palavras dos dialectos celticos modernos devem pertencer ao fundo celtico; *b)* essas palavras devem ser reduzidas á forma que deviam ter na epocha do dominio romano, de modo que por essa forma hypothetica se expliquem em conformidade com as leis phoneticas do portuguez e dos dialectos celticos modernos a forma portugueza e as formas celticas modernas; assim as palavras portuguezas *cambo, cambaio*, etc., explicam-se por um radical celtico que em irlandez e cambrico tem a forma *camm* e significa curvo, em bretão *cam*, coxo; a forma proto-celtica d'esse radical era *cambo-*, como attestam o grego σκαμβός (varus) e numerosos nomes celticos antigos em que se acha esse elemento cambo *(Cambo-dunum*, etc.); *mb* muda-se nos dialectos celticos modernos em *mm, m*.

5) do francez vieram-nos algumas palavras que podem ser consideradas como de origem celtica; taes são: *arnez (harnois), bagagem (bagage), caes (quai), chapa (chapa)* ao lado de *capa* (thema celtico *capa), chapeu (chapeau), garrote (garrot)*.

Offerecem mais ou menos probabilidades ou ainda condições de certeza de origem celtica, as seguintes palavras: *balaio, barra, bater, brio, caminho, camisa, cabanna, cambiar, candial, cancco, comba* (geralmente como designação de logar), *drudaria* ant., *gago, galerno, gato, goiva, lêr* ant. (mar, praia), *lousa, martello, osas* ant. (sapatos), *pote, saio, touca, toucinho, trução, vassallo, vereda.* Pouco mais se poderá ajuntar a essas listas, em que nem tudo é porventura celtico, e ainda é mister observar que as palavras que podemos considerar como tendo-nos ficado dos dialectos celticos peninsulares, por terem entrado no latim vulgar, formam a minoria.

3. Elementos provenientes das linguas falladas pelos conquistadores na peninsula depois do dominio romano

127 Esses elementos são muito mais importantes do que aquelles de que nos temos occupado até aqui, alem dos latinos; são os elementos *germanicos* e os *arabes.*

a) Elementos germanicos

128 Os elementos germanicos do vocabulario das linguas romanicas da peninsula ainda não foram estudados scientificamente; para o fazer era mister determinar, tanto quanto possivel, as relações phoneticas dos dialectos germanicos fallados na peninsula (suevico, visigotico, etc.) e a historia de cada palavra de origem germanica: distinguir-se-hia assim o que nos ficou realmente do periodo em que as linguas germanicas dos invasores eram ainda falladas na peninsula das palavras germanicas que nos vieram posteriormente por outros canaes, já das linguas romanicas, já das linguas

germanicas, por colonias de individuos fallando essas linguas estabelecidos entre nós, pelas relações commerciaes, pela litteratura, etc. A seguinte lista contém a maior parte das palavras portuguezas, excluindo as que d'ella derivam, de origem germanica certa ou provavel, mas sem distincção dos canaes por que ellas nos chegaram (cf. § 135):

adubar
afagar
agasalhar
agastar
alabarda
alar
albergue
aleive
aloquete
amarrar
arauto
arcabuz
arenga
arenque
armeo
arreio
arrufar
asco
ataca
atoar
atracar
avaria
bafa
bahu
baixel
balandra
balcão
baluarte
bambordo
banda
bando
banco
bannir
barão
barriga
batel
becabunga
bedel
berbequim
bisarma
bita
bloquear *(mod.)*
boldrié
bolina
bomba
borda
bordo
bossa
botar
bote
bradar
bramar
branco
brandão
brandir
brasa
brasão
brecha
brenha
brete
brida
brincar
britar
broa
bronze
brossa
brotar
brulha
brunir
bufar
buraco
burgo
buril
camarlengo
cambra
canivete
chalupa
chibo
chocar
choque
chorlo
coifa
cousir *ant.*
croque
daga
dansar
dardo
[des]maiar
dique
doca
doudo
draga *(mod.)*
droga
duna
elmo
[em]butir
[en]ganar
[en]tupir
equipagem

escanção
escaramuça
escárneo
escarrar
escarvar
escravo
escorbuto
escota
escote
escuma
esgrimir
eslinga
esmagar
espeque
espeto
espia
espora
esquife
esquina
esquivar
estaca
estalar
estampar
estandarte
esteio
estofo
estojo
estoque
estribo
estribordo
estrincar
estrinque
esturjão
[des]falcar
falda
faldistorio
farandola
farfalhada
fato
feltro
fisga
fita
fofo
fona
fornir

forro
framboesa
franco
frecha
fresco
frete
gaio
galardão
galope
gana
ganhar
gala
garantir
garbo
gardingo
garfo
garlopa
garupa
gasalho
gastar
gaz
giga
girão
girifalco
gonfalão
gosma
gualde
gualdir
guapo
guardar
guarir
guarita
guarnir
guante
guerra
guiar
guindar
guisa
guitta
gravar
grima
grimpa
grinalda
gris
grupo

hucha
jardim
lacaio
lada
laido
lasca
lastro
lata
leme
liso
lista
loja
lote
loução
luva
mala
malandro
marca
marchar
marechal
mastro
mata
mesar
mocho
mofa
morno
mota
murça (?)
norte
nuca
oeste
orgulho
pelourinho
pichel
piloto
pino
polé
poltrão
quilha
raça
rafar
rampa
rapar
raspar
rato

renda
ribaldo
rico
rifa
rima
roca
rombo
roubar
roupa
rumo
saião
sala
singrar
sopa
sul
tacanho
tamiz
tampa
tapar
tarja
tascar
teta
texugo
tilha
tirar
toalha
tocar
tomar
tombar
tonel
tope
trabuco
treguas
trepar
trica
trigar
triscar
troço
truco
tufo
upa!
ufano
vaga
vágado

b) Elementos arabes

129 O dominio arabe deixou em cerca de 300 palavras (algumas das quaes muito usuaes) da nossa lingua vestigios bem evidentes da sua influencia. Esses termos, em geral, referem-se á administração, á agricultura, ás artes e industrias diversas, á astronomia, á confeitaria, á cozinha, á fortificação, á guerra, ao jogo, á pesca e navegação, ao vestuario, ou designam animaes, armas, côres, doenças, moveis, pesos e medidas, plantas, substancias mineraes. São raros os adjectivos de origem arabe; nenhum verbo parece ter sido derivado directamente d'um verbo arabe; o artigo arabe *(al)* acha-se prefixado a um grande numero de palavras arabes (excepcionalmente a algumas de origem não arabe por analogia), sem obstar a que o artigo portuguez se lhes ligue; esses factos provam que se a influencia da civilisação arabe foi consideravel, a da lingua se exerceu só á superficie. A lista seguinte comprehende uma parte das palavras arabes ou admittidas

no arabe (berberes, etc.), que podem ser consideradas em geral como remontando na lingua portugueza á epocha do dominio arabe:

aeelga
aeepipe
açorda
açoute
açular
adail
adarve
adela
adufa
alamar
alambique
alarde
alarido
alarve
alaude
alazão
albarda
aleaçarias
alcachofa
aleaçuz
aleaide
alcaiote
alcamonia
alcaravão
alcatea
aleatifa
aleatra
alcatruz
alcavala
aleool
aleova
alecrim
alfaee
alfageme
alfaia
alfaiate
alfange
alfarroba
alfeloa
alfenim

alforreca
alforvas
algaravia
algarismo
algazarra
algebrista
algoz
alizares
almisear
almoereve
almofariz
almondega
almotaeel
almoxarife
almude
alqueive
alqueire
alvaiade
alvanel
alvaraz
alvarrã
alveitar
alviçaras
ambar
andaime
anexim
armazem
arraes
arratel
arrebique
arroba
arrobe
arsenal
atalaia
ataude
auge
avelorios
azagaia
azambujo
azar

azebre
azeite
azemola
azenha
azeviche
azinhabre
azurraeha
azul
baeoro
baraço
beringela
boal
bolota
borzeguim
cafila
cairo
canfora
earnita
eseabeehe
fateixa
fatia
fulano
garrafa
gengibre
gergelim
ginete
jarra
laerao
maeio
maquia
matraea
mesquinho
monção
nesga
nora (maehina)
osga
oxalá
reeamar
recua
resalgar

safaro	tarrafa	xarope
tabique	tincal	xaveco
tara	xadrez	zagal
tarimba	xarel	zarcão.

4. Elementos provenientes de origens diversas

130 Comprehendemos nesta divisão os elementos provenientes das linguas modernas e das linguas antigas de todas as partes do mundo que nos teem vindo pela litteratura, pelo commercio, pela marinha, por colonias de individuos fallando linguas estrangeiras (judeus, francezes, inglezes, ciganos, etc.). Apresentamos alguns exemplos d'esses elementos, que em grande parte não pertencem á linguagem popular.

a) Elementos hespanhoes

131 Apesar da influencia da litteratura hespanhola sobre a portugueza, da proximidade geographica, o numero das palavras verdadeiramente hespanholas que se encontram em portuguez não é consideravel; esse facto é devido a que o portuguez e o hespanhol teem um vocabulario pela maior parte commum, de forma que o portuguez não carece de ir lá buscar o que possue como bem proprio.

Eis algumas palavras de origem hespanhola:

basto, *t. de jogo*	fandango	muchacho
bolero	frente	quixote
communero	hablar *(ant.)*	salero
cuchilada	hediondo	sarabanda
el-dourado	lhano	seguidilha
espadilha	manilha	tertulia
esteira	matamoro	zarzuella

b) Elementos ciganos

132 Da linguagem dos ciganos da peninsula passaram para o portuguez popular alguns termos. Taes são:

calão do cigano		calló	cigano
piella	»	pijar	beber
pirar	»	pirelar	andar

c) Elementos francezes

133 Os elementos de origem franceza formam uma parte importante do vocabulario portuguez; vimos já que alguns elementos de origem celtica ou germanica nos vieram por intermedio do francez. Vid. numerosos exemplos de palavras de origem franceza no § 48.

d) Elementos italianos

134 São em geral termos relativos á arte, á litteratura, ao commercio; o seu numero é muito consideravel; uma parte veiu-nos por intermedio do francez. Exemplos:

adagio, *t. mus.*	bravo, *t. theatr.*	estrambotico
agio	bufo, *id.*	esdruxulo
andante, *t. mus.*	burlesco	faiança
arlequim	cadencia	fiasco
arpejo	cantata	forte, *t. mus.*
bagatella	cascata	gondola
balaustrada	cavatina	grotesco
bancarrota	charlatão	macarrão
banco, *t. comm.*	contrabasso	pastel, *t. pint.*
bandido	contralto	soprano
barcarolla	crescendo	tenor
basso	dilettante	violão
belvedere	doge	violoncello

c) Elementos germanicos de introducção moderna

135 Do allemão vieram-nos (por intermedio do francez) entre outros os seguintes termos:

bismutho	manganés	spatho
caparosa	obús	valsa
cobalto	potassa	zinco
kirsch	quartz	

O inglez tem-nos ministrado um grande numero de termos de commercio, caminhos de ferro, marinha, *sport,* cozinha, etc. Exemplos:

ballasto	crup	pudim
bifteck	dandy	raglan
bill	dogcart	rail
buledogue	drainagem	rhum
breque *(break)*	expresso (comboio)	rosbife
brequefeste *(breakfeast)*	grog	speech
cant	jockey	spleen
cheque	jury	sport
cheviote	lanche *(lunch)*	tender
clown	meeting	tilbury
club	pamphleto	tunnel
coke	ponche	whist

Das linguas scandinavas temos, entre outros, os seguintes termos:

fiord, termo geographico; *nickel,* do sueco *nickel;*
sleda ou *slea,* que se propoz para substituir o francez *traineau,* trenó, do dinamarquez *slœde,* sueco *slœdr.*

f) Elementos das linguas americanas

136 Muitos d'esses elementos são termos de historia natural.

Eis alguns exemplos de diversas especies:

alpaca, nome d'um tecido, do quichua *paku*, nome d'um animal;
capiyoara, especie de lontra do Brazil, do tupi-guarani *kapi-huara*;
caipira, nome que foi dado pelos legitimistas aos constitucionaes, do tupi-guarani *caipira*;
carioca, mulato, do tupi-guarani *caraiboca*;
chacara, quinta, do tupi-guarani *chacra*;
condor, nome d'uma ave, do quichua *kuntur*;
furacão, hesp. *huracan*, termo de origem caraiba;
goiaba, do guarani e quichua *kuyapa*;
pampa, do quichua *pampa*, planicie;
piroga, hesp. *piroga*, termo de origem caraiba;
vigunha, do quichua *huikuña*.

g) Elementos das linguas africanas

Das linguas falladas em os nossos territorios 137
na Africa teem vindo alguns termos relativos a producções e costumes d'essas regiões e entre elles um certo numero cujo emprego se generalisou na lingua.

Exemplos:

banza	macaco
batuque	mandinga
cacimba	marimbas
carimbo	muleque
cangica	senzala

h) Elementos das linguas asiaticas

Além dos elementos que nos vieram pelos 138
conquistadores musulmanos da peninsula, temos recebido, desde a edade media, um assaz importante numero de termos das diversas linguas asiaticas, quer pela litteratura, quer pelo commercio. Os nossos escriptores dos

seculos XVI e XVII que se occupam das cousas da Asia offerecem um grande numero d'esses termos. Citaremos, como exemplos sómente, alguns dos mais usados:

achar (condimento), do persa *atchār*, por intermedio do malaio *atchar*;
bambú, do malaio *bambu*;
bazar, do persa *bāzār*;
beliche, do malaio *beliq*, pelo arabe *belidj*;
cacatua (ave), do malaio *kakatua*;
caique, do turco *qaiq*;
calambuco, do malaio *kalambaq*;
calender, do persa *qalender*;
caravana, do persa *karwān*;
casoar (ave), do malaio *kasuāri*;
chacal, do persa *chagāl*, turco *tchakāl*;
chale, do persa *chāl*;
canga, d'um termo talvez de origem chineza, em arabe *kamkhā*, *kimkha*;
divan, do persa, por intermedio do turco *dīwān*;
fota, do persa *futah*, por intermedio do arabe.
horda, d'origem uralo-altaica: turco *ordu*, campo;
kiosque, do turco *kuschk (kiuchk)*;
laca, do malaio, por intermedio do arabe;
mangue (arvore e fructo), do malaio *mangga*;
odalisca do turco *odaliq*;
orango-tango, do malaio *ōrang-hūtan* (á lettra — homem dos bosques);
pagode, do persa *putkudè*;
ponche, do persa *pandj* (cinco, porque na bebida entram cinco ingredientes), pelo inglez *punch*;
sagú, do malaio *sagu*;
tafetá, do persa *taftah*.

Do hebraico, apesar do consideravel numero de judeus residentes entre nós, poucos termos temos e em geral pertencem á linguagem ecclesiastica ou generalisaram-se por influencia d'ella.

Exemplos:

alleluia	paschoa
amen	rabino
cherubim	sabbado
hosanna	Satanaz
jubileu	seraphim (1).

(1) Sobre as etymologias que aqui se acham apenas indicadas pode ser consultado o nosso *Diccionario etymologico* (em via de publicação).

SECÇÃO IV

NOÇÕES DA HISTORIA DA LINGUA PORTUGUEZA ESCRIPTA

1. Divisão em periodos

A historia da lingua portugueza escripta, 139
isto é, a historia da lingua portugueza desde a epocha em que nos apparece nos primeiros documentos (§§ 105 e 106) até ao presente, pode dividir-se em diversos periodos, segundo o ponto de vista que se adoptar.

a) Primeira divisão

Tomando por base a existencia d'uma litte- 140
ratura grammatical e lexicologica, que tem necessariamente como resultado fixar e determinar d'um modo mais ou menos consideravel as formas e typos syntacticos da lingua, divide-se a historia da lingua em dois periodos: o *periodo de syncretismo* e o periodo de *disciplina grammatical*.

141 *Periodo de syncretismo.* Este periodo é caracterisado essencialmente pelo emprego de duas ou mais formas d'uma mesma palavra, de dois ou mais processos syntacticos de egual funcção concorrentemente, ou por escriptores diversos da mesma epocha ou pelo mesmo escriptor.

Exemplos. Fernão d'Oliveira observava no primeiro quartel do seculo XVI que se dizia na primeira pessoa do singular do presente do indicativo ora *são,* ora *som,* ora *sou,* ora *so.* João de Barros era de opinião que *som* devia ser preferido; Fernão d'Oliveira opinava por *so.*

Camões (1) emprega ainda concorrentemente:

agardecer	e	agradecer
antão	»	então
antre	»	entre
apousento	»	aposento
contrairo	»	contrario
crecer	»	crescer
decer	»	descer
enxuito	»	enxuto
fruito	»	fructo
nacer	»	nascer
piadoso	»	piedoso
per	»	por

142 Todos os escriptores até ao fim do seculo XVI offerecem mais ou menos numerosos exemplos d'esse phenomeno. Essas formsa duplas teem as mesmas origens que as de que nos occupamos no § 115 (p. 93, *d*); em geral são ou formas antigas, populares, ao lado de formas eruditas, ou formas novas alteradas das populares. Exemplo do primeiro caso é

(1) *Lusiadas,* ed. 1572 (a chamada segunda).

piadade ao lado de *piedade*, reformada por influencia do latim *pietate;* exemplo do segundo caso é *sodes soes (sois)* num mesmo escriptor do seculo XV (Fr. João Claro) (1).

Na syntaxe notam-se indecisões similhantes 143
(cf. § 57); assim *lhe* encontra-se empregado frequentemente como forma do plural ao lado de *lhes* (em Camões, p. ex.); o infinito pessoal e impessoal são empregados alternativamente em casos analogos; *sem* foi empregado com o infinito e participio *(sem saber* ou *sem sabendo)*, etc.

São tambem frequentes neste periodo, em 144
todos os escriptores: 1) as phrases ou periodos d'uma construcção pouco logica, com quanto clara em geral; 2) construcções esporadicas em portuguez, que depois desappareceram, mas que se tornaram typicas noutras linguas romanicas.

Exemplos do primeiro caso: *Em que* seja (comquanto eu seja) lavradora Bem vos hei de responder. (Gil Vic.)

Exemplos do segundo caso: *a)* emprego partitivo do artigo: ... arrumar a caravella. E deitar *do* junco nella (Gil Vic.); Semeae das favas (Idem); *b)* emprego do artigo antes de *um* e *outro* (o *um* e o *outro*, frequente no seculo XIV).

Periodo de disciplina grammatical. Os traba- 145
lhos dos grammaticos e lexicologos tendem

(1) Uma forma não cede nunca immediatamente o logar a outra nascida d'ella: as duas são empregadas algum tempo simultaneamente, até que uma seja eliminada. Succede que algumas vezes a forma eliminada é a mais moderna; assim *antre* cedeu o logar a *entre*.

principalmente a exercer sobre a lingua uma influencia uniformisadora, para a qual concorrem de modo consideravel os escriptores de nome que se preoccupam da regularidade da forma. Essa uniformisação offerece sempre grandes difficuldades, porque nenhuma regra geral ha a que ella se possa submetter. Qual é, por exemplo, preferivel das duas formas: *fruto* e *fruito*? qual das duas construcções *começar de dizer* e *começar a dizer*? Quaes os casos em que se deve empregar o infinito pessoal, se nenhuma regra constante se vê observada pelos melhores classicos? São as questões d'essa natureza que os grammaticos teem que resolver, sem que nenhum criterio verdadeiro, seguro, os guie na maior parte dos casos, tendo pois que dar soluções dogmaticas nesses casos.

146 O apparecimento da cultura grammatical não indica necessariamente o termo do periodo de syncretismo d'uma lingua: para que esse periodo se possa considerar terminado é mister que pelo menos a indecisão das formas fique reduzida a um minimo, porque uma fixação completa de formas não é possivel. A lingua portugueza apresenta ainda hoje numerosas formas duplas com a mesma funcção, sobre cujo emprego pode hesitar-se; assim

escreve-se e diz-se	ideia	e	idéa
	noute	»	noite
	cousa	»	coisa
	constroes	»	construes;

mas relativamente á sua phase medieval o portuguez a partir do seculo XVI vae-se tornando uma lingua tendendo de cada vez mais para

a regularidade de formas, que elle teria alcançado se uma Academia de lingua tivesse influenciado sobre elle, como influenciaram a Academia da Crusca sobre o italiano, a Academia franceza sobre o francez e a Academia hespanhola sobre o hespanhol.

Com restricções, pois, podemos considerar o apparecimento da litteratura grammatical portugueza no seculo XVI, as grammaticas de João de Barros e Fernão d'Oliveira, como fechando o primeiro e abrindo o segundo periodo da lingua, sob o ponto de vista da nossa primeira divisão.

b) Segunda divisão

147 A primeira divisão em periodos da historia da lingua portugueza não assenta sobre um facto organico, interno á lingua, mas sim sobre um facto exterior, de caracteres, como vimos, mal definidos. Uma verdadeira divisão historica deve basear-se sobre factos organicos, sobre algumas alterações mais ou menos consideraveis por que a lingua tenha passado, como as de que fallamos no § 53. Partindo d'este principio dividiremos a historia do portuguez escripto em dois periodos: o primeiro periodo começa com a apparição dos mais antigos documentos em portuguez (fim do seculo XII) e acaba pelo começo do seculo XV; o segundo periodo segue-se ao primeiro depois d'uma curta phase de transição e prolonga-se ainda.

148 *Primeiro periodo.* Neste periodo teve a lingua a sua primeira grande epocha litteraria,

representada principalmente nos Cancioneiros do Vaticano e da Ajuda, comprehendendo as composições dos poetas do tempo de D. Affonso III, D. Diniz e D. Affonso IV (vid. § 109). O dominio da lingua comprehendia a Galliza, cujo dialecto offerecia então poucas particularidades que o affastassem da linguagem de Portugal, e que ainda hoje diverge muito pouco do portuguez.

149 A lingua litteraria empregada naquelles Cancioneiros, sem duvida mais unitaria que a lingua fallada, mas não uma lingua artificial, como se pretendeu, pois que todas as formas d'ella com excepção de alguma rara de origem provençal, pertenciam evidentemente á lingua fallada, essa lingua litteraria apresenta-se em geral com uma notavel perfeição, e excellentemente adaptada por muitos trovadores ás formas metricas, que então se cultivavam.

150 Indicaremos alguns dos caracteristicos da lingua neste periodo:

1) A segunda pessoa do plural dos tempos verbaes termina sempre em *des*, excepto no perfeito, em que termina em *tes*, como hoje, tendo o *s* anterior obstado ao abrandamento de *t* em *d*.

2) Ás formas latinas da terceira declinação latina em *one(m)* correspondem sempre formas em *on*, como *sermom, oraçom, enliçom (electionem)*.

3) Diversas formas em que duas vogaes identicas ou similhantes se acharam em contacto por syncope d'um som não as apresentam ainda contrahidas numa só; taes são: *viir* (lat. *venire), teer* (lat. *tenere), seer* (lat. *sedere), leer* (lat. *legere), riir* (lat. *ridere)*. Nas epochas mais

antigas d'este periodo apparecem constantemente formas como *moa* (lat. *mola),* depois *mó; perigoo* (lat. *periculum),* depois *perigo.*

4) Numerosas formas que depois foram modificadas por influencia da analogia conservam-se fieis aos typos latinos, observadas as leis phoneticas da lingua: assim dizia-se *paresco, gradesco,* etc., e não *pareço, gradeço,* que resultam da influencia das formas em que o *c* se acha antes de *e* ou *i.*

A lingua neste periodo offerece outras numerosas particularidades lexicologicas e grammaticaes, algumas das quaes se acham indicadas em differentes partes d'esta obra.

Segundo periodo. Entre este periodo e o an- 151
tecedente ha uma phase de transição cujos limites não é possivel marcar com grande precisão. Essa phase de transição é caracterisada principalmente pelos dois factos seguintes:

1) mudança das terminações em *om* (accentuadas e não accentuadas) em *ão;*

2) syncope do *d* na maior parte das formas verbaes em *ades, edes, ides.*

Esses dois phenomenos não se deram de subito: entre *om* e *am* é mister admittir pelo menos o intermedio *ã;* entre uma forma como *partides* e *partis* houve a intermedia *partiis.*

A oscillação entre essas antigas formas, as intermedias e as novas, durou cerca d'um seculo.

No *Cancioneiro de Resende* as formas antigas em *om* estão constantemente representadas por formas em *ão* (escriptas tambem com *am).*

Gil Vicente emprega ainda simultaneamente formas como *dizede* e *dizei.*

152 Como se vê, nesta divisão o primeiro periodo com a phase de transição corresponde aproximadamente ao periodo de syncretismo, da primeira divisão; o segundo periodo da segunda divisão ao periodo de disciplina grammatical da primeira.

2. Grammaticos e humanistas portuguezes

153 Chama-se *Renascimento* o facto historico da renovação do estudo das litteraturas classicas grega e latina, que influiu d'um modo profundo sobre a civilisação moderna em todos os seus aspectos (1). Considerado em opposição á theologia esse estudo era chamado *humanidades* ou *lettras humanas,* e os que se dedicavam a elle *humanistas.*

Os primeiros estudos grammaticaes e lexicologicos sobre a lingua portugueza foram um resultado da influencia dos estudos humanisticos. Guiados pelos grammaticos latinos, comparando as formas portuguezas com as latinas, os nossos humanistas do seculo XVI chegaram ao conhecimento reflectido da lingua.

a) Os estudos sobre a lingua portugueza no seculo XVI

154 Os principaes humanistas que no seculo XVI se occuparam da lingua portugueza foram Fernão d'Oliveira, João de Barros e Jeronymo Cardoso.

155 Fernão d'Oliveira deu á luz a sua *Grammatica de lingoagem portuguesa* em 1536. Como

(1) Sobre o *Renascimento* vid. *Noções de litterat. antiga e medieval.*

quasi todos os primeiros escriptos da mesma especie, essa *Grammatica* tem por base essencial as theorias grammaticaes dos antigos: achar exemplos portuguezes correspondentes aos latinos que abonassem essas theorias era o principal fim do grammatico. Fernão d'Oliveira occupa-se principalmente da pronuncia e da orthographia.

João de Barros, celebre como historiador, 156
publicou em 1540 a sua *Grammatica da lingua portugueza*. Esta obra é, sob o ponto de vista das formas da lingua, muito menos imperfeita que a do predecessor de Barros. Adoptam-se nella tambem as divisões e definições da grammatica antiga; mas acham-se nella expostas d'um modo quasi tão completo como nas grammaticas dos seculos XVII e XVIII as regras da formação do plural, as formas pronominaes e as conjugações regulares. A syntaxe limita-se a algumas observações geraes, como na maior parte das grammaticas posteriores. A orthographia não vae alem de algumas ideas sobre a pronuncia dos differentes sons do nosso alphabeto e dos signaes que os representam.

Jeronymo Cardoso, celebre humanista, fal- 157
lecido em 1569, escreveu o primeiro *Dictionarium Latino-Lusitanicum et vice-versa Lusitanico-Latinum*, publicado pela primeira vez em 1570. Esta obra fôra precedida entre nós apenas de alguns curtos glossarios medievaes. Contém cerca de 6000 termos ou phrases latinas com a traducção portugueza.

b) Os estudos sobre a lingua portugueza no seculo XVII

158 Duarte Nunes de Leão, chronista e jurisconsulto, escreveu a *Origem da lingoa portuguesa,* publicada em 1606, obra muito interessante, em que se acham comprehendidos alguns dos phenomenos da historia da lingua e que, apesar de numerosos erros, da impossibilidade do auctor se elevar no seu tempo a uma verdadeira theoria da historia da lingua, é muito superior á maior parte do que se escreveu entre nós até á introducção do methodo scientifico. Do mesmo auctor ha uma *Orthographia da lingoa portuguesa,* em que condemna o pedantismo etymologico no modo de escrever.

159 Agostinho Barbosa, escreveu um *Dictionarium Lusitanico-Latinum,* impresso em 1611, mais copioso que o de Jeronymo Cardoso.

160 Amaro de Roboredo publicou em 1619 um *Methodo grammatical para todas as linguas,* e em 1623, em segunda edição, *Porta de linguas.* Roboredo é o mais notavel dos nossos grammaticos no seculo XVII. Residira no estrangeiro e lá teve conhecimento de novos methodos que se introduziam no ensino das linguas, inspirando-se principalmente na obra do irlandez Batens, theatino que ensinava em Salamanca, intitulada *Janua linguarum,* etc. Roboredo divide os nomes em tres declinações:

1.ª	2.ª	3.ª
em *o*	em *a*	em *e, i, m, r, s, z,* (e *l*)

Estas declinações correspondem ás latinas segunda masculina (e quarta), primeira e terceira e (quinta) na formação do plural, facto que não foi comprehendido pela maior parte dos grammaticos, de que resultou irem buscar ao hespanhol regras para a formação do plural dos nomes em *ão*, que no essencial se baseia sobre as differenças dos pluraes latinos em *anos, anus, anes* ou *ones (mãos-manus, cães-canes; sermões-sermones).*

161 Alvaro Ferreira de Vera e João Franco Barreto escreveram sobre a orthographia da lingua, caindo no indicado erro com relação á formação do plural, e em geral sem comprehensão alguma da historia da lingua. Vera, nos seus *Louvores da lingoa portuguesa,* considera esta como a lingua trazida para a Hispania por Tubal e seus companheiros, enriquecida e aperfeiçoada pela influencia do grego, trazido pelos companheiros d'Hercules e Baccho, e do latim.

162 Bento Pereira, jesuita, redigiu uma *Prosodia in vocabularium bilingue latinum et lusitanum digesta,* que teve muitas edições, sendo um dos livros empregados nas escholas para o estudo do latim. Bento Pereira addicionou numerosos vocabulos aos que se achavam reunidos nas obras similhantes de Cardoso e Barbosa, e deu attenção aos adagios, proverbios e phrases colloquiaes.

c) Os estudos sobre a lingua portugueza no seculo XVIII

163 No seculo XVIII reinava na peninsula a idea de que as linguas hespanhola e portugueza

estavam corruptas, tendo chegado ao mais baixo gráo de decadencia. Confundiam-se duas cousas distinctas: o estylo e a lingua; a forma e a formula grammatical com o modo de as empregar e o que nellas se incluia. O que estava em decadencia era o estylo, sujeito aos caprichos da eschola, privado completamente da naturalidade, da verdade.

Nas escholas não havia estudo independente da grammatica portugueza; esta era estudada só a proposito da latina. Só em 1770 é que foi ordenado por um alvará que os alumnos fossem instruidos pelos espaço de seis mezes, se tanto fosse necessario, nos principios da lingua materna pela grammatica de Lobato.

164 José de Macedo publicou sob o pseudonymo de Antonio de Mello da Fonseca, em 1710, *Antidoto da lingua portugueza*, em que pretende reformar a lingua, banindo as terminações em *ão*, regularisando a formação do plural dos nomes, creando desinencias de voz passiva, multiplicando os tempos, os modos. O auctor, como muitos outros, ignorava que as linguas são phenomenos collectivos, sobre os quaes a influencia individual isolada é insignificante.

165 Manoel Joseph de Paiva, nas suas *Infermidades da lingua* (1759), condemna um grande numero de palavras e phrases da linguagem usual, a maior parte das quaes são verdadeiras riquezas da lingua.

166 Ao lado d'esses trabalhos e outros similhantes, destinados pelo absurdo das suas preten-

ções a não exercerem influencia alguma sobre a lingua, o seculo XVIII apresenta outros de real importancia.

RAPHAEL BLUTEAU, erudito theatino, compôz 167
o seu *Vocabulario portuguez e latino,* que se tornou a base da lexicologia portugueza posterior, colligindo dos auctores e da tradição viva um muito consideravel numero de termos, phrases e proverbios. Na parte etymologica, não podendo (pois o methodo glottologico ainda não estava achado) estar livre dos erros do seu tempo, não se deixa todavia arrastar ás explicações monstruosas que abundam em muitos dos seus contemporaneos e ainda neste seculo não são raras.

ANTONIO JOSÉ DOS REIS LOBATO publicou 168
em 1770 a sua *Arte da Grammatica da lingua portugueza,* em que, como em quasi todas as grammaticas portuguezas, a syntaxe se acha limitada a alguns preceitos geraes.

A ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS DE LISBOA 169
deu á luz em 1793 o primeiro (e unico até hoje) volume do seu *Diccionario da lingua portugueza,* obra de dois academicos dedicados, mas dirigida por um plano bastante defeituoso. Contém todavia muitos materiaes uteis e se tivesse sido levado ao cabo seria um dos productos mais notaveis da lexicologia do seculo XVIII.

Na primeira epocha da vida da Academia di- 170
versos academicos, entre os quaes, alem dos auctores do *Diccionario,* mencionaremos *Antonio Pereira de Figueiredo, Francisco Dias Go-*

mes e *Antonio Ribeiro dos Santos* consagraram trabalhos ao estudo das questões da lingua. O ultimo occupou-se principalmente da origem da lingua, pretendendo demonstrar que o portuguez era um dos dialectos celticos antigamente fallado na peninsula; comquanto não chegasse nunca a publicar a sua demonstração e não passasse de reunir notas sem critica, que se conservam em manuscripto, as suas ideas tiveram uma influencia que ainda hoje se faz sentir (1).

(1) Num livro, como este, destinado ao ensino elementar julgamos conveniente omittir a apreciação de trabalhos mais recentes. Temos reunidos os materiaes para uma historia desenvolvida dos estudos sobre a lingua portugueza, em que se achará essa apreciação.

BIBLIOGRAPHIA [1]

1. Glottologia geral

M. Bréal. *Mélanges de mythologie et de linguistique.* Paris, 1878, 8.º

Max Müller. *Lectures on the Science of Language.* I ser. 5th ed. London, 1866. II ser. 1864, 8.º (Ha outras edições e uma boa traducção franceza.)

W. D. Whitney. *Language and the Study of Language.* 3.ª ed., 1876, 8.º — *The life and growth of Language.* New-York, 1875, 8.º (Trad. em francez com o titulo *La vie du language.* Paris, 1875, 8.º)

F. Müller. *Grundriss der Sprachwissenschaft.* Wien. 1876 e seqq. (Ainda não completo.)

A. Hovelacque. *La linguistique.* Paris, 1875, 8.º 2.ª ed. 1877.

A. Schleicher. *Die deutsche Sprache.* Weimar, 1860, 8.º (Ha segunda edição. A introducção versa sobre glottologia geral.)

H. Paul. *Principien der Sprachgeschichte.* Halle, 1880, 8.º

(1) Indicamos aqui só alguns dos trabalhos mais importantes ou mais accessiveis de que nos servimos em nossos estudos, e a que podem recorrer os nossos leitores que desejarem esclarecimentos sobre as varias questões de que se occupa este volume.

2. Linguas semiticas

E. Renan. *Histoire générale des langues semitiques.* 4.ª ed. Paris, 1863, 8.º

H. Gesenius. *Scripturae linguaeque Phoeniciae monumenta quod supersunt* (3 partes). Lipsiae, 1837, 4.º

R. Dozy et W. H. Engelmann. *Glossaire des mots espagnols et portugais dérivés de l'arabe.* Leyde et Paris, 1869, 8.º

3. Linguas indo-europeas em geral

Fr. Bopp. *Grammaire comparée des langues indo-européennes,* trad. par M. Michel Bréal. — *Registre détaillé,* par M. Francis Meunier. 5 vols. Paris, 1868-1874, 8.º

A. Schleicher. *Compendium der vergleichenden Grammatik der indogermanischen Sprachen.* 4.ª ed. Weimar, 1876, 8.º

A. Pictet. *Les origines indo-européennes ou les Aryas primitifs.* 2.ª ed. Paris, 1878. 3 vols. 8.º

4. Lingua latina e outros dialectos italicos

W. Corssen. *Ueber Aussprache, Vocalismus und Betonung der lateinischen Sprache.* 2.ª ed. 2 vols. Leipzig, 1868-1870, 8.º

F. Neue. *Formenlehre der latein. Sprache.* 2 vols. Stuttgart e Mitau, 1866, 1861, 8.º (Ha segunda edição, que não possuimos.)

H. Schuchardt. *Der Vokalismus des Vulgärlateins.* 3 vols. Leipzig, 1866-1868, 8.º

M. Bréal. *Les Tables eugubines.* Paris, 1875, 8.º Com um fasciculo de taboas.

5. Linguas romanicas em geral

Fr. Diez. *Grammatik der romanischen Sprachen.* 3 vols. 4.ª ed. Bonn, 1875-1877, 8.º (Trad. franc. por G. Paris, A. Brachet e A. Morel-Fatio.) — *Etymologisches Wörterbuch.* 4.ª ed. Bonn, 1878, 8.º

A. Fuchs. *Die romanischen Sprachen in ihrem Verhaltniss zum Lateinischen.* Halle, 1849, 8.º

Ch. Joret. *Du C dans les langues romanes* (Bibliothèque de l'École des hautes études, XVI fascicule). Paris, 1874, 8.º

6. Lingua portugueza

E. Monaci e F. D'Ovidio. *Manualetti d'introduzione agli studj neolatini.* II. Portoghese (e Gallego). Imola, 1881, 8.º

F. Adolpho Coelho. *Theoria da conjugação em latim e portuguez.* Lisboa, 1871, 8.º — *Questões da lingua portugueza.* Porto e Braga, 1874, 8.º — *Formes divergentes de mots portugais*, em *Romania*, publ. par MM. P. Meyer et Gaston Paris, 1874, pp. 281-294. — *Os dialectos romanicos ou neo-latinos na Africa, Asia e America* em *Boletim da Sociedade de Geographia de Lisboa.* Segunda serie, n.º 3, pp. 129-196. — *Grammaire historique de la langue portugaise.* (Será publicada em Heilbronn, em 1882.) — *Diccionario etymologico da lingua portugueza.* (Em via de publicação.)

7. Ethnographia antiga da Europa

K. Zeuss. *Die Deutschen und die Nachbarstämme.* München, 1837, 8.º

J. Grimm. *Geschichte der deutschen Sprachen.* 3.ª ed. Leipzig, 1868, 8.º

L. Diefenbach. *Origines europaeae. Die alten Völker Europas mit ihren Sippen und Nachbarn.* Frankfort a. M., 1861, 8.º

H. d'Arbois de Jubainville. *Les premiers habitants de l'Europe.* Paris, 1877, 8.º

INDEX

Pag.

PREFAÇÃO V

SECÇÃO I

Noções geraes

(§§ 1-57)

1. A philologia e a glottologia (§§ 1-2) 3-10
2. Grammatica historica ou comparativa (§§ 3-17) 3-10
3. Influencias exteriores que reagem sobre as linguas (§§ 18-23) 10-12
4. Classificação das linguas (§§ 24-40) 12-21
5. Alterações das linguas (§§ 41-57) 22-52

SECÇÃO II

O latim e as linguas romanicas

(PARTICULARMENTE O PORTUGUEZ)

(§§ 58-109)

1. Estensão do dominio do latim em Italia (§§ 58-60) 53-57
2. Antigos povos e linguas da peninsula iberica (§§ 61-69) 57-62
3. Romanisação da peninsula iberica (§§ 70-76) 62-66
4. O latim vulgar e o latim litterario (§§ 77-81) 66-70
5. A invasão dos barbaros e a decadencia da cultura romana (§§ 82-87) 70-73
6. Influencia dos povos romanisados e dos barbaros sobre o latim (§§ 88-90) 73-76

7. Formação das linguas romanicas (§§ 91-94). 76-79
8. O latim barbaro (§§ 95-99) 79-81
9. Os mulsumanos na Hispania (§§ 100-104)... 81-84
10. O portuguez lingua escripta (§§ 105-109)... 84-87

SECÇÃO III

Formação do lexico portuguez

(§§ 110-138)

1. Elementos latinos (§§ 110-119) 89-106
2. Elementos provenientes das linguas falladas na peninsula anteriormente ao latim (§§ 120-126) 106-113
3. Elementos provenientes das linguas falladas pelos conquistadores depois do dominio romano (§§ 127-129)..... 113-118
4. Elementos provenientes de origens diversas (§§ 130-138) 118-123

SECÇÃO IV

Noções da historia da lingua portugueza escripta

(§ 139-170)

1. Divisão em periodos (§§ 139-152)..... 125-132
2. Grammaticos e humanistas portuguezes (§§ 153-170) 132-138
BIBLIOGRAPHIA 139-141

CURSO DE LITTERATURA NACIONAL

II

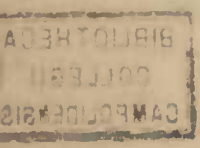
NOÇÕES DE LITTERATURA ANTIGA E MEDIEVAL

DO MESMO AUCTOR

Curso de Litteratura Nacional:

I. *A lingua portugueza.* Noções de glottologia geral e especial portugueza.

III. *Noções de litteratura portugueza.* (No prélo.)



CURSO DE LITTERATURA NACIONAL

PARA USO DOS LYCEUS CENTRAES

II

NOÇÕES

DE

LITTERATURA ANTIGA E MEDIEVAL

COMO INTRODUCÇÃO Á LITTERATURA PORTUGUEZA

POR

F. ADOLPHO COELHO

PROFESSOR DE GLOTTOLOGIA NO CURSO SUPERIOR DE LETTRAS
DE LISBOA

BIBLIOTHECA
COLLEGII
CAMPOLIDENSIS

PORTO
LIVRARIA UNIVERSAL
DE
MAGALHÃES & MONIZ — EDITORES
12 — LARGO DOS LOYOS — 12

PORTO — TYPOGRAPHIA ELZEVIRIANA, rua do Bomjardim, 190

PREFAÇÃO

Uma obra elementar da natureza da que damos hoje a lume não póde aspirar a ser um trabalho original. Em Portugal não existem já estudos classicos, podemos dizel-o sem receio de sermos classificados de exagerados: não é pois um individuo que possa isoladamente, sem apoio algum do meio em que vive, elevar-se aqui a conhecimento tão profundo da antiguidade que lhe permitta apresentar trabalhos originaes no dominio da historia litteraria da Grecia e de Roma. No dominio mesmo dos estudos nacionaes temos apenas um pequenissimo movimento.

Pensámos primeiramente em traduzir algum bom manual estrangeiro para uso dos estu-

dantes de litteratura em os nossos lyceus; mas o estado actual da organisação do nosso ensino e o programma vigente exigem um livro cujo modelo não se acha em parte nenhuma.

Em virtude d'essa organisação e d'esse programma pede-se aos estudantes muito e muito pouco ao mesmo tempo; muito em extensão e muito pouco ou nada em profundidade. Até a ultima reforma da instrucção secundaria o ensino da historia da litteratura nos lyceus reduzia-se a algumas generalidades banaes e a um catalogo de nomes mal decorados e em grande parte mal pronunciados de escriptores gregos, latinos e portuguezes e de suas obras. Era para o estudante um inutil trabalho de memorisação, que, comquanto reduzido na pratica, elles raro chegavam a vencer, confundindo a cada passo seculos e vultos litterarios, chamando, por exemplo, a Homero escriptor latino e a Virgilio escriptor grego, pondo Camões no seculo XVIII e Herculano no seculo XVI.

Em os nossos relatorios como presidente de jury d'exames de portuguez mais de uma vez declarámos que o ensino da litteratura como

estava organisado não só era inutil, mas era até em extremo nocivo. A ultima reforma separou, em verdade, o ensino da litteratura da parte pratica do ensino da lingua e dividin-o pelos dois annos do curso complementar dos lyceus centraes; applaudimos nessa parte a reforma, affirmando ao mesmo tempo que o programma d'esse ensino carece de ser substituido por outro em melhores condições.

Esse programma, na parte que respeita ao quinto anno (primeiro do curso complementar), comprehende, além dos principios geraes de litteratura (rhetorica e poetica), de noções de philologia (isto é glottologia) geral e especial portugueza, de analyses dos textos da lingua das differentes epochas litterarias, o seguinte:

«*Historia da litteratura: noções de litteratura oriental, grega e latina, dos cyclos litterarios da edade media e das litteraturas modernas, mórmente a hespanhola, franceza, ingleza, allemã e italiana nas suas relações com a portugueza.*»

Dado o melhor systema d'ensino era absolutamente impossivel ministrar noções uteis de tão vasta materia num só anno ao estudante que conjunctamente tem que applicar-se a

outras disciplinas que demandam tempo e concentração intellectual. Todo o ensino que não tem por fim senão uma inspecção rapida da superficie das cousas é absolutamente condemnavel. Comprehende-se pois que seria impossivel achar em qualquer outro paiz da Europa um livro que podesse ser traduzido para uso dos estudantes do quinto anno dos lyceus centraes ou que, pelo menos, servisse de modelo para um manual com esse destino; porque em nenhum outro paiz se acha um programma com os caracteres d'aquelle a que nos estamos referindo.

Esse programma não diz claramente se as noções das litteraturas antigas devem ser limitadas ao que essas litteraturas teem de relação com a portugueza; é esse limite imposto só ás noções das litteraturas modernas? Mas, em qualquer dos casos, como comprehenderá o estudante essas relações, se só no sexto anno (segundo do curso complementar) é que elle estuda a historia da litteratura portugueza?

As noções que elle estuda no quinto devem pois ficar isoladas: 1) em quanto ás litteraturas a que se referem, se essas litteraturas não são estudadas no seu conjuncto, mas só nas suas

relações immediatas com a portugueza; 2) emquanto á propria litteratura portugueza, que o estudante só conhecerá no anno seguinte.

É evidente que as noções relativas a qualquer litteratura nas suas relações immediatas com a portugueza se estudam perfeitamente na historia da litteratura portugueza; só ahi é que o estudante póde proveitosamente conhecer o que devemos á influencia das litteraturas estrangeiras e á antiguidade. O programma do quinto anno devia comprehender noções da historia das litteraturas grega e latina, tão desenvolvidas quanto possivel, e da formação das litteraturas romanicas, principalmente da franceza e provençal, considerando essas noções como uma introducção ao estudo da litteratura portugueza que seria feito desenvolvidamente no sexto anno. Para que o alumno podesse tirar algum proveito d'essas noções era mister que nos cursos de latim e grego estudasse de um modo serio algumas obras dos principaes escriptores latinos e gregos.

As considerações que precedem seriam mais que sufficientes para não nos arriscarmos á empreza de redigir um compendio para o estudo da historia da litteratura no quinto anno

dos lyceus centraes, se uma ideia opposta não viesse fazel-as pôr de parte em o nosso espirito: se fosse provavel que com o nosso trabalho contribuissemos para diminuir um pouco o mal, deveriamos hesitar? Não prestariamos algum serviço escrevendo um livro em que condensassemos algumas noções colhidas com circumspecção em o estudo de longos annos nos melhores trabalhos sobre as litteraturas antigas e medievaes e nos seus monumentos, embora esse livro não podesse ser um producto original, pelas circumstancias expostas no começo d'esta prefação, nem uma obra que de direito se intitulasse *Historia da litteratura*, um livro emfim desenvolvido segundo um plano methodico, visto termos que subordinarnos, dentro de certos limites, ás condições actuaes do nosso ensino? Ao menos os professores e estudantes teriam um compendio em que muitos dos erros que se encontram nos livros adoptados hoje no ensino seriam evitados, abstrahindo, está claro, dos que apesar da nossa boa vontade não podessemos evitar (1).

(1) Os erros a que nos referimos são por vezes muito curiosos. Assim lê-se num compendio: «a tragedia que até aqui se inspirava das grandes questões sociaes, cede agora o logar á comedia grosseira e atrevida de *Aristophanes* que nem seu proprio mestre, o virtuoso Socrates, respeitou

A primeira condição a que tinhamos que nos subordinar era a da extensão material do compendio: carregado como está o programma do quinto anno, veriamos o nosso livro rejeitado desde o momento em que o assumpto fosse tractado com alguma extensão e á nossa empresa ficaria inutil (1); a segunda condição era a da extensão do dominio que deviamos fazer representar dentro do menor numero possivel de paginas; condições contradictorias a que era impossivel satisfazer sem grave desequilibrio na exposição, ou sem reduzir tudo a um catalogo de nomes, o que era precisamente um defeito que condemnavamos. Optamos pelo desequilibrio, dando mais attenção ao que julgamos mais importante. É por isso que a Secção I — *Litteratura grega* — tem maior desenvolvimento que as outras. A im-

e que por tal forma desprezou a seriedade dos costumes que os seus concidadãos o obrigaram a fugir para a côrte de Arquelau da Macedonia, onde morreu.» Compare-se o que dizemos, neste livro, de Aristophanes, e que condensa os juizos dos melhores criticos. O auctor do compendio em que se acha aquella passagem é na verdade um cavalheiro digno da maior estima, intelligente e illustrado; mas estas condições não supprem o quo só o estudo aturado do bons trabalhos sobre historia litteraria pode dar.

(1) Num compendio muito seguido nos cursos secundarios acham-se representadas por 22 paginas, tendo aproximadamente a materia de 22 das d'estas nossas *Noções de litteratura antiga e medieval*, os assumptos que tractamos aqui. Observe-se ainda que nessas 22 pag. o auctor achou logar para a parte anecdotica e para algumas phrases rhetoricas.

portancia particular da litteratura grega justifica-nos inteiramente.

Damos uma *Bibliographia* no fim do volume, como fizemos já para a Parte I d'este *Curso*, na qual figura uma parte das obras em que temos estudado a historia das litteraturas antigas e medievaes; reduzida como vae, talvez pareça ainda demasiado larga para o nosso rapido esboço; mas o nosso intuito é ministrar aos professores e alumnos estudiosos indicação dos melhores livros onde podem buscar factos e doutrina que não cabem nos limites d'este compendio.

Observaremos que para este resumo seguimos particularmente, no que respeita á litteratura grega, Ottfried Müller e Bernhardy, e no que respeita a litteratura latina Teuffel. Diremos ainda que não nos occupamos dos philosophos, porque no programma de philosophia ha uma secção sobre a philosophia antiga (sexto anno do curso dos lyceus centraes).

Parecerá demasiado extensa esta prefação para tão curta obra; mas as condições especiaes em que ella é escripta exigiam, cremos, a exposição que fazemos.

Lisboa, 30 de setembro de 1881.

INTRODUCÇÃO

1. Litteratura e historia litteraria (1)

Designa-se pela palavra *litteratura*, no sentido lato, todo o complexo de manifestações do espirito humano, tendo por orgão a palavra (e especialmente a palavra fixada pela escripta), cujo fim não é meramente utilitario e individual.

Um recibo, uma carta em que se attende só ao fim immediato não são productos litterarios; mas uma carta em que se attendeu não só a esse fim, mas se quiz dar correcção e elegancia á forma, em que apparecem imagens e conceitos, é um producto litterario. Uma lei, comquanto de um valor geral para a sociedade, não poderá em regra ser conside-

(1) Vid. neste *Curso de litteratura nacional*, I parte, § 1, a definição de philologia.

rada como um producto litterario; mas se essa lei, como acontece nos antigos periodos das civilisações, toma um caracter poetico, rythmico, symbolico, se o legislador não se contenta com exprimir simplesmente o preceito, mas busca imprimir-lhe uma feição mais ou menos artistica, a lei é, em quanto á forma, um producto litterario.

Neste sentido lato, a litteratura comprehende tambem as obras scientificas, ainda que escriptas sem preoccupação de forma.

Vê-se pois que a classificação como litterarios de quaesquer escriptos depende de duas considerações distinctas: a consideração da *forma,* e a consideração da *materia.*

As obras que reunem ao valor geral da materia a maior perfeição da forma são os productos mais rigorosamente litterarios. Ora essas condições podem realisar-se do modo mais completo nas obras litterarias das classes seguintes: poesia, e os generos prosaicos que se lhe ligam, eloquencia, historia, classes que comprehendem as artes da palavra.

Litteratura, no sentido estricto, é o conjuncto de obras poeticas, oratorias e historicas de um ou mais povos, numa ou mais epochas (1).

É da litteratura tomada nesse sentido que nos occupamos nestas *Noções.*

(1) Reconhecemos a insufficiencia d'estas definições: mas temos que nos contentar com ellas, numa obra da natureza da nossa e attendendo ás

2. Historia da litteratura

A *historia litteraria* faz parte das sciencias philologicas, de que é a parte mais elevada e synthetica: é, na accepção lata, a historia do desenvolvimento intellectual d'um povo, da humanidade; no sentido estricto a historia das artes da palavra.

No sentido estricto a *historia litteraria* toma a designação de *historia da litteratura*.

A historia da litteratura comprehende principalmente:

1) O estudo das origens litterarias populares, isto é, dos generos espontaneos, que depois, pela influencia de grandes individualidades, se converteram em generos artisticos;

2) O estudo de todas as influencias naturaes, sociaes e moraes que reagem sobre as litteraturas;

3) A biographia dos auctores, em que se buscará determinar as relações entre o seu caracter, educação e epocha com a sua obra;

4) A analyse critica das obras litterarias, estudo dos elementos de que seus auctores se serviram, determinação da sua significação, já nacional, já universal;

circumstancias actuaes do ensino. Sobre *forma* e *materia* da litteratura daremos as explicações necessarias nos *Principios geraes de litteratura* (rhetorica e poetica) que preparamos.

5) Determinação das causas que produzem o progresso ou a decadencia da litteratura.

3. As litteraturas europeas e as orientaes

As litteraturas mais completas, mais perfeitas sob todos os pontos de vista são em geral as litteraturas dos povos europeus de origem indo-europea (1), como as suas civilisações são tambem as mais perfeitas e progressivas. Pode dizer-se: só as litteraturas europeas teem uma verdadeira historia, rica, variada de phases, reflexo quasi sempre (mas nem sempre, se nos limitamos aos generos propriamente litterarios) fiel da vida social nos seus lados mais elevados; ellas teem mais que nenhuma outra acima das feições particulares que a epocha e nacionalidade lhe imprimem uma significação profundamente humana, universal; originaes e receptivas ao mesmo tempo, elaboraram em uma forte unidade de plano os elementos proprios e os elementos escassos que lhes foram ministrados pelas litteraturas orientaes.

As litteraturas orientaes tiveram principalmente por sede o Egypto, a Assyria e Babylonia, a Palestina, a China, a India e a Persia.

(1) Vid. *Curso de litteratura nacional*, I parte, § 40.

Egypto. Os monumentos litterarios que nos restam do Egypto, já gravados nas pedras, já em papyro, material d'escripta formado por folhas d'uma especie de canna, convenientemente preparada, são de diversos generos; mencionaremos os seguintes:

1) Escriptos religiosos, rituaes, como o *Livro dos mortos;*

2) Composições de caracter poetico, entre as quaes: hymnos ás divindades e poemas historicos;

3) Contos, novellas, taes como os *Contos dos dois irmãos* e o do *Principe predestinado,* traduzidos em diversas linguas europeas, os quaes offerecem muitas analogias com os contos populares de todos os paizes;

4) Tractados sobre a geometria, medicina e astronomia;

5) Obras de philosophia e moral;

6) Escriptos de caracter historico, chronicas rudimentares.

Assyria. Este paiz teve uma litteratura grammatical e lexicologica, consistindo de syllabarios dos caracteres cuneiformes, grammaticas, diccionarios e livros de synonymos. A maior parte d'esses escriptos era estampada em caracteres miudos sobre tijolos cozidos, que eram numerados e ordenados em bibliothecas. Segundo as investigações recentes os As-

syrios teriam tambem uma epopea, de que Semiramis e Nannaro, mencionados pelos gregos, seriam personagens mythicos. Nas inscripções chamadas accadianas pretendem os investigadores ter achado hymnos religiosos e numerosas formulas magicas e ensalmos contra a feiticeria e possessão demoniaca.

Palestina. Os monumentos classicos da litteratura do povo hebreu são os livros do Antigo Testamento, que comprehende obras principalmente de caracter historico, litterario, religioso, e uma parte ainda, que segundo alguns, é puramente litteraria, como o Cantico dos Canticos de Salomão, em que muitos escriptores veem apenas uma allegoria mystica. Sob o ponto de vista meramente litterario teem um alto valor muitas d'essas diversas obras; mencionaremos em especial, alem do livro já referido de Salomão, os Psalmos de David, o livro de Job e alguns cantos dispersos como o de Deborah (Juizes v, 5).

China. Os mais antigos monumentos da litteratura chineza são constituidos pelos *nove livros classicos:*

O *Livro das mudanças*, por Wăn Wang, que teria vivido no seculo xii, A. C., consistindo num systema de philosophia natural;

O livro da historia *(Shoo King)*, o *Livro das*

Odes, os *Annaes da primavera e do outomno*, o *Livro dos ritos*, de Confucio;

Os *Quatro Livros*, pelos discipulos de Confucio e Mencio.

Essas obras conteem materia poetica, philosophica, rhetorica, historica, scientifica e religiosa. O livro das *Odes* é o de maior importancia litteraria; nelle foi condensada uma collecção official de cantos tradicionaes (3000).

Os chinezes, pelo budhismo, receberam da India consideravel influencia litteraria. A sua litteratura post-classica comprehende romances, contos, peças dramaticas interessantes para o estudo do conhecimento do povo que as produziu.

India. *a)* Da antiga phase da lingua sanskrita, o vedico (1), restam monumentos de uma litteratura religiosa da mais alta importancia para o estudo das origens historicas — os quatro *Vedas*, que são:

1) o *Rig-Veda*, collecção de hymnos religiosos, o mais antigo de todos esses livros e ao mesmo tempo o mais antigo monumento das linguas indo-europeas;

2) O *Sama-Veda*, collecção de orações e formulas que deviam recitar-se durante os sacrificios;

(1) Vid. *Curso de litteratura nacional*, 1 parte, p. 21.

3) O *Yadjur-Veda,* collecção da mesma natureza da precedente;

4) O *Atharva-Veda,* em que se acham numerosas formulas metricas para a cura das doenças e esconjuro d'espiritos malevolos, de grande valor para a historia da magia e feiticeria. A litteratura vedica comprehende além d'isso:

5) Os *Brahmanas,* obras contendo muitas prescripções rituaes, tradições, explicações religiosas;

6) *Sutras,* appendices dos escriptos que acabamos de mencionar.

b) Á phase classica pertencem, entre outros monumentos, duas grandes epopeas:

1) O *Mahabharata,* em que se reflectem as luctas dos povos em Kuruxetra;

2) O *Ramayana,* que tem por assumpto a conquista da illia de Ceylão pelos aryas da India.

A India possue alem d'isso em sanskrito uma litteratura dramatica, de que um dos mais celebres monumentos é o *Reconhecimento de Sakuntala,* do poeta Kalidasa; varias collecções de contos, o ramo mais perfeito das lettras indianas, das quaes a mais celebre é a conhecida pelo nome de *Pantschatantra* (cinco livros), titulo que se refere á forma conhecida hoje na India da collecção, que primitivamente tinha treze livros; o *Pantschatantra* foi traduzido em todas as principaes linguas litte-

rarias do universo. É tambem muito notavel a antiga litteratura grammatical d'aquelle paiz.

Persia. Nas inscripções mandadas lavrar nas rochas, como a de Behistun, a mais importante de todas, e no *Avesta*, o livro sagrado da religião de Zoroastres, temos os monumentos mais antigos do ramo eranico das linguas indo-europeas.

O monumento litterario, propriamente dicto, mais importante da Persia, é o *Sháh-nameh* (Livro dos reis), grande poema epico em que o poeta Firdusi, no seculo XII da nossa era, reuniu as mais importantes tradições nacionaes.

As literaturas que acabamos de mencionar não exerceram, na antiguidade, nenhuma acção directa sobre as litteraturas pagãs da Europa, que possa demonstrar-se de um modo indubitavel no estado actual dos nossos conhecimentos; mas, é-se inclinado a admittir influencia litteraria do Egypto e paizes da Asia occidental sobre a Grecia. A opinião de que influencia inversa foi exercida por a litteratura grega sobre as litteraturas orientaes, e especialmente sobre a da India, tem a seu favor factos importantes; alguns dos mais notaveis indianistas indicam essa influencia na

epopea e sobretudo no drama e litteratura grammatical da India.

A litteratura hebraica exerceu, pela acção do christianismo, influencia consideravel sobre as litteraturas medievaes e modernas; as traducções da Biblia foram o principal vehiculo d'essa influencia. Na Allemanha, por exemplo, a traducção da Biblia por Luthero num dialecto especial deu em resultado ser esse dialecto elevado á dignidade de lingua litteraria d'esse paiz. A Biblia, e principalmente o Novo Testamento, representaram notavel papel, como veremos, nas origens do theatro medieval.

A litteratura indiana influiu, já directamente por traducções das collecções dos contos, como o *Pantschatantra*, já indirectamente pelos contos que vieram do Oriente, passando de boca em boca, sobre a novellistica medieval e popular das nações da Europa.

SECÇÃO I

LITTERATURA GREGA

1. Preliminares

a) Origem e caracter dos gregos

Os gregos pertencem ao grupo dos povos indo-europeus; as suas concepções religiosas, os seus costumes, a sua organisação social, como a sua lingua partiam portanto do fundo commum d'esses povos; mas em virtude da absorpção de elementos ethnicos que elles encontraram nos paizes em que se estabeleceram, em virtude de todas as condições exteriores do meio e d'outras causas, adquiriram feições especiaes que os caracterisam entre os povos do grupo a que pertencem. As suas concepções religiosas desenvolveram-se no

sentido do mais completo anthropomorphismo, isto é, da concepção da divindade sob a forma humana; os mythos, resultado da interpretação dos phenomenos naturaes, como acções de personagens divinos, de seres dotados de forma, vontade, paixões, como os homens, multiplicaram-se entre elles, graças a uma imaginação rica e á influencia da natureza, de aspectos variados, que serviu de theatro á civilisação grega. Elles apropriaram-se tambem de lendas, de deuses dos povos com que se acharam em contacto, principalmente dos phenicios, e fizeram com esses elementos um maravilhoso tecido de tradições, que serviu de base a toda a sua litteratura poetica. Para os gregos, no periodo do seu primeiro desenvolvimento, tudo tomava a forma mythica. Fazia-se uma expedição maritima: era um deus, um heroe, alguma velha divindade solar ou meteorica que tinha servido de guia. Um rio que se precipitava d'uma montanha e ia rapidamente morrer no mar era um heroe destinado a morrer no explendor da mocidade, de pés rapidos como Achilles. Para um semilhante povo as origens estão envolvidas todas no mytho; só uma critica profunda póde tirar alguns dados positivos das velhas lendas relativas ás suas migrações, á fundação das suas colonias, ás suas primeiras luctas, ás suas antigas casas reaes. A verdadeira historia da Grecia começa

só com Thucydides. A data da primeira olympiada não pode mesmo ser tida como demonstrada.

b) A religião e civilisação hellenicas

Comquanto muitos dos mythos hellenicos nos apresentem os deuses figurando em condições immoraes, não só no sentido primitivo o mytho era puramente a expressão d'um phenomeno da natureza, mas ainda a religião hellenica deve ser na essencia considerada como servindo de base a uma moral elevada. Na religião dos dorios, Apollo representa o bem moral, a pureza da alma, e todas as tradições que se ligam ao deus da luz são de elevada significação. Nos seus mais antigos monumentos litterarios, os gregos apresentam-se-nos como tendo chegado a um assaz elevado nivel moral, que ha de attingir o seu ponto culminante em Socrates.

Os gregos traziam da patria commum indo-europea uma civilisação ainda rudimentar: ao contacto com povos que os precederam na civilisação, os egypcios, os semitas, etc., as suas aptidões foram suscitadas em todas as direcções, na marinha, na agricultura, na arte, na litteratura; assenhorearam-se, d'entre os elementos d'essas civilisações asiaticas, do que podia harmonisar-se com o seu genio proprio, e muito longe de serem meros reproductores,

bem depressa se emanciparam dos seus mestres em manifestações de toda a especie e de caracter profundamente original.

Nos productos mais perfeitos do genio grego acham-se a natureza como medida e forma e o espirito do homem consciente, na plenitude de suas forças juvenis, como força organisadora.

c) Divisão da historia da litteratura grega

A historia da litteratura grega divide-se em seis periodos:

Primeiro periodo: é propriamente o periodo ante-historico que vae desde a separação dos gregos dos outros povos indo-europeus até a formação das epopeas homericas.

Segundo periodo: periodo de desenvolvimento da lyrica e da epopea; vae desde a formação das epopeas homericas até ás guerras persicas (490 a. Christo).

Terceiro periodo, ou periodo attico; vae desde as guerras persicas até Alexandre Magno (490 a 336 a. Chr.); é o periodo de desenvolvimento do theatro e da prosa.

Quarto periodo: periodo da hellenisação dos povos ou extensão da cultura grega para fóra da Grecia; vae de Alexandre Magno até a queda da republica romana (336-30 a. Chr.); caracterisa-se por decadencia na litteratura pro-

priamente dicta e desenvolvimento dos estudos grammaticaes e criticos.

Quinto periodo: vae de Augusto até Justiniano (30 a. Chr. a 529 p. Chr.).

Sexto periodo: vae desde Justiniano até á queda do imperio do Oriente (529 a 1453 p. Chr.).

d) Dialectos gregos

A lingua grega scindia-se em tres dialectos principaes: eolico, dorico e jonico. Nas epochas antigas cada ramo do povo hellenico se serviu do seu proprio dialecto nas suas composições litterarias; mais tarde um d'esses dialectos tornou-se a lingua geral.

1) O *dialecto jonico* era fallado pelo ramo jonico do povo hellenico, principalmente na Asia Menor, na Attica, em muitas ilhas e nas colonias jonias. Foi o primeiro dos dialectos gregos que teve uma cultura poetica regular; apresenta tres formas que correspondem a tres periodos de vida differentes:

a) o *antigo jonico* ou *jonico epico,* empregado nos poemas homericos e hesiodicos e antigas obras similhantes;

b) o *neo-jonico,* representado principalmente na obra de Herodoto;

c) o *dialecto attico,* em que foram redigidas as numerosas obras produzidas em Athenas

no periodo do seu esplendor. Os principaes auctores que empregaram este dialecto, são: os tragicos Eschylo, Sophocles, Euripides, o comico Aristophanes, os historiadores Thucydides e Xenophonte, o philosopho Platão, os oradores Lysias, Demosthenes e Eschines.

A preponderancia de Athenas, o alto gráo de cultura attingido pelo dialecto attico, deram a este a importancia de principal dialecto e fizeram consideral-o como sendo a lingua grega por excellencia. No dialecto attico distinguem-se tres phases: *aa)* a antiga, representada por Thucydides e os tragicos; *bb)* a media, representada por Platão; *cc)* a nova, representada pelos restantes escriptores atticos.

2. O *dialecto eolico* era fallado pelos eolios, principalmente na Asia Menor, na Beocia e na Thessalia. Alceu e Sappho são os principaes representantes d'este dialecto.

3. O *dialecto dorico* era fallado pelos dorios, principalmente na Grecia septentrional, no Peleponeso, em Creta, e nas numerosas colonias doricas, taes como as da Sicilia e Italia inferior; é no essencial o dialecto da poesia lyrica de Pindaro e da bucolica de Theocrito.

4. Depois que Athenas perdeu a preponderancia, continuou ainda o dialecto attico a ser a lingua de todos os gregos instruidos, mas perdeu em breve a sua pureza, e a partir do

terceiro seculo a. Chr. distinguiu-se o dialecto commum grego do attico (1).

2. Primeiro periodo

a) Poesia primitiva dos gregos

A poesia primitiva dos gregos não nos é conhecida por nenhum documento directo: só por diversas indicações posteriores, por combinações de factos diversos podemos fazer ideia de que ella devia ser essencialmente religiosa, baseada sobre mythos, lyrica pela forma, epica pela materia. Temos os nomes de alguns dos generos d'essa poesia; taes são: o *lino,* o *pean,* o *threno,* o *hymeneo,* o *hymno.*

1) O *lino,* canto de *lino,* era um canto de dôr, que se entoava pelas vindimas, em que se chorava a morte d'um mancebo na flor da edade; esse canto era commum a diversos povos do oriente do Mediterraneo; o seu assumpto era a morte do espirito da vegetação estival pelos calores caniculares, mytho de que são variantes as historias de Attis, Adonis e Acteon. O nome do canto vinha do estribilho *ai linon,* de origem semitica, significando *ai de nós.* Quando não se soube o que era *ai linon* sup-

(1) Muitos auctores separam o attico do jonico, contando assim (com o eolico e dorico) quatro dialectos principaes do grego. Seguimos G. Curtius.

poz-se que o canto era obra d'um poeta *Lino*, ou lamentava a morte de *Lino*.

2) O *pean* era um canto consagrado a Apollo, em que se implorava a protecção do deus, se exprimia a confiança na sua protecção e se lhe rendia graças por uma victoria alcançada.

3) O *threno* era o canto funebre entoado geralmente junto do leito d'um morto, tendo sem duvida, como entre muitos povos, um caracter lyrico e narrativo ao mesmo tempo, em que a narração dos feitos, os louvores do morto se cortavam com gritos dolorosos; outras vezes o *threno* adquiriria quasi um caracter dramatico pela alternação dos cantores, que representariam differentes membros da familia do morto, como se vê ainda hoje em muitos povos que teem cantos similhantes.

4) O *hymeneo* era o canto que se entoava por occasião d'um casamento. A esposa era conduzida da casa de seus paes, pela rua em procissão, á luz de tochas, e um choro de donzellas entoava o hymeneo ao som das flautas e citharas.

5) O *hymno* era uma composição d'um caracter mais epico que lyrico, tendo por objecto as acções d'um deus, uma parte da historia d'um deus, um mythio portanto mais ou menos complexo. Com o curso dos tempos a palavra *hymno* designou composições assaz diversas,

mas sem duvida aquelle era o caracter do hymno primitivo.

b) Poetas mythicos

Junto dos sanctuarios, dos templos afamados dos deuses gregos, havia como que escholas poeticas destinadas á composição ou transmissão dos cantos consagrados a essas divindades e á organisação dos choros que os entoavam com acompanhamento de um ou dous instrumentos, da cithara ou da flauta, ou de ambos combinados. Essas escholas poetico-sacerdotaes consideravam-se como tendo por antepassados ou por fundadores certos cantores, cujo caracter é geralmente mythico; taes são: Eumolpo, Orpheu, Oleno, Museu e Thamyris.

Eumolpo. Os eumolpides, cujo nome significava *bellos cantores* e que tinham parte desde tempo immemorial no serviço de Demeter na Eleusis attica, consideravam-se como descendentes de Eumolpo, poeta thracio.

Orpheu. O poeta mais celebre d'esse grupo e ao mesmo tempo o que apresenta mais pronunciadas feições mythicas é Orpheo, cantor thracio, segundo a tradição: os dois factos mais antigos que se lhe attribuiam eram a fun-

dação d'um culto de Baccho ou Dionyso reinando nos infernos (Zagreus), culto ligado ao de Demeter, e a composição do hymno d'iniciação para esse culto.

Oleno. Segundo a lenda, Oleno era um lycio ou hyperboreo, isto é, natural d'uma região em que Apollo (o deus solar) costuma residir; vemos a sua memoria ligada ao culto d'essa divindade e em Delos repetiam-se muitas especies de hymnos que lhe eram attribuidos. Havia tambem na tradição *nomos,* isto é, cantos simples e archaicos com melodias invariaveis, cantados durante a dança do choro, que eram considerados como tendo Oleno por auctor.

Museu. O nome d'este poeta mythico parece significar *inspirado das musas* e, a ser assim, um nome generico de poeta; na Attica era associado com os hymnos de Demeter e eram-lhe attribuidas numerosas poesias, d'entre as quaes só uma é considerada como authentica por Pausanias. Segundo a tradição Museu era thracio, discipulo de Orpheu e um dos Eumolpidas.

Thamyris. Tambem era considerado como de origem thracia o poeta Thamyris, a que se attribuiam hymnos, mas que segundo uma

allusão homerica ia de casa d'um principe a casa d'outro principe—o que era o caracter, não dos poetas lyricos ligados ao culto das divindades, mas d'um poeta epico.

c) Outros generos litterarios primitivos

Alem da poesia, os gregos deviam ter naturalmente, como os povos que se acham em um grao inferior de civilisação, outros elementos tradicionaes de litteratura, taes como *proverbios*, *enigmas* e *contos*. Os seus monumentos litterarios desde as epopeas homericas até aos tragicos permittem-nos affirmar effectivamente a persistencia d'esses elementos na tradição popular, pois nelles os vêmos aproveitados. Um certo numero de elementos que serviram de base ao theatro existiam tambem desde muito alta antiguidade.

3. Segundo periodo

(CERCA 1000 A 490 A. CHR.)

a) Divisões

Este periodo extenso, cujo limite mais antigo se fixa só hypotheticamente, poder-se-hia dividir em quatro epochas: 1) a epocha da epopea; 2) a epocha da elegia e do epigram-

ma; 3) a epocha da poesia hesiodica; 4) a epocha da lyrica; mas em rigor é difficil fazer chronologicamente essa separação, porque a elaboração epica termina só depois de iniciado o periodo da elegia e do epigramma, etc.; emquanto ao seu ponto culminante de vitalidade essa ordem de successão é, porém, verdadeira.

O desenvolvimento das formas litterarias entre os gregos deu-se de um modo perfeitamente regular, organico, por assim dizer, porque, embora emquanto á musica e outras particularidades exteriores os gregos recebessem influencia dos povos com que se achavam em contacto, elles não tiveram como os romanos modelos que imitassem: os seus typos litterarios, produziram-se, pois, entre elles em virtude d'uma lei de progresso, d'uma evolução subordinada ás modificações sociaes, que se define pela passagem gradual da poesia objectiva, impessoal, para a poesia lyrica, propriamente dicta, em que se manifesta a individualidade subjectiva.

b) Poesia epica

Factos historicos que determinam a formação epica. Os gregos não tendo deante de si um modelo de epopea, que imitassem, não podiam chegar senão por um trabalho, por assim di-

zer, espontaneo á organisação de uma obra d'essa natureza. A idea de formar uma larga epopea complexa, rica de episodios, com uma acção desenvolvida, não se apresenta senão mais ou menos tarde na litteratura d'um povo: toda a poesia epica mais antiga dos gregos devia pois reduzir-se a curtos cantos em que se narravam feitos dos heroes, acontecimentos notaveis na vida dos antepassados illustres. Essa poesia era essencialmente um fructo da sociedade monarchico-feudal em que os reis, os principes se lisongeavam de ouvir cantar as glorias que illustravam as suas familias. Os cantos epicos eram os seus pergaminhos, uma recommendação que os elevava na estima dos seus subditos.

Um facto capital veiu dar a esses cantos um centro determinado: foi a entrada dos gregos numa verdadeira vida historica pelos seus estabelecimentos na Asia Menor. A immigração dos Dorios para o Peloponeso, conhecida com o nome de volta dos Heraclidas, que os chronologos fazem remontar ao seculo XII, a. Chr., deu como consequencia a emigração dos eolios ali estabelecidos, sob o commando de principes da casa real de Argos; as tradições argivas ácerca de Agamemnon, Helena, Menelao passaram assim para a Asia Menor, onde se ligaram com uma tradição da destruição de Troia, destruição que ao que parece fôra, não

obra dos gregos, mas sim de egypto-phenicios. Pouco e pouco as duas tradições perfeitamente verdadeiras d'uma expedição argiva e d'uma destruição de Troia, fundiram-se na memoria popular e creou-se a lenda de que uma expedição, sob o commando d'um principe da casa de Argos, fôra pôr cerco a Troia; na lenda entraram numerosos elementos de origem hellenica e semitica, que permittiram dar como causa á empreza o rapto de Helena, mulher d'um principe argivo (Menelao, irmão de Agamemnon), por Paris, filho do rei de Troia.

Assim se formou a materia de cantos epicos em que se narraram os feitos de tal ou tal heroe em frente dos muros de Troia, os accidentes de esperança ou de desanimo dos gregos, etc. Esses cantos deviam ser, pela maior parte, de pouca extensão, como os da mesma natureza que encontramos em diversos povos, e uma das epopeas homericas nos dá quasi especimens d'elles quando Demodoco canta o episodio do cavallo de pau e a queda de Troia. (*Odyssea*, c. VIII.)

Homero. Segundo a tradição antiga teria havido um poeta do nome de Homero, de que sete cidades disputavam a honra de ser patria, o qual teria composto os dous grandes poemas epicos, a *Iliada* e a *Odyssea*, além de diversos hymnos; chegando-se-lhe mesmo a

attribuir diversas composições que só teem com aquellas obras a analogia do genero. As tradições ácerca da sua vida estão por tal modo entretecidas de fabulas que nada pode saber-se ao certo a respeito d'elle, nem mesmo pode affirmar-se se o nome designava um individuo real ou se era um appellativo, como Museu, por exemplo.

Estamos bem longe de ter aquellas duas epopeas na sua forma primeira: a critica antiga submetteu-as a um trabalho de revisão que necessariamente as modificou; além d'isso a epocha em que ellas se achavam já numa forma assaz proxima da que conhecemos não está precisamente determinada. Abstrahindo das modificações por que passáram, as duas epopeas são os mais antigos monumentos que nos restam da litteratura grega, como nos revelam todas as particularidades da vida domestica, social, guerreira e maritima dos gregos que nellas se apresentam.

Opiniões ácerca da formação da Iliada *e da* Odyssea. Uma opinião que remonta já á antiguidade via nas duas epopeas, não obras de um só poeta, mas sim de dous poetas. Modernamente objectou-se contra a attribuição a um só poeta das duas composições que ha entre as concepções religiosas, a organisação social e ainda outras particularidades, num e noutro poema, differenças que tornam impos-

sivel consideral-as como provenientes da mesma epocha, sendo a *Odyssea* mais recente. Segundo outra opinião, que se estriba em numerosos factos, nenhuma das duas epopeas é obra de um só homem, mas a união de certos poemas, da natureza dos que mencionamos num todo, cuja unidade, alem da que resultou da unidade da traducção, é apenas apparente. Como o estudo das epopeas d'outras nações provou nellas a existencia d'um processo similhante, como esse modo de formação resolve e explica muitas das difficuldades da questão homerica, essa opinião tem ganhado terreno.

Formação da Iliada. A *Iliada* tem por assumpto central a colera de Achilles, que em virtude d'uma dissenção com Agamemnon no cerco de Troia, se retira para as náos, deixando assim os gregos privados do seu valeroso auxilio; a morte do seu amigo Patroclo em combate singular com Heitor, o filho do rei de Troia, fal-o quebrar a sua resolução; desafia Heitor em combate singular em que o mata. Uma acção tão simples acha-se complicada com numerosos episodios, grande numero dos quaes não tem relação immediata com ella ou estão até em contradição com as partes que de mais perto se lhe ligam. O nucleo da *Iliada* parece ser uma *Achilleida*, um poema formado sobre lendas nascidas do entretecimento

de tradições dos beocios phthiotas emigrados para a Asia com as tradições eolias. Essas lendas foram apropriadas pelos jonios, vizinhos asiaticos dos colios, dotados em alto gráo do genio epico.

Formação da Odyssea. Pelo assumpto a *Iliada* pertence a um cyclo de tradições mais antigas que as da *Odyssea* — as tradições relativas ás expedições para a Asia; em quanto a *Odyssea* nos faz entrar na epocha de expansão da vida maritima e colonial dos gregos. O nucleo da *Odyssea* é um conto popular, o conto da fidelidade da esposa durante a ausencia do marido. O conto permittia á imaginação jonia bordar um tecido de aventuras maritimas, de que era heroe o maridô ausente, e uma serie de peripecias relativas á esposa que o esperava anciosa. A ligação ao cyclo das tradições troianas dava á ausencia um motivo justificado, e explica-se além d'isso pela importancia que a lenda adquirira entre os jonios, quando em Egialeia, no golfo de Corintho, elles localisaram em Ithaca o conto. Um rei tão notavel como Ulysses, não poderia, na imaginação popular, ter deixado de tomar parte na expedição contra Troia.

Hymnos homericos. Os hymnos que em numero de trinta e tres se attribuem a Homero são em geral de um caracter mytho-epico e considerados em parte como proemios epicos,

isto é, cantos dirigidos a uma divindade, com que o poeta epico fazia preceder a exposição da composição epica.

Aedos e rhapsodos. A critica não determinou ainda perfeitamente o caracter distinctivo d'essas duas especies de cantores epicos, que ou compunham ou cantavam composições alheias. Os *aedos* parecem ter sido sobretudo verdadeiros cantores epicos, e os rhapsodos arranjadores de cantos alheios. Os cantos epicos andaram longo tempo na memoria d'esses cantores, porque só em epocha relativamente recente, mas ainda não determinada, é que foram pela primeira vez fixados pela escripta.

Batrachomyomachia. Um poema intitulado *Combate das rãs e dos ratos (Batrachomyomachia)*, parodia da epopea, foi tambem attribuido a Homero, mas o seu caracter mostra que remonta a uma epocha muito mais recente que a das epopeas homericas.

Poetas cyclicos. Os cyclicos ou poetas cyclicos eram os poetas da eschola jonia, que no estylo e na economia das suas composições seguiam as epopeas homericas, subordinando-se-lhes na escolha do assumpto. Tractavam os acontecimentos que tinham precedido e seguido a guerra de Troia, os que se deram entre a acção da *Iliada* e da *Odyssea*. Entre os

epicos afamados do cyclo nomeam-se Stasino, Arctino e Lesches.

Metro epico. Recitação. O metro epico era o hexametro, verso de seis pés dactylicos, que nós achamos imitado depois na poesia latina epica. Como o tem mostrado o estudo comparado dos metros indo-europeus, esse metro era muito antigo, remontando a um typo commum ao povo primitivo de que os gregos e os outros povos do mesmo grupo são representantes. A poesia epica era dicta ao que parece num movimento de recitativo muito simples; a phorminx, especie de cithara, que levava comsigo o cantor epico, servia para tocar um preludio e talvez curtas melodias ou phrases no fim das partes em que o canto era dividido.

c) Poesia hesiodica

Caracter geral da poesia hesiodica. A poesia homerica é perfeitamente objectiva; o poeta nella não apparece; o acontecimento que relata absorve a sua individualidade; as observações apresentam-se aqui apenas isoladamente (mais na *Odyssea* que na *Iliada)* como expressão da sabedoria commum; o seu assumpto é tirado do mundo cavalheiresco e da aventura. A poesia hesiodica liga-se ainda por muitos lados á epica homerica: emprega o mesmo metro; tem em grande parte um caracter nar-

rativo; elabora mythos e tradições que offereciam um interesse epico, mas o elemento individual começa a apparecer nella; o seu ponto de mira é a pratica da vida. A poesia homerica é essencialmente a poesia da Grecia asiatica e insular, das expedições e migrações; a poesia hesiodica é a poesia da Grecia continental, d'uma sociedade fixada e que se desenvolve em sentido interno; aquella occupa-se das luctas dos povos contra os povos, ou do homem contra a natureza, esta basea-se sobre a lucta dos interesses sociaes, sobre a lucta do homem comsigo mesmo. A litteratura hesiodica é-nos representada apenas por um pequeno numero de composições, mas é de crer que ella tivesse sido assaz vasta.

Hesiodo. Como a poesia epica se acha sob o nome de Homero, assim a antiga poesia epico-didactica é attribuida a um poeta do nome de Hesiodo. As noticias pessoaes que temos ácerca d'este são raras, mas encontramos aqui menos symbolos e mythos que na biographia de Homero. È impossivel fixar a epocha da sua vida, que alguns criticos põem no começo das Olympiadas. O que ha de mais acceitavel é que elle era natural de Ascra, na Beocia, de pae eolio. As obras que lhe foram mais constantemente attribuidas, são: *Os trabalhos e os dias,* a *Theogonia* e o *Escudo d'Hercules.*

Os trabalhos e os dias tem por assumpto, ou antes por motivo, um processo movido a Hesiodo por seu irmão Perses, que queria apossar-se da parte da herança paterna que pertencia áquelle; Hesiodo busca reformar o caracter de Perses e indica-lhe os trabalhos de que se deve occupar, os trabalhos da lavoura, de que viviam os Beocios. Uma ultima parte do poema em que ha um tecido de crenças superstitiosas sobre o valor economico dos dias, tem um caracter mais recente.

A *Theogonia* occupa-se da creação do mundo e da origem dos deuses, que saem todos do Chaos, a fonte obscura da vida universal, (a Terra é uma divindade como o Ceo, etc.). A *Theogonia* está bem longe de poder ser considerada como a obra pura d'um só auctor.

O *Escudo d'Hercules* não é tambem d'uma só mão; a proposito da lucta de Hercules com Cycno descreve-se o escudo em muitas particularidades interessantes para o archeologo e d'um modo que revela um intimo conhecimento da technica homerica.

d) Poesia elegiaca, jambica e epigrammatica

Caracteres geraes. Na poesia hesiodica o elemento pessoal apparece já, sem duvida, como dissemos, mas o elemento social e nacional dominava ainda. Com a pessoa elegiaca e jam-

bica o elemento individual ganha terreno. No começo das Olympiadas cahira a soberania dos principes, primeiro entre os jonios, depois entre os povos do Peloponeso. As republicas aristocraticas ou democraticas vinham fechar a elaboração epica, ligada á sociedade monarchico-feudal; mas em compensação, como o jogo do individuo no estado se torna livre, a epocha da verdadeira poesia individual está aberta.

Até ao seculo VII, a. Chr., a unica forma poetica cultivada com methodo pelos poétas gregos fôra o hexametro, comquanto não se possa duvidar de que houvesse formas differentes ligadas a diversos cultos. Então appareceem-nos na Jonia duas formas novas, a elegia e o jambo, cultivadas pelos cidadãos d'estados livres.

A palavra *elegia (elegeion),* como *epos,* entre os gregos, refere-se exclusivamente á forma, porque os gregos tinham o habito de classificar os generos pela forma exterior; mas a intima relação que durante os periodos organicos da litteratura grega existiu entre a forma e a materia tornam essa classificação importante. Emquanto na epopea os versos eram monotonamente eguaes em numero de pés, como convem a uma poesia narrativa, objectiva, no distichо elegiaco a cada hexametro seguia-se um pentametro, isto é, um hexametro em que se

eliminava a segunda metade breve do terceiro e do sexto pé. Com essa pequena alteração a impressão produzida pela elegia não era muito differente da produzida pela epopea, mas um pequeno movimento lyrico estava iniciado pela opposição entre o verso mais curto e o mais longo do disticho (1).

Emquanto ao assumpto a *elegia* antiga está muito longe de ser, como se define a elegia moderna, um canto triste: é principalmente um canto de louvor, que pode ser de differentes especies. Na *elegia* podem distinguir-se as seguintes especies principaes:

a) elegia guerreira, que excita a bravura no combate;

b) elegia politica, que despérta as virtudes civicas e leva a acções da vida publica em prol do estado;

c) elegia sympotica, que encarece o gozo alegre do banquete e do vinho;

d) elegia erotica, que canta os prazeres do amor;

e) elegia gnomica, que dá regras de sabedoria para a vida e aspira a suscitar a virtude;

f) elegia funebre, que glorifica os heroes que morreram pela patria ou celebra as virtudes d'um cidadão que morreu na paz.

(1) O nome de pentametro dado ao segundo verso do disticho elegiaco não é rigoroso, porque elle é propriamente um hexametro dicatalectico.

As elegias eram recitadas em publico, nos banquetes, e outras circumstancias, em geral pelos seus proprios auctores, quasi á maneira epica, não com acompanhamento de cithara ou de lyra, mas de flauta, que era o instrumento ligado a esse genero. Archiloco de Paros era considerado como o inventor da elegia.

O *jambo* ou *poesia jambica* era um genero constituido de rythmos jambicos ou throchaicos, em que pois a thesis era egual a arsis, rythmos leves, brincados, algumas vezes quebrados com intenção. Emquanto á materia esse genero era satyrico, apodico; o poeta despenhava a sua furia contra algum ou alguns individuos, ultrapassando ás vezes os limites impostos pela decencia e pela moral. O jambo não era primitivamente o mesmo que foi depois. O jambo era uma especie de farça, repetida muitas vezes nas festas de Demeter, em que os que as celebravam insultavam e zombavam sem piedade dos que encontravam. Foi Archiloco de Paros quem fez do jambo um genero litterario individual.

Ao jambo ligou-se a *fabula d'animaes,* a *parodia* e o *choliambo* (jambo coxo), inventado por Hipponax de Epheso, o qual se distingue do jambo por ter o ultimo pé do jambo convertido em spondeu, o que lhe dava um caracter que lhe valeu o nome.

O *epigramma* era propriamente uma inscripção simples que se punha num tumulo, em que se consagrava um templo (ἐπί, sobre, γράμμα, lettra). Por analogia, veiu a palavra a designar mais tarde simples composições poeticas em que se exprimia um pensamento ácerca d'um objecto, ideas que se alliavam ao caracter d'uma inscripção. O merito do epigramma consistia em fazer conhecer d'um modo simples, mas perfeito, um objecto, impressionando o espirito. O sentido moral foi-se ligando pouco e pouco a esse genero. O metro do epigramma era o elegiaco. Os principaes poetas que cultivaram esse genero no segundo periodo foram Callino, Archiloco de Paros, Tyrteu, Solon, Simonides de Amorgos, Mimnermo, Theognis.

Archiloco de Paros floresceu pela vigesima olympiada e distinguiu-se mais no jambo que na elegia. Possuimos assaz consideraveis fragmentos de suas composições. O espirito guerreiro apparece ainda nessas composições; mas os sentimentos pessoaes manifestam-se com maior intensidade. Na elegia manifesta a dor ou alegria da sua alma; o jambo serve-lhe de arma satyrica contra as loucuras humanas e contra seus inimigos.

Callino d'Epheso é considerado ora como mais novo, ora como mais velho que Archiloco; elle representa em verdade uma phase da elegia, que deve ser considerada como mais antiga, a phase em que esse genero tem ainda uma significação geral, em que se liga ao estado, aos interesses communs, sendo simplesmente guerreira e politica. Temos d'elle só curtos fragmentos.

Simonides de Amorgos floresceu pela 29 Olympiada. Escrevera dous livros perdidos de distichos elegiacos sobre as antiguidades de Samos; os fragmentos de seus jambos apresentam-nos uma poesia que tem por objecto as condições sociaes, a polemica pessoal, com intuitos didacticos. Temos d'elle ainda dois fragmentos d'um poema sobre os caracteres das mulheres, consideradas como tendo o seu prototypo em varios animaes.

Tyrteu, considerado geralmente como athenienses ou aphidneo, ganhou fama entre os espartanos pela segunda guerra messenia, na Olympiada 23 (c. 680 a. Chr.); segundo uma lenda era um mestre d'eschola que os athenienses mandaram por zombaria aos espartanos que lhe pediam um general. As suas composições elegiacas e anapesticas, animadas de viril eloquencia, são ou politicas, em que con-

demna o estado anarchico de Esparta, ou guerreiras, em que inspira coragem aos lacedemonios.

Mimnermo, de Colophonia, floresceu talvez pela Olympiada 37, entre os smyrnios, como tocador de flauta ou antes aulodo (poeta que se fazia acompanhar da flauta). O ponto central da sua poesia é a sua paixão pela flautista Nanno, paixão que lhe dá um caracter profundamente individual. Como fundo sobre que se desenvolve esse sentimento, apparecenos em Mimnermo a melancholia produzida pela decadencia da Jonia, de que uma parte estava já submettida aos lydios.

Solon, de Athenas, viveu entre as Olympiadas 35 e 55 e tornou-se celebre como poeta e como homem de estado. A sua actividade litteraria foi estreitamente ligada á sua actividade politica. Solon é o poeta d'uma civilisação adeantada, serena, mas viril, chegada á consciencia dos seus proprios recursos e do seu fim; ha nelle a aspiração por uma vida alegre, expansiva, tendo por base o dever. Quando esse dever não foi cumprido Solon, o poeta e legislador complacente, torna-se um juiz severo e temivel.

Hipponax, de Epheso, viveu no tempo de Dario Hystaspis, e foi celebre pela sua fealdade physica, como pelo rancor dos seus versos choliambicos, em que perseguia todos os vicios da sociedade. Hipponax empregava as mais baixas expressões da linguagem, e descia ás maiores minudencias na pintura da vida. Os choliambos tiveram imitadores e mantiveram-se até tarde como forma poetica.

e) Poesia melica

Caracteres geraes. 1) Entre os gregos a poesia melica, o *melos* ou poesia lyrica propriamente dicta, distinguia-se dos outros generos poeticos que, segundo a classificação moderna se fazem entrar no genero lyrico, da elegia, do jambo, etc., pela sua união intima com a musica, por ser uma poesia cantada, e, na epocha do seu desenvolvimento completo, choral, com acompanhamento d'instrumentos musicaes e dansas. A musica, que acompanhava simplesmente, ou annunciava a recitação epica, elegiaca e jambica, fundia-se aqui completamente com a poesia.

2) Archiloco inventara os *epodos* que no começo eram, não estrophes, mas versos mais curtos, succedendo regularmente a versos mais compridos, como na ode epodica horaciana; foi porém um passo dado para a estro-

phe lyrica. As mais antigas poesias melicas, obra de poetas eolios, teem ainda uma construcção muito simples: são formadas por uma serie de estrophes curtas e similhantes cantadas por um só artista que se acompanha com a lyra. A estructura da poesia melica dorica é muito mais complexa: a uma comprida estrophe de formação complicada succedia uma outra estrophe symetrica, correspondendo aquella metro por metro e que recebia o nome de antistrophe; essas estrophes eram todas cantadas pelo choro, executando marchas e outros movimentos rythmicos, com acompanhamento de dansas. Stesichoro inventou um novo elemento da melica, o *epodo*, que não era já um verso, mas sim uma nova estrophe que o choro cantava quando voltava ao seu logar, depois de ter executado em sentido inverso na antistrophe a evolução que descrevera ao cantar a estrophe. Como a musica da melica parece estar irremediavelmente perdida, ha obscuridades invenciveis no estudo da construcção complicada da poesia melica dos dorios e seus imitadores.

3) O desenvolvimento da melica coincide com o desenvolvimento da civilisação dos dous ramos dos povos hellenicos que primeiro organisaram a sua vida social sob uma forte norma politica—os eolios e os dorios. Essa poesia revela-nos uma epocha de reflexão adiantada

em que o governo do estado é um negocio que preoccupa o espirito de todos os cidadãos livres; ella é como que um orgão da opinião publica ou individual, actuando pelo esplendor da forma sobre os espiritos; a sua materia é ministrada principalmente pela sociedade politica ou civil. A melica fez eguaes progressos, viveu e floresceu com os eolios e os dorios, em quanto esses dous ramos do povo hellenico foram productivos e sãos, mas não sobreviveu a nenhum, attingindo o seu ponto culminante na epocha da guerra persica, quando as ideas politicas e religiosas, ultrapassando os limites da cidade e da colonia, se elevaram ao nivel de factos nacionaes. Então uma outra forma, a mais completa, a mais elevada que a Grecia e a arte teem attingido até hoje surgirá—a tragedia.

4) A melica dorica distingue-se tanto pelos caracteres internos como pela forma da melica eolica, dependentes do genio dos dous ramos hellenicos. A melica eolica é inspirada pelas paixões da vida e abre aos acontecimentos pessoaes um mais largo campo; a communidade social, a riqueza das condições publicas inspiram a melica dorica. Os cantores eolios offerecem um interesse geral humano, não se achando tão ligados como os dorios pelo estado e pela religião, e o fogo da sua paixão aproxima-os muitas vezes dos modernos;

os dorios são simples, patrioticos, muito similhantes uns aos outros; o que cantam é consagrado pela devoção e pelo amor da patria. No seu apogeo, a melica grega, porém, eleva-se a um momento em que as duas phases exclusivas até ali representadas por as duas raças se fundem num todo harmonico; a melica torna-se universal: o estado e a religião, as alegrias e tristezas da sociedade, os mythos do passado, os interesses do presente, os feitos dos governantes e cidadãos na guerra e nos jogos festivos, tudo ministra então materia á melica.

Especies da melica. São as principaes especies de cantos melicos as que passamos a mencionar.

1) O *pean,* que encontrámos já como um dos antigos typos poeticos dos gregos, foi pouco e pouco alargando o seu emprego e tornou-se um canto consagrado a qualquer dos deuses protectores; depois desenvolveu-se com as dansas d'armas dos cretenses, ligados com hyporchemas e vivos rythmos peonicos, uma nova forma do *pean,* o canto de batalha hellenico, com que se encetava a lucta e se festejava a victoria. Primeiramente o *pean* era acompanhado com a cithara, depois foi-o com a flauta, por fim com orchestra (dansa).

2) O *nomo* era um canto religioso em rythmo e tonalidade antigas, acompanhado de

cithara, ou tambem de flauta; era cantado em louvor dos deuses e tinha o valor de regras moraes. Depois da formação do melo antistrophico o *nomo* tornou-se uma especie antiquada, permanecendo na musica como uma expressão da melodia religiosa.

3) O *hyporchema* era um canto saido dos choros vivos e danças guerreiras dos cretenses, que pouco e pouco adquirira um caracter dramatico, aproveitando materia mythica, sendo acompanhado d'uma mimica enthusiastica. Foi cultivado principalmente pelos dorios. Thaletas passava pelo inventor do genero; Xenodano e outros parecem tel-o feito progredir. Pindaro e outros grandes melicos são considerados como os mestres do *hyporchema*, cujo ultimo representante foi Pratinas, que fez d'elle uma especie de farça de valor subordinado.

4) O *hymno* comprehendia composições assaz diversas; no sentido proprio era um canto em louvor da divindade cantado pelo choro com acompanhamento de dansas. Cleanthe fez do hymno uma forma para a expressão de maximas e pensamentos edificativos; mais tarde o hymno tornou-se uma forma para a expressão de pensamentos moraes e philosophicos. Stesichoro foi o primeiro que tractou artisticamente este ramo da melica. É elle que nos permitte determinar as variantes d'esta forma

com as suas caracteristicas; taes são para a pompa publica as *prosodias* e *parthenias*, para os banquetes os *scolios*, para as festas de guerra, dos reis ou de homens notaveis e preeminentes, os *encomios* e *epinicios*.

5) A *prosodia* era uma especie de hymno ou pean, cantado nas procissões ou theoriás, na consagração de cousas do templo ou dos presentes levados á divindade, ao som de flauta e acompanhada com orchestra seria; era principalmente consagrada ao culto de Apollo, como nos mostram os trabalhos de Pindaro. Bacchylides aproveitou-a para expressão de ideias geraes.

6) A *parthenia* era uma forma da prosodia, cantada por choros de raparigas; foi cultivada por Alcman, Pindaro e outros melicos.

7) O *scolio* ou canto torcido era primeiramente um canto de mesa, que se entoava alternadamente, passando de mão em mão um ramo de murta, ao som da cythara; era assim chamado ou do caracter da melodia ou do seu rythmo amphibrachico.

8) O *encomio* era um canto em louvor d'um principe ou homem notavel. Este genero desenvolveu-se pelo tempo das guerras persicas e cultivaram-no Pindaro e Simonides; mas os mais brilhantes trechos do genero eram os *epinicios* dos mesmos mestres, cantados em honra dos vencedores nos jogos publicos e

principalmente na carreira, ou nas festas de victoria, e mais tarde nas festas commemorativas em que havia offerendas, procissões festivas e cantos choraes.

9) O *epithalamio* e *hymeneo* ou canto hymenaico era uma forma tradicional, como vimos, de que Alcman, Stesichoro e Sappho fizeram uma forma litteraria.

10) Os *cantos eroticos,* relativamente pouco cultivados pelos dorios, acharam o seu periodo de esplendor entre os eolios.

11) O *threno* foi elevado por Simonides e Pindaro muito acima da sua rudez primitiva; tornou-se um canto antistrophico com acompanhamento de flauta.

12) O *epicedio* era um canto elegiaco funebre, destinado mais para a leitura do que para o canto publico.

13) O *dithyrambo,* a ultima especie de melo, ligada ao culto dionysiaco, e que abriu caminho para o drama, revestiu diversos caracteres segundo os tempos e os logares.

I. Primitivamente exprimia a alegria e agitação produzida pelo vinho, e permittia á dansa, á mimica e ao acompanhamento musical um jogo livre.

O nucleo do dithyrambo consistia então num mimo musical, em que certas figuras caracteristicas do acompanhamento de Dionyso, principalmente satyros, e um choro recordavam

d'um modo popular a historia do deus. A esse mimo ligavam-se uma dansa viva e musica agitada de flauta, segundo os rythmos da harmonia phrygia; a parte cantada reduzia-se porém a preludios tradicionaes e formulas finaes, consistindo num pequeno canto improvisado e sem estylo determinado. Não ha nenhum monumento, nem segura noticia historica d'essa primeira phase do dithyrambo.

II. Arion desenvolveu o elemento poetico do dithyrambo, fixou em 50 o numero dos choristas, que entoavam cantos choricos agrupados antistrophicamente, executando movimentos alternados com os dansantes. Attribue-se ainda a Arion a separação dos satyros e do seu canto da poesia melica do choro, dando assim um passo para o drama satyrico, que encontramos mais tarde ao lado da tragedia.

III. Laso, cerca d'um seculo depois de Arion, emquanto á *forma*, desenvolveu a musica dithyrambica pela opposição dos instrumentos, variando os rythmos; emquanto á materia alargou o campo dithyrambico além do cyclo bacchico admittindo nelle differentes mythos.

IV. Mestres de choros dorios foram estabelecer-se na Attica, onde implantaram o dithyrambo, que ali recebe um desenvolvimento

novo da *choregia,* ou corporação dos cidadãos que faziam as despesas dos espectaculos publicos. Na Attica o dithyrambo desvia-se inteiramente da sua materia original, saindo do cyclo bacchico para o campo dos mimos profanos, em que mythos e representações idyllicas eram tractadas a capricho, produzindo pelo esplendor do estylo e da musica um effeito theatral.

Melicos dorios. Os principaes são Alceu, Sappho, Ibyco e Anacreonte.

Alceu, nobre de Mytilene, combateu valentemente contra os athenienses pela posse de Sigeo, na Olymp. 43, e concorreu para a queda do tyranno Melanchro, tendo vivido ao que parece em reposo o resto de sua vida; o seu caracter elevado, viril e independente, revela-se nos fragmentos que temos de suas poesias. Compozera *stasiotica* (cantos politicos), *sympotica* (cantos de banquete) e *erotica.*

Sappho, de Mytilene ou d'Ereso, contemporanea de Alceu (Olymp. 38-53 ?) é a mais celebre poetisa que tem apparecido no mundo. Uma paixão seria e profunda, a admiração da belleza e da musica, o desprezo da riqueza material e de tudo quanto era baixo, um sentimento delicado da natureza davam ás suas

composições um encanto inexcedivel. Temos d'ella apenas duas odes completas e varios fragmentos.

Ibyco, de Rhegio, floresceu pela Olymp. 60; foi um poeta genial, de caracter erotico, impressionavel pela natureza, empregando uma expressão nobre. Chegaram-nos d'elle apenas fragmentos.

Anacreonte, de Teos, tendo emigrado provavelmente de sua patria quando os seus compatriotas fugindo ao jugo persa fundaram a colonia de Abdera (Olymp. 60, 540 a. Chr.), viveu depois successivamente na corte de Polycrates de Samos e na casa do atheniense Hipparcho, achando em Athenas uma favoravel posição social. Só nos restam d'elle fragmentos citados pelos antigos. A collecção a que se deu o nome de Anacreonte é apocrypha, contendo composições de epochas muito diversas; uma parte consideravel, parece ser pouco anterior ao VI seculo p. Chr.

Melicos dorios. Alem de Terpandro, cujo nome se liga ás origens da melica doria, mencionaremos Alcman e Stesichoro.

Terpandro, de Lesbos, portanto de origem eolica, era considerado como creador da me-

lica e fundador da especie lyrica (citharodica), pela sua invenção do heptacordio (lyra de sete cordas); mas as tradições que se lhe referem mal deixam transparecer nelle uma personalidade historica, cuja epocha seja determinavel, sendo incerto em qual das primeiras olympiadas este mestre da musica lesbia florescesse. Os espartanos consideravam-no como o chefe do primeiro periodo da sua musica archaica e honravam-no como um cantor da sua raça.

Alcman, de origem lydia, liberto, educado na casa d'um espartano, viveu segundo os chronologos entre a Olymp. 27 e 42, numa parte, pois, do seculo VII, a. Chr., quando o espirito nacional dos laconios se elevara e expandira pela guerra messenica e pelo desenvolvimento da arte musical. Temos d'elle apenas alguns fragmentos, que nos mostram que suas ideas se moviam no circulo acanhado da vida privada e das relações da sociedade domestica.

Stesichoro, de Himera, viveu entre a Olympiada 37 e 56 (c. 630-550 a. Chr.), isto é, no periodo em que a melica dorica lança as suas profundas raizes, a arte eolica florece, as instituições politicas manifestam a influencia de uma reflexão madura, e a fundação das colo-

nias e as viagens maritimas veem alargar os horisontes do espirito grego e augmentar o thesouro dos mythos. Os raros fragmentos e noticias que temos de suas composições permittem-nos ainda ver que elle aproveitara a materia epica dos mythos e lhe imprimira o caracter da materia lyrica pela reflexão individual.

Cantores da melica universal. Os mais importantes são Simonides de Ceos e Pindaro; Bacchylides, Corinna (poetisa), Timocreon, Telesilla e Traxilla (poetisas), Diagoras são de valor subordinado.

Simonides, de Ceos, viveu entre a Olymp. 56,1 e 77,4 (556-469 a. Chr.); foi contemporaneo de successos importantes, como a guerra persica, de homens d'estado notaveis, em cuja sociedade achou impulsos para o seu espirito. Gozando uma posição independente pelos seus haveres, poude cultivar a arte despreoccupado. As suas viagens emanciparam-no de todo o ponto de vista particular de raça; mas os duzentos fragmentos que d'elle nos restam, comquanto offereçam grande riqueza de pensamentos em forma excellente, mostram que faltava ao seu auctor a profundidade, o sentimento religioso e as altas vistas sociaes que caracterisam o seguinte.

Pindaro, nascido na aldeia thebana de Cynoscephalas, na Olymp. 64,3 (521), marca o ponto culminante attingido pela melica. Na sua familia a auletica (arte da flauta) era hereditaria. Laso, então o maior mestre da melopea, deu-lhe instrucção. Ainda moço, entra em *agones* ou concursos poeticos, em que teve por competidoras as poetisas Myrtis e Corinna, sendo, segundo a tradição, vencido pela ultima. A guerra persica divide ao meio a sua vida; mas a phase nova em que depois d'essas guerras entra o mundo hellenico fica-lhe estranha: Pindaro pertence pelo espirito á edade precedente, á Grecia eolo-dorica. Cultivou as mais importantes formas da melica e a sua fecundidade só foi excedida por Simonides. Só nos restam d'elle quatro livros de epinicios, formando um cyclo de cantos *(periodo)*, a que só falta uma pequena parte para estar completo. A universalidade da sua poesia, tornaram a obra de Pindaro das mais lidas na Grecia; os athenienses nomearam-no hospede publico, e os habitantes de Ceos pediram-lhe uma *prosodia*, apesar de terem Simonides.

f) Começos da litteratura prosaica

Apparecimento da prosa. A prosa apparece nas litteraturas quando se chegou a um assaz adeantado grao de reflexão; a prosa demais

suppõe o emprego da escripta já desenvolvido porque a prosa não se transmitte em geral, pela memoria, como a poesia, que o rythmo auxilia a reproduzir de cór; não se deve esquecer todavia que narrações extensas em prosa, contos populares, se transmittem ainda assim atravez dos seculos com bastante fidelidade; mas a prosa didactica necessita de ser fixada pela escripta.

Os primeiros monumentos prosaicos dos gregos foram legislações regulares. Depois do meio do seculo VI, a. Chr., formam-se entre os gregos os germens d'uma litteratura scientifica.

Pherecydes, de Syros, que pode ser considerado como o mais antigo prosador grego, escreveu em aphorismos uma theologia especulativa.

Thales, de Mileto, e seus continuadores *Anaximandro* e *Anaximenes*, todos jonios, fundam a philosophia empirica da natureza, de accordo com as tendencias realistas da raça jonia.

Pythagoras e a sua eschola, em que se revela o espirito dorico, levanta um systema de philosophia idealista, sobre concepções mathematicas.

Primeiros ensaios historicos. Só lentamente e tarde é que os jonios fizeram as primeiras tentativas no dominio da litteratura historica.

Cadmo, de Mileto, é citado como o primeiro historiador (c. 540 a. Chr.).

Hecateo, tambem natural de Mileto, fez numerosas viagens e reuniu os resultados de suas investigações historicas e ethnographicas numa obra intitulada *A Volta do mundo,* de que nos restam fragmentos de grande valor pela sua antiguidade. Hecateo completou e corrigiu o primeiro mappa do mundo, desenhado por Anaximandro.

Sabemos ainda da existencia de outros geographos, ethnographos e historiadores d'este periodo, que, como todos os anteriores a Thucydides, são denominados *logographos,* expressão que entre os Athenienses designava, porém, todos os escriptores em prosa.

4. Terceiro periodo

(DA GUERRA PERSICA ATÉ ALEXANDRE MAGNO (490-366 A. CHR.)

a) Caracteres d'este periodo

Neste periodo a Attica adquire a soberania intellectual da Grecia; o espirito jonio eminentemente assimilador e progressivo, accei-

tou e transformou a herança litteraria dos outros ramos da nacionalidade hellenica, e sem eliminar nenhum de seus productos, deixando subsistir a fama dos velhos mestres ao lado da dos novos, attinge a forma mais completa da arte no drama. A grande lucta contra a invasão asiatica exaltara os sentimentos nacionaes, que acharam na litteratura a sua mais adequada expressão; ao mesmo tempo as bellas-artes chegavam tambem ao mais alto grao de perfeição na esculptura e architectura. É no seculo de Pericles que se acha o ponto culminante do desenvolvimento artistico, seguido de rapida decadencia.

b) A tragedia

Origens. A tragedia era na essencia e organisação de origem attica, com quanto o impulso para este genero e os seus primeiros germens fossem recebidos do Peloponeso. Faltam-nos muitos elos na cadeia que liga a tragedia attica ao dithyrambo na sua forma mais desenvolvida. Nas festas do vinho de Dionyso sacrificava-se um bode, emquanto se executavam cantos e choros, chamados τραγικοὶ χοροί (de τράξ, τράγος, bode). Esses cantos tornaram-se a materia do τραγικὸς τρόπος, especie de tragedia dorica, constituida só por choros, a tragedia lyrica, segundo a denominação moderna.

As tendencias mimicas, que existem mais ou menos desenvolvidas em todos os povos e que nos explicam o caracter mimetico que tomara o dithyrambo, determinaram a existencia de numerosos elementos dramaticos nos cultos hellenicos. Em Delphos um adolescente figurava Apollo no quadro vivo do combate contra o dragão, da fuga e da expiação que seguem. Em Samos representava-se na festa principal de Hera o casamento com Zeus. Os mysterios de Eleusis eram, ao que parece, um drama mythico em que se representava a historia de Demeter e Cora. Nas anthesterias de Athenas, festas em honra de Dionyso, a mulher do segundo archonte, que se chamava a rainha, era desposada ao deus por meio de uma solemnidade mysteriosa, e nas procissões esse mesmo deus era representado por um homem. Nessas festas, arrastados pela tendencia mimica, os que nella tomavam parte mais activa, sentindo como que a necessidade de sair de si mesmos, disfarçavam-se em satyros, punham mascaras de pau, de cascas d'arvores, cingiam-se com pelles de bode, coloriam o corpo com gesso, cebo, minio, vestiam-se imitando personagens determinados.

Primeiros tragicos. Nenhuns monumentos nos restam do primeiro periodo da tragedia

attica, do periodo anterior ás guerras persicas; apenas conhecemos alguns nomes a que se ligam tradições pela maior parte obscuras.

Epigeno, segundo uma velha tradição, teria precedido em Licyone os tragicos athenienses e seria o primeiro a fazer figurar na tragedia outros personagens além de Dionyso.

Thespis, segundo os antigos, foi o auctor do primeiro drama propriamente dicto. No tempo de Pisistrato juntou ao choro, que só admittira alternações e replicas, verdadeiros dialogos. Então apparece o actor ὑποκριτής de ὑποκρίνεσθαι, responder ao canto do choro, e esse actor, segundo creem varios criticos, representava successivamente diversos personagens. As dansas inventadas por Thespis eram ainda estimadas no tempo de Aristophanes pelos amadores do estylo orchestral archaico.

Phrynicho, gozou de grande auctoridade na scena attica desde a Olympiada 67 (512 a. Chr.); não modificou o drama, como o deixara Thespis, senão pela introducção de caracteres femininos, que, segundo os costumes antigos, eram representados por homens. O seu merito principal estava na parte musical e lyrica. Na *Conquista de Mileto* pôz em scena as desgraças

contemporaneas d'essa colonia, o que lhe valeu ter que pagar uma forte multa, depois de ter commovido os espectadores.

Cherilo, foi um poeta muito fecundo que se distinguiu sobretudo no drama satyrico, especie de comedia primitiva, que se achava ao lado da tragedia, e que tinha por materia aventuras de Baccho, scenas naturalistas e sobretudo o mytho d'Hercules.

Pratinas distinguiu-se tambem no drama satyrico, e era até considerado como tendo feito d'elle um genero particular pelos athenienses, aos quaes se apresentou como rival de Cherilo e Eschylo pela Olymp. 70 (500 a. Chr.).

Os grandes tragicos. Graças ao genio de tres grandes poetas, Eschylo, Sophocles e Euripides, a tragedia grega attinge na Attica, depois das guerras persicas, uma altura que nunca mais foi excedida. O theatro torna-se uma verdadeira instituição nacional, exercendo nos espiritos uma consideravel influencia. Segundo um costume, que tinha remotas origens, as representações offereciam o caracter de concursos poeticos. Depois de Euripedes a tragedia grega decahiu completamente.

Eschylo nasceu na aldeia atheniense de Eleusis, na Olymp. 63,4 (525 a. Chr.); aos 35 annos tomou parte na batalha de Marathona e aos 45 na de Salamina; a sua vida foi consagrada á poesia, na profissão de mestre dos choros. As suas composições formavam trilogias ou todos constituidos por tres peças, com uma mesma acção, que se desenvolvia em todas ellas, mas de modo que cada parte tinha interesse independente. A cada trilogia juntava-se um drama satyrico. Dos setenta dramas que escreveu, afora os satyricos, só nos restam sete, alem de varios fragmentos; são: *Os persas, Septe chefes contra Thebas, Supplicantes, Prometheo agrilhoado, Agamemnon, Choephoras, Eumenides.* As tres ultimas formam uma trilogia completa. A tragedia de Eschylo é principalmente politica, patriotica e religiosa; o seu tom é sempre grandioso; o seu sentido profundo; os seus personagens representam um caracter geralmente transhumano.

Eschylo deu maior desenvolvimento á acção dramatica pela introducção de dous actores em vez de um.

Sophocles, nasceu no povo de Colono na Olymp. 70,4 (496 a. Chr.). Aos 16 annos foi o conductor do choro que na batalha de Salamina cantou o *pean* da victoria. Em 468 apresentou-se no concurso dramatico como adver-

sario de Eschylo e ganhou o premio. Como o seu rival mais velho, fez da poesia a occupação principal da sua longa vida. Dos cento e trinta dramas attribuidos na antiguidade a Sophocles, cento e treze eram considerados pelo grammatico Aristophanes como authenticos. Nesse numero entravam, segundo se julga, não só tragedias, mas tambem dramas satyricos. Restam-nos apenas de todas essas composições as seguintes: *Antigone, Electra, Trachinias, Edipo Tyranno, Ajaz, Philoctetes, Edipo em Colono.* Sophocles tornou completamente independentes as peças compondo cada trilogia e juntou aos dous actores do theatro d'Eschylo um novo actor. O papel do choro diminuiu de importancia pelo mais consideravel desenvolvimento dado á acção; os seus personagens adquiriram feições mais vivas, mais dramaticas. O desenho dos caracteres, a pintura das situações moraes, o jogo dos sentimentos intimos dão ao theatro de Sophocles um interesse mais geral e humano que o que desperta o theatro d'Eschylo, muito dominado pelos interesses nacionaes, por as concepções d'uma theologia morta em grande parte para nós.

Euripides nasceu, segundo a tradição, no dia da batalha de Salamina (Olymp. 75, 1, 480) nessa ilha; occupou-se na sua mocidade da

athletica, mas os philosophos Anaxagoras e Prodico deram-lhe uma direcção intellectual. Esses estudos philosophicos influiram consideravelmente nas suas composições theatraes: fizeram d'elle na essencia um pensador e estylista que se serve da tragedia como forma. Sob o ponto de vista nacional, o seu theatro representa uma verdadeira decadencia. Comparadas com as de Sophocles, as suas composições apresentam numerosas imperfeições, taes como o desenvolvimento muitas vezes pouco artistico da acção, cujo desenlace é produzido pela intervenção abrupta d'uma divindade *(deus ex machina)*, o abuso da rhetorica, a pobreza do seu lyrismo; mas, penetrando profundamente na alma humana, pondo em jogo as paixões que a agitam com vigor realistico, desenhando sobretudo com traços firmes os caracteres feminis, discutindo problemas moraes livre de todos os preconceitos nacionaes, Euripides compensa amplamente muitos dos seus defeitos. As peças que d'elle possuimos, são dezoito: *Iphigenia em Aulida, Iphigenia em Taurida, Hippolyto, Medeia, Alcestes, Orestes, Andromacha, Phenicias, Troyanas, Hecuba, Hercules furioso, Jon, Helena, Rheso, Supplicantes, Heraclidas, Bacchantes* e o drama satyrico *Cyclope*.

c) A comedia

Origens da comedia. Essas origens são mais obscuras que as da tragedia, mas ligavam-se como as d'esta ao culto de Dionyso, não ás lenenas, festa bacchica do inverno, mas sim ás pequenas dionysiacas ou dionysiacas campestres, festa final das vindimas, em que havia uma parte chamada *comos* ou festim. Comedia (κωμωδια) era o canto do *comos,* em que os convivas zombavam dos espectadores dirigindo-lhes chufas, gracejos, entregando-se ao mesmo tempo a toda a especie de folias.

Susarion era tido pelos icarios, habitantes d'uma aldeia da Attica, como o inventor da comedia. Contavam que esse poeta tivera um desafio por um cesto de figos e um cangirão de vinho com um choro de icarios, que enfuscavam a cara com borra de vinho. Essa tradição dá-nos idea d'uma pequena acção comica em que um só actor, como na tragedia primitiva, alternava com o choro. Susarion era de Megara, que parece ter tido um papel importante no desenvolvimento da comedia; e diz-se que viveu no tempo de Solon, muito antes de Thespis. Só porém mais tarde é que nos apparecem outros poetas importantes na historia da comedia.

Epicharmo, dorio de Cos, estabelecido primeiro numa colonia megara na Sicilia e depois em Syracusa, é um dos elos dispersos na historia da comedia; parece ter sido elle quem fez d'esta um verdadeiro genero litterario. Nas suas composições, as divindades eram empregadas para representar na imparcialidade da allegoria mythica personagens e typos do presente.

Phormis foi o mais celebre dos comicos sicilianos depois de Epicharmo; quasi nada, porém, sabemos d'elle.

Divisão da historia da comedia. A historia da comedia comprehende, alem do periodo das origens, tres phases que se chamam a comedia antiga, representada por Aristophanes a media e a nova. A ultima phase entra no quarto periodo da litteratura.

Aristophanes (c. 452-392 a. Chr.), athenienso, foi o mais celebre escriptor comico da Grecia, o que nos explica como de todos os productos da comedia grega, nos seus diversos periodos, só nos chegassem completas dez das suas composições: os *Acharnios*, os *Cavalleiros*, a *Paz*, *Lysistrato*, as *Nuvens*, as *Vespas*, a *Assembleia das mulheres*, o *Pluto*, as *Festas de Ceres*, as *Rãs*.

Essas peças revelam um poeta de genio, dotado d'uma imaginação rica, possuindo todos os recursos da technica litteraria, profundamente patriota, mas essencialmente conservador, que vê em toda a innovação na politica, na litteratura, nas crenças, nos costumes um perigo para a patria; a comedia aristophanesca adquire por isso um caracter politico e social que lhe dá um grande grao de elevação. Elle põe em scena personagens notaveis do seu tempo, para combater as suas tendencias pelo comico, levado muitas vezes aos ultimos limites do obsceno; mas a sua satyra não é em rigor pessoal: não persegue individuos; esses personagens são para elle apenas typos que representam partidos, doutrinas, escholas litterarias, taes como Socrates, em que elle vê um sophista, e Euripedes, que considera como corruptor do drama religioso, patriotico, social, como Eschylo o concebera. Ao lado d'esses personagens, typos da realidade, fallam, movem-se, obram as nuvens, as rãs, as aves, entidades collectivas, como o povo, e não se sabe quaes teem mais vida, tal é o poder artistico com que o poeta anima tudo.

A COMEDIA MEDIA, de que não fazemos uma idea sufficientemente clara, por causa da perda dos seus monumentos, representa os vicios e aspectos ridiculos da sociedade, scenas da

vida ordinaria, mas não tem já caracter politico; a critica litteraria apparece ainda nella; o caracter de satyra apparentemente pessoal da comedia antiga é-lhe desconhecido, porque emprega, em vez dos personagens vivos, figuras allegoricas, entidades mythicas, representando typos da sociedade. Cultivaram esse genero, entre outros, Antiphanes, Alexis, Cratino e Timocles.

d) Historiographia

Dois escriptores de genio elevam a historia no começo do terceiro periodo a uma altura que os ensaios anteriores não permittiam prever.

Herodoto (484, c. 406 a. Chr.), de Halicarnasso, cuja vida teve muitas peripecias, em virtude das agitações politicas do seu paiz, preparou-se para a obra que planeara por viagens no Egypto, na Asia e na Grecia europea, em que inquiriu ácerca da historia, tradições, costumes, crenças dos povos de que devia fallar.

As *Historias* de Herodoto são divididas em nove livros, cada um dos quaes tem o nome d'uma das musas; abraçam a historia de todos os povos então conhecidos; mas o facto central em torno do qual os outros se conglobam

é a lucta do poder asiatico contra a Grecia. Critico e ingenuo ao mesmo tempo, aspirando só á verdade, sem pretenções d'estylo, com uma intelligencia aberta ás impressões da historia, Herodoto realisou uma obra d'arte nesses nove livros, em que trabalhou até ao fim da vida.

Thucydides (cerca de 470-395 a. Chr.), de Halimunto, demo da Attica, não quiz fazer uma obra historica em que factos numerosos, bebidos em todas as fontes, viessem reunir-se em torno d'um ponto central, como na obra de Herodoto. A sua *Historia da guerra do Peloponeso* procede por uma ordem rigorosamente chronologica. A sua exposição é simples; mas a obra não é uma chronica secca: com traços sobrios, desenham-se nella os caracteres, destacam-se os factos capitaes, pronunciam-se as feições moraes dos personagens, em cujos labios Thucydides põe frequentes discursos, destinados a revelar os sentimentos que o historiador julga em acção, a exprimir d'um modo indirecto as suas reflexões sobre os acontecimentos.

Depois d'estes grandes historiadores, o mais notavel que nos offerece a Grecia no mesmo periodo é Xenophonte.

Xenophonte (cerca de 455-355 a. Chr.), da

Attica, foi discipulo de Socrates; cultivou diversos generos litterarios, e das obras que nos deixou uma, as *Memorias*, é consagrada á exposição das doutrinas e factos biographicos do seu grande mestre, na forma de dialogo, empregada tambem por Platão.

Anabasis é a obra historica capital de Xenophonte, a qual tem por assumpto a expedição de Cyro o moço na alta Asia, e a retirada dos dez mil, em que o historiador era um dos generaes, nomeados depois da morte dos primeiros chefes gregos.

Hellenicas é o titulo d'outra obra historica, que continua a de Thucydides.

c) A eloquencia

Muitos dos homens d'estado em Athenas distinguiam-se pelo dom da palavra, que era quasi, nos tempos mais florescentes d'aquella republica, uma condição necessaria para a vida agitada da administração politica. Pericles, sob esse ponto de vista, como sob tantos outros, occupou o primeiro logar. Os estudos grammaticaes e rhetoricos, cultivados pelos sophistas, vieram reagir sobre essa eloquencia natural, e pela sua fusão dar origem á eloquencia artistica.

Antiphon (c. 480-412 a. Chr.) parece ter sido

o primeiro cultor d'esse genero novo, que lhe valeu ser procurado para escrever discursos que outros recitavam. Vieram até nós quinze composições oratorias, que lhe são attribuidas e que nos mostram que na sua primeira phase a eloquencia artistica teve em mira a convicção e não a commoção; o auctor argumenta, inventa, busca pensamentos para impôr as suas theses; não agita pela paixão, pelo brilho das figuras do pensamento, não fere pela finura da ironia.

Lysias (n. 459 a. Chr.), depois de ter feito composições oratorias, de caracter artificial, cheias de combinações de puras palavras, chegou a um genero simples e nobre de eloquencia artistica, em que conseguiu conformar-se ao caracter de cada um dos personagens que lhe encommendavam discursos para os pronunciar publicamente.

Isocrates (n. 436 a. Chr.) pertence já á epocha em que a Macedonia ameaça a independencia atheniense; é elle o primeiro que, levado sem duvida, em grande parte pelas condições d'essa epocha, dá uma direcção politica á eloquencia artistica, que até ali se limitara aos panegyricos e aos processos; mas os interesses da patria não foram para elle mais do que um motivo, um thema para as suas

elaborações rhetoricas, a cujo exito deu mais importancia do que a tudo mais. Sob o ponto de vista da forma, as suas composições tornaram-se modelos, cuja influencia se estendeu até nossos dias, atravez de Demosthenes e Cicero.

Eschines (393-314 a. Chr.) e seu rival Demosthenes representam o ponto culminante da eloquencia artistica atheniense. Eschines caracterisa-se pelo ardor da paixão, o movimento oratorio, a exuberancia das imagens e pela fraqueza geral da argumentação.

Demosthenes (385-322 a. Chr.) é o mais completo de todos os oradorês artisticos athenienses. A sua superioridade tem os seguintes caracteristicos principaes: riqueza de meios de expressão, de formas, mas riqueza dominada, não prodigalisada sem regra; a força e coherencia da argumentação, a vida, a paixão que sempre o animam, e, nos seus discursos politicos, os seus sentimentos e intuitos patrioticos, que lhes dão uma admiravel grandeza. Demosthenes, na sua tentativa de levantar a Grecia pela eloquencia contra Alexandre de Macedonia, é o ultimo grande representante das artes da palavra entre os gregos, como manifestação verdadeiramente nacional.

f) Outros generos cultivados no quarto periodo

Os gregos cultivaram neste periodo, e particularmente nos seus ultimos tempos, alguns generos cujo estudo não incumbe á historia da litteratura, considerada como conjuncto das artes da palavra, propriamente dictas; mas ainda no dominio da philosophia e da sciencia encontramos individualidades que por muitos dos seus aspectos merecem a nossa attenção sob o nosso ponto de vista: taes são PLATÃO e ARISTOTELES, dois verdadeiros escriptores, o primeiro dos quaes representa no seu mais alto grao as tendencias idealisticas do espirito grego, e o segundo organisou a encyclopedia da sciencia antiga, com admiravel vastidão de conhecimentos e largueza de vistas.

5. Quarto periodo

(336 A 30 A. CHR.)

a) Caracter geral d'este período

Vimos como se constituiram os diversos generos litterarios que os gregos transmittiram ás outras epochas litterarias como modelos perfeitos, considerados nos limites do espirito

nacional. Desde o momento em que esse espirito se prosta, desde o momento em que a Grecia, por causas que a historia propriamente dicta investiga, não tem já condições de existencia independente, a litteratura decae necessariamente, a sua significação nacional desapparece, os seus productos teem um valor puramente individual.

No começo d'este periodo a comedia attinge uma ultima phase, ainda importante em si e pela sua influencia futura; mas todos os outros grandes ramos da poesia ficam reduzidos a meras producções artificiaes; na Sicilia desenvolve-se com certo brilho o genero bucolico; os estudos da critica litteraria, os estudos scientificos propriamente dictos desenvolvem-se notavelmente na eschola de Alexandria.

b) A comedia nova

A comedia nova corresponde a uma phase social em que os grandes interesses politicos desappareceram e ficaram os pequenos interesses da vida quotidiana e domestica; torna-se então comedia de acção e de caracteres, buscando o nucleo num enredo em geral assaz simples, e na pintura de certos typos geraes da sociedade, como o *Supersticioso*, o *Inimigo das mulheres*, o *Soldado fanfarrão*, o *Lisongeiro*.

Menandro (342-290 a. Chr.), natural de Athenas, é o auctor mais importante que figura nessa phase nova da comedia; não temos senão fragmentos de suas composições, que consistem pela maior parte em sentenças citadas por diversos escriptores; nem sequer uma scena completa chegou até nós; mas, pelas imitações das obras d'esse auctor feitas em Roma, por indicações diversas, e combinações, faz-se uma ideia aproximada do seu caracter e merito.

c) Poesia bucolica e siciliana

Segundo a tradição da antiguidade, as origens do genero bucolico ligavam-se ao culto da Artemis dorica, que era principalmente venerada em Tyndaris, cidade da Sicilia, sede de uma importantissima colonia dos dorios. Sob a protecção da deusa havia corporações de pastores, que se sentiam com veia poetica, denominados lydiastas ou bucolistas, que, em occasiões festivas, entoavam cantos de desafio *(carmina amoebaea)*. Entre os caracteristicos formaes d'essas composições havia o *estribilho* repetido e a *assonancia*.

Theocrito (floresceu c. 260-50 a. Chr.), natural de Syracusa, foi o primeiro que converteu esses cantos pastoris num genero littera-

rio em que elle se distingue de quasi todos os poetas do genero que se seguiram, pela verdade e arte com que reflecte a vida e sentimentos do povo, emquanto os outros bucolistas se servem em geral da mesma forma para exprimir sentimentos, situações puramente pessoaes. Restam-nos de Theocrito trinta composições a que se tem dado o nome generico de *idyllios,* mas que se dividem rigorosamente em diversas e bem distinctas classes; uma d'ellas é um *mimo,* dialogo comico de duas mulheres do povo, outras são poesias eroticas em estylo elevado, episodios de mythos heroicos, pequenas epopeas. Onze composições, porém, constituem verdadeiros pequenos dramas bucolicos.

d) Eschola d'Alexandria

O gosto pelas lettras que caracterisou os Ptolomeus torna a Alexandria o centro d'um importante movimento intellectual, em que a investigação e a analyse excluem a invenção e a creação artistica. Em verdade os alexandrinos cultivaram todos os generos de litteratura que acharam constituidos, mas como eruditos que escrevem, por assim dizer, numa lingua morta.

As elegias, epigrammas e hymnos de Callimacho e as *Argonauticas* de Apollonio Rhodio

offerecem apenas interesse aos archeologos; litterariamente consideradas, são meros productos artificiaes.

Os trabalhos d'erudição e sciencia formam a verdadeira gloria dos alexandrinos; mencionaremos entre esses a organisação do celebre *canon* ou corpo dos classicos gregos, os trabalhos criticos de recensão dos poemas homericos, a que anda ligado principalmente o nome de Aristarcho, a traducção da Biblia hebraica por setenta escriptores, o que lhe faz dar o nome de Biblia dos Setenta, e a geometria de Euclides.

e) Escriptores diversos

Polybio (c. 205-122 a. Chr.), natural de Megalopis na Arcadia, mostra-nos já a lingua e litteratura grega ao serviço de Roma, de que a Grecia se torna uma provincia romana. Filho de um dos chefes da liga achaica, levado para Roma como refens, elle explica aos seus compatriotas escravisados, na *Historia geral,* como essa pequena nação do Lacio caminha para a conquista do mundo e é assim um dos elos de transição da litteratura grega para a romana. Valiosa como estudo historico, a obra de Polybio não é um monumento d'arte.

Strabão (c. 50 a. Chr.) foi o maior geographo da antiguidade, dotado d'um notavel espirito scientifico e enriquecido por uma vasta erudição.

6. Ultimos periodos

Mencionaremos apenas entre os escriptores d'esses periodos, cujo estudo pertence muito mais á erudição propriamente dicta do que á historia da litteratura sob o ponto de vista que nos preoccupa, um que indica, por assim dizer, a morte completa do espirito hellenico.

Luciano (epocha de Trajano, de Adriano e dos Antoninos), natural de Samosata, na Syria, polygrapho e sobretudo moralista, manifesta um scepticismo completo a respeito das velhas divindades gregas, que são tractadas com extrema irreverencia nos seus escriptos.

As suas obras numerosas offerecem-nos os productos d'um espirito muito instruido, engenhoso, moralista.

SECÇÃO II

LITTERATURA ROMANA

1. Preliminares

a) Origem e caracter dos romanos

Os romanos pertenciam, como os gregos, á grande familia dos povos indo-europeus; mas o seu espirito apresenta caracteristicos muito distinctos. A viveza de phantasia, a mobilidade de espirito, o amor da forma que caracterisaram os hellenos, faltaram aos romanos, em que se encontram, como compensação, a sobriedade e agudeza do pensamento, a firmeza e constancia da vontade. O util, o pratico era o fim dos seus esforços e não o bello e a especulação philosophica. No dominio do estado

e do direito essas qualidades levaram os romanos a organisar um grande imperio, com o mais maravilhoso systema administrativo de que a historia nos offerece exemplo, e á creação dos codigos juridicos que se tornaram a base do direito moderno; no dominio da litteratura, da sciencia e da philosophia deram-lhes um logar subordinado, tornando-os simples discipulos dos gregos.

b) A religião romana

A religião romana está de accordo com esse caracter fundamental do povo: as divindades teem uma feição abstracta, multiplicando-se por isso indefinidamente, porque um attributo, um nome se torna um deus, sem que a significação do deus tenha maior comprehensão que a que lhe dá esse nome; assim Janus e Diana, Jupiter e Juno são simplesmente os celestes, as celestes. Os mythos, as lendas divinas ou heroicas dos romanos são por isso pouco numerosos e pobres de desenvolvimento poetico. As cerimonias do culto, ao contrario, tomaram uma grande extensão entre elles; formas metrificadas extremamente simples acompanhavam as praticas religiosas, com que o povo implorava ou agradecia a intervenção dos seus deuses. Só por influencia dos povos visinhos e principalmente dos gre-

gos é que o caracter fundamental da religião romana, tão pouco favoravel á cultura poetica, se veiu a alterar. Ás divindades romanas foram confundidas ou identificadas com as d'esses povos e as suas lendas attribuidas ás divindades nacionaes.

c) Origens litterarias de Roma

I. Até Livio Andronico (240 a. Chr.), de que data o estabelecimento definitivo da influencia litteraria da Grecia em Roma, os romanos não tiveram uma litteratura propriamente dicta. Desde tempos muito antigos, numa epocha que, porém, é impossivel determinar, por intermedio da colonia grega de Cumas, na Campania, introduzira-se no Lacio o uso do alphabeto na sua forma dorica (1); mas durante seculos só se empregou a escripta nas moedas, inscripções, documentos legislativos, rituaes e outros escriptos das corporações religiosas, como calendarios, fastos, listas chronologicas dos pontifices, chronicas de familia, emfim documentos em geral com caracter de registos destinados a fins utilitarios. Em verdade, as formas litterarias estavam bem longe de ser excluidas completamente de alguns d'esses documentos: muitas vezes a linguagem

(1) Segundo uns depois do tempo dos Tarquinios, segundo outros em tempos mais remotos.

d'elles tornava-se solemne, rythmada, o que se dava principalmente nas inscripções; esse rythmo era o do *verso saturnino*.

O *verso saturnino* era o verso nacional italico, construido de modo assaz livre, que faz com que não seja possivel reduzir a regras communs os vestigios que d'elle nos ficaram. O principio geral que se observava nelle é a divisão em duas partes, uma com rythmo ascendente, outra com rythmo descendente. A alliteração vinha compensar o que faltava de caracterisação a esse verso.

II. Os materiaes principalmente empregados para a escripta nos mais antigos tempos de Roma foram a pedra, o bronze e o linho.

As mais antigas inscripções de que temos conhecimento directo, são:

1) As dos tumulos de L. Cornelius Cn. f. Scipio (Cons. em 298 a. Chr.) e seu filho L. Cornelius L. f. Scipio (Cons. em 259 a. Chr.) e o elogio do ultimo em saturninos.

2) Varias de Fourio e Preneste, dous fragmentos d'um senatus-consulto, que se suppõem remontar ao v seculo da cidade (354-254 a. Chr.).

A inscripção da columna rostrada de Roma levantada a C. Duilio pela sua victoria sobre Carthago (260 a. Chr.), foi reformada e augmentada no tempo de Claudio por algum an-

tiquario, que quiz imitar as velhas formas da lingua; não temos, pois, nella um documento authentico, como julgaram muitos escriptores.

III. Todas as composições em verso saturnino, anteriores a Livio Andronico, eram monumentos da poesia nacional romana. Ao lado da corrente artistica devida á influencia hellenica, mantiveram-se alguns generos populares, que nós podemos considerar como tendo existido no mais antigo periodo de Roma, comquanto as noticias que se referem a esses generos decorram de epochas mais recentes; taes são:

1) Os cantos triumphaes *(carmina triumphalia)* que os soldados dirigiam ao general vencedor e em que os louvores se misturavam com zombarias e insultos; eram cantados alternadamente;

2) *Cantos do trabalho agricola;*

3) *Cantos de berço;*

4) *Cantos d'amor;*

5) *Cantos dos jogos dos rapazes;*

6) *Adagios, proverbios, aphorismos meteorologicos;*

7) *Esconjuros, cantos magicos,* para desviar males, curar doenças;

8) Cantos em louvor dos mortos *(neniae),* que eram entoados ao som da tibia, quer por

occasião dos enterros, quer em occasiões festivas por grupos de rapazes ou de adultos.

Todos ou quasi todos esses generos se encontram ainda hoje em muitos povos da Europa.

Em virtude da pobreza das suas concepções mythicas, faltava aos romanos uma poesia mytho-epica popular que podesse servir de base ao desenvolvimento da epopea.

IV. Não faltaram, porém, aos romanos outros elementos populares que poderiam servir de base a uma litteratura verdadeiramente nacional; alem dos generos já mencionados, havia entre os povos italicos desde antigos tempos elementos consideraveis do genero dramatico, sobretudo da comedia, que se casava melhor com o seu espirito pratico, observador e satyrico. Os cantos alternados, os versos satyricos e os cantos d'improviso eram os elementos mais rudimentares do drama italico; mas ao lado d'elles havia velhos typos dramaticos já assaz bem definidos; taes eram:

1) *As fescenninas,* assim chamadas de Fescennio, logar do sul da Etruria, mas communs a toda a Italia central; eram parte de divertimentos campestres, principalmente de festas de boda, constando de versos de zombaria, cantados alternadamente, ligados provavelmente a uma pequena acção;

2) *As saturas,* cantos ou narrações comicas com que a mocidade do Lacio acompanhava danças gesticulando ao som da tibia;

3) *As atellanas (Atellanae fabulae),* assim chamadas do pequeno logar campestre Atella na Campania; eram representações comicas dos typos da aldeia, tornados fixos e designados por nomes invariaveis, como Maccus, Bucco, Pappus, Dossennus, a que mais tarde se juntaram outros como Manducus, Mania, Lamia, Pytho, representações que depois da sujeição da Campania a Roma (211 a. Chr.) passaram para esta e em breve se tornaram populares.

d) Divisão em periodos

Dividimos a historia da litteratura romana em tres periodos determinados pelo grao de perfeição dos seus monumentos considerados no todo para cada periodo. Essa perfeição respeita ao lado formal e á significação nacional dos productos da litteratura romana.

Primeiro periodo ou *periodo ante-classico;* vae de Livio Andronico (240 a. Chr.) até á epocha de Sulla.

Segundo periodo ou *periodo classico;* vae da epocha de Sulla até á morte de Augusto. Subdivide-se em duas epochas:

Primeira epocha ou *epocha de Cicero,* caracterisada principalmente pela perfeição dos generos prosaicos;

Segunda epocha ou *epocha d'Augusto,* caracterisada principalmente pela perfeição dos generos poeticos.

Terceiro periodo ou *periodo post-classico;* vae de Augusto até á queda do imperio do occidente. Subdivide-se em duas epochas:

Primeira epocha: vae de Augusto a Adriano; é caracterisada por escriptores que apresentam ao lado de muitos caracteristicos classicos já signaes de decadencia;

Segunda epocha: vae de Adriano até Augustulo; é caracterisada pela decadencia em geral crescente da litteratura pagã, com algumas reacções e apparecimento de notaveis escriptores christãos.

OBSERVAÇÕES

1. Por litteratura romana entendemos a litteratura do imperio romano, que acabou com Augustulo, não a litteratura latina, que lhe sobrevive e será cultivada ainda com exito posteriormente, e sobretudo no seculo XVI.

2. Na litteratura grega consideramos o periodo das origens como o primeiro periodo, comquanto d'elle não tenhamos monumentos directos, porque os periodos immediatos estão essencialmente ligados a esse e porque

tambem o segundo periodo nos é representado apenas por fragmentos, embora consideraveis, dos seus ramos litterarios; mas como a litteratura romana tal como ella se desenvolveu sob a acção da Grecia, data realmente de Livio Andronico, como os elementos anteriores foram pouco aproveitados, pode proceder-se á divisão da historia da litteratura romana de modo diverso do que se procedeu para a grega.

3. Limitamo-nos nos capitulos seguintes a mencionar os auctores mais importantes de cada periodo.

2. Primeiro periodo

(240-84 A. CHR.)

a) Poetas

Livio Andronico (cerca de 384 a 204 a. Chr.) foi para Roma como prisioneiro pela tomada de Tarento, d'onde era natural; alcançou alforria e viveu de suas lições de grego e latim. Traduziu a *Odyssea* em versos saturninos. Escrevia peças em grego e traduzia-as para latim; foi no anno 240 a. Chr., que se representou a primeira d'essas composições, que eram já do genero tragico como *Achilles, Aegisthus, Andromeda, Equus Troianus*, já comedias como *Gladiolus, Ludius*. Restam-nos só fragmentos de suas composições.

Cneo Nevio, de nação latino, produziu composições dramaticas entre 235 e 199 a. Chr.,

anno em que morreu. Essas composições tinham muitos elementos nacionaes. Temos fragmentos de algumas d'essas composições, assim como da sua epopea nacional sobre a primeira guerra punica em versos saturninos. Foi o inventor da pretexta, especie de tragedia com assumpto tirado da historia nacional.

F. Maccio Plauto (254-184 a. Chr.) foi o mais notavel comico romano. Nasceu na Umbria, de humillima geração, e viveu sempre em desfavoraveis circumstancias. Restam-nos de elle vinte comedias; taes são: o *Amphitrião (Amphitruo)*, imitado frequentes vezes nos tempos modernos, entre outros por Camões e Molière, os *Menechmos (Menaechmi)*, imitado por Shakspeare, grande poeta dramatico inglez, o *Soldado fanfarrão (Miles gloriosus)*. Comquanto imitador do theatro grego no assumpto e contextura das suas peças, Plauto revela muita originalidade e caracteristicos nacionaes nas particularidades; o seu comico é, porém, muitas vezes grosseiramente realistico.

Q. Ennio (239-169 a. Chr.), natural de Rudia na Calabria, viveu em Roma do ensino do grego e de suas traducções de peças do theatro grego, principalmente de Euripides, para latim. A obra que lhe deu mais fama foi a sua

epopea ou antes chronica metrificada *Os Annaes (Annales)*, em que tractava chronologicamente da historia romana desde o advento de Eneas á Italia até ao seu tempo. Nessa obra adoptou, em vez do velho saturnino nacional, o hexametro.

Publio Terencio (185-159 a. Chr.), natural de Carthago, foi para Roma como escravo, onde o seu senhor lhe deu a educação de homem livre e bem depressa a liberdade. Escreveu seis comedias que foram todas conservadas e são: *Andria, Eunuchus, Heautontimorumenos* (O carrasco de si mesmo), *Phormio, Hecyra* e *Adelphi*. Terencio é um escriptor muito correcto, que segue fielmente os seus modelos gregos. As suas peças não teem a vivacidade, o movimento e variedade das de Plauto, mas estão livres dos excessos que se encontram nas do seu predecessor.

C. Lucilio (m. 103 a Chr.) tornou-se notavel pelas suas composições mixtas *(Saturae)*, em que sujeitou a uma critica corajosa a sua epocha, quer pelo lado moral, quer pelo lado politico e litterario. Restam-nos d'elle só fragmentos.

L. Accio (170-94) ganhou fama como auctor de tragedias, imitadas do theatro grego. Tra-

ctou tambem assumptos nacionaes em pretextas e escreveu composições metricas de genero didactico.

b) Prosadores

Q. Fabio Pictor (nasc. c. 254 a. Chr.), historiador, é o mais antigo e importante dos escriptores romanos que se serviram ainda da lingua grega. A sua historia ia desde Eneas até á sua epocha, que era tractada desenvolvidamente. O grego Polybio e o romano Tito Livio aproveitaram-se para as suas obras historicas do trabalho de F. Pictor.

M. Porcio Catão (234-194 a. Chr.) é o escriptor que melhor apresenta os caracteristicos d'um velho romano: a energia, a firmeza, por vezes a velhacaria, penetração para as cousas praticas, sem elevação especulativa. Deve ser considerado como o primeiro prosaista propriamente dicto dos romanos. Infelizmente a sua obra capital, *Origines,* em que tractava da ethnographia e civilisação dos povos italicos, não chegou até nós; possuimos d'elle apenas completa a obra *de re rustica,* tractado importante de agricultura; dos seus outros productos litterarios, taes como discursos, temos apenas noticias e fragmentos.

Gaio Gracchio tornou-se notavel pela sua ardente eloquencia na epocha a que elle com seu irmão dão o nome (134-119 a. Chr.). Na lucta dos partidos a arte da palavra achou uma occasião propicia para se desenvolver. Tiberio Gracchio foi inferior nos dotes oratorios a Gaio, de cujos discursos nos restam apenas fragmentos.

Novio e L. Pomponio (entre 104 e 84 a. Chr.) converteram as atellanas de genero popular em genero litterario. Nos fragmentos que nos restam das composições d'esses dois auctores revela-se uma profunda decadencia até nos costumes das classes populares.

Rhetorica ad C. Herennium é o titulo d'um tractado completo de rhetorica da epocha de Sulla, fundado sobre os tractados gregos, mas accommodado ao caracter e tendencias da oratoria nacional, que se encontra em edições modernas das obras de Cicero, mas cujo auctor é na realidade desconhecido, comquanto seja attribuido com probabilidade a Cornificio.

2. Segundo periodo

a) Primeira epocha

M. Terencio Varrão (116-27 a. Chr.), natural da cidade sabinica de Reate, de familia senatorial, dedicou-se cedo aos estudos litterarios, mas não desprezou as dignidades da carreira publica. Foi empregado por Pompeu em cargos publicos que exigiam confiança e solidez. Na guerra civil esteve do lado contrario a Cesar, que, porém, depois foi generoso, encarregando Varrão de organisar a bibliotheca publica de Roma. Foi perseguido por Antonio, obrigado a exilar-se e quando, caidos os seus inimigos, lhe foi permittido voltar, achou suas propriedades devastadas, os seus livros dispersos, as suas antiguidades preciosas roubadas. Augusto levou a effeito, e em vastas proporções, o plano da bibliotheca publica concebido por Cesar, sendo a direcção d'ella confiada a Varrão, que ali trabalhou e escreveu até á sua morte aos noventa annos de edade.

Varrão foi o mais notavel polygrapho romano. Sabe-se que escreveu 74 obras, divididas em 620 livros, em todos ou quasi todos os generos litterarios. A collecção mais importante em verso era das *Saturae Menippeae;* em prosa as obras mais notaveis eram *Antiquitates re-*

rum humanarum et divinarum, De lingua latina, Disciplinarum libri e *Imagines* (biographias). Infelizmente só chegaram até nós de Varrão, além de pequenos fragmentos, os escriptos seguintes:

1) *De lingua latina,* 6 livros dos 25 que continha a obra, a primeira do seu genero entre os romanos, cujos trabalhos sobre a lingua até então se reduziam á interpretação dos auctores, a notas sobre palavras e phrases de Nevio, Ennio, Plauto, etc., mais criticas e historico-litterarias que grammaticaes.

2) *Rerum rusticarum libri tres,* tractado de agricultura, com uma forma litteraria elevada e animada.

Q. Hortensio Hortalo (114-50 a. Chr.) foi o orador de mais nomeada d'estes tempos antes de Cicero. Tinha uma grande memoria e uma exposição cheia de artificio com que impressionava o publico. Além dos seus discursos, de que nenhum chegou até nós, redigiu annaes e poesias eroticas.

M. Tullio Cicero (106-43 a. Chr.), filho de um cavalleiro romano, apresentou-se como orador pela primeira vez na epocha da dictadura de Sulla; viajou na Grecia e Asia Menor para completar a sua educação litteraria e seguiu o *cursus honorum* até ao consulado, a que

chegou em 63. Depois de ter dominado a conjuração de Catilina foi obrigado pelo partido inimigo a exilar-se. Alguns annos depois, empenhada a lucta entre Cesar e o partido do senado, que tinha por chefe Pompeu, Cicero poz-se do lado d'este. Depois da victoria alcançada por Cesar em Pharsalia, esperou a permissão do vencedor para voltar para Roma applicando o ocio da vida politica aos trabalhos litterarios. O assassinio de Cesar e as pretenções de Antonio (44 a. Chr.) chamaram de novo Cicero á vida politica, combatendo o ultimo nos seus discursos. Depois da paz feita entre Octavio e Antonio, Cicero é sacrificado por o primeiro ao odio do segundo e de sua mulher Fulvia.

Cicero representa do modo mais completo a fusão do espirito hellenico com o romano. As suas aspirações eram nobres, mas o seu caracter fraco. Como orador tinha as mais elevadas qualidades de composição, mas faltava-lhe em publico o dominio sobre si mesmo. Espirito curioso, sempre activo, tendia para a polygraphia; mas a sua pratica de orador reflectido e suas tendencias para a observação moral faziam concentrar a sua actividade principalmente nos estudos rhetoricos e philosophicos, que a principio elle considerou só como um meio de educação oratoria; os escriptos mais importantes que d'elle possuimos são por isso

os seus discursos, os tractados sobre rhetorica e as obras philosophicas. Cicero foi o creador d'uma prosa latina por assim dizer typica que foi considerada por longos seculos como modelo unico. O dominio que tinha sobre a forma, a sua facilidade extraordinaria de redacção, arrastavam-no a tractar de assumptos mal estudados e dar muitas vezes palavras por factos ou ideias, a seguir na sua argumentação uma direcção falsissima.

A vasta actividade litteraria de Cicero é-nos attestada por um grande numero de obras em parte conservadas, em parte mencionadas nessas ou nas de outros auctores.

1) *Discursos:* conservaram-se 57, além de fragmentos de 20; entre elles são sobretudo afamados os 6 contra Verres (d'onde a expressão *verrina* por discurso, escripto virulento contra alguem); os 4 contra L. Catalina (d'onde a expressão *catalinaria),* e os 14 contra Antonio *(Philippicae),* especialmente o segundo;

2) *As principaes obras de rhetorica* são: *Rhetorica, De oratore* e *Brutus* (historia da eloquencia entre os romanos); nellas mostrou-se Cicero discipulo dos gregos e buscou, não desenvolver a theoria da eloquencia, mas popularisal-a, com o intuito de tornar manifesto o logar que occupa como orador e defender a sua pratica e doutrina contra todos os ataques;

3) *Quatro collecções de cartas* contendo 864

peças, entre as quaes 90 dirigidas a Cicero, chegaram até nós;

4) *Escriptos philosophicos:* sabemos que Cicero escreveu ou traduziu do grego 20 obras sobre moral, philosophia theorica e religião, de que a maior parte vieram até ao presente;

5) *Escriptos juridicos e historicos:* tambem neste dominio se exercera a actividade de Cicero, comquanto apenas nesses generos saibamos que escrevesse um escripto *de jure civili in artem redigendo* e um commentario do seu consulado;

6) *Poesia:* tambem tentou este dominio o grande orador romano, mas sem felicidade.

C. Julio Cesar (100-44-a. Chr.), o celebre estadista e general, foi tambem um notavel escriptor. Espirito positivo e fechado a todas as instigações da phantasia, a linguagem para ella era um instrumento empregado com severidade, mas que devia ser dominado. Os seus estudos grammaticaes e escriptos poeticos tinham só em mira alcançar esse dominio. A oratoria para elle só servia para os seus fins politicos immediatos. Ainda como historiador, nos seus *Commentarios,* a unica obra que d'elle nos foi conservada, o fim politico, a defesa da sua personalidade são o centro para que tudo converge; mas com grande arte os factos são apresentados ou calados, a verdade

é respeitada tanto quanto possivel de modo que esse fim está como que disfarçado. A obra tem um caracter intermedio entre o de um memorial em que os factos se agglomeram chronologicamente e o de um escripto historico acurado. Ha nos *Commentarios* preciosissimas noticias ethnologicas, principalmente com relação aos povos da Gallia que lhes dão um valor inextimavel. Cesar não pode, porém, ser considerado como tendo as qualidades que constituem um escriptor de primeira ordem.

Cornelio Nepos *(Cornelius Nepos)* (94-24 a. Chr.) é um escriptor de valor secundario, que produziu poesias eroticas, e obras historicas e principalmente biographicas, de que nos foram conservadas algumas: o livro *de ducibus excellentibus exterorum gentium* e as vidas de Catão e Attico. Carece de critica historica e o seu estylo é imperfeito.

T. Lucrecio Caro (98-55 a. Chr., segundo se crê) escreveu em seis livros o seu poema *Da natureza (de rerum natura),* em que expõe as doutrinas de Epicuro, com relação á physica, psychologia e ethnica. Apesar d'um assumpto tão secco, Lucrecio revela faculdades poeticas superiores; o espirito de combate contra a superstição anima essa obra, que seu auctor não deixou completa.

C. Sallustio Crispo (87-34 a. Chr.) escreveu *Historiae* em cinco livros, de que só restam fragmentos, e duas monographias, uma sobre *Catalina,* outra sobre *Jugurtha,* que vieram até nós e tem assaz consideravel valor historico. Sallustio busca desenhar psychologicamente os individuos e tem gosto pela exposição rhetorica, tentando, sem o conseguir, tractar o seu assumpto com imparcialidade. Foi o primeiro historiador propriamente dicto dos romanos e tomou por modelo Thucydides.

C. Valerio Catullo (87-54 a. Chr.) é, pela energia do seu sentimento, que se manifesta numa forma adequadamente brilhante e vigorosa, pela verdade completa com que manifesta a sua forte individualidade, o primeiro lyrico de toda a litteratura romana. No começo imitador dos alexandrinos, achou em breve o seu proprio caminho e, sem cair em combinações artificiosas, manejou com a maior facilidade variadissimas formas metricas. A sua morte precoce obstou a que attingisse uma completa perfeição artistica.

Temos de Catullo 116 composições, algumas simples distichos. Parte, como o poema em hexametros sobre as bodas de Peleu e Thetis, são traducção ou imitação dos alexandrinos. É nos metros propriamente lyricos e elegiacos

que o poeta apparece com todas as suas qualidades.

b) Segunda epocha

P. Vergilio Marão (70-19 a. Chr.) nasceu em Andes, perto de Mantua, na Gallia cisalpina, de parentes que de pobres tinham chegado a uma assaz abastada posição; recebeu uma educação tão esmerada quanto era possivel no seu tempo, aprendendo tudo o que então era possivel aprender. Depois da victoria de Philippos, a propriedade rural de Virgilio foi incluida entre as terras distribuidas aos veteranos por Octavio; o poeta foi a Roma onde por intervenção de amigos influentes conseguiu recuperar a posse de seu patrimonio (Egloga I). Desde então Vergilio viveu ora em Roma ora na Campania (em Napoles), em circumstancias exteriores commodas, mas padecendo muito pela fraqueza de sua constituição.

Depois de ter concluido as *Bucolicas* (41-39 a. Chr.) e as *Georgicas* (37-30) e ter muito adiantada a *Encida* (desde 29), emprehendeu Vergilio uma viagem á Grecia e Asia, afim de se habilitar completamente para redigir a sua epopea; mas a instancias de Augusto, estando em Athenas, voltou para a Italia e morreu em Brundisio de uma doença que o accommettera na viagem.

Vergilio tinha um caracter amavel, infantil, doce, modesto; animavam-no aspirações ideaes, e faltava-lhe inteiramente a capacidade pratica. O encanto das suas obras está na commoção intima que tantas vezes nellas se revela, e que não se manifestou d'um modo lyrico, porque a individualidade do poeta não era assaz caracterisada para que elle fosse um lyrico.

O seu lyrismo está por assim dizer latente; elle carece d'um assumpto exterior para o manifestar; falta-lhe a força genial para produzir uma obra artistica completa, uma creação sua e é levado a tractar assumptos oppostos ao caracter do seu espirito. Com seus conhecimentos encyclopedicos, com seu estudo de todos os escriptores romanos, com seu genio paciente, que lhe permittia gastar oito dias a limar um verso, Vergilio deu á litteratura latina os productos d'arte mais reflectidos que ella nos apresenta; por isso as suas obras foram consideradas como os mais perfeitos modelos para o estylo poetico dos romanos. Temos de Virgilio:

1) *Bucolica,* 10 eclogas, imitações e em parte traducções de Theocrito, mas com allusões a factos e personagens da epocha do poeta latino, de modo que o caracter bucolico fica reduzido só ás formas; formam ao todo 728 versos, em que Vergilio gastou cerca de tres annos.

2) *Georgica;* é um poema didactico, tendo por objecto a agricultura, em quatro livros, do qual o primeiro se occupa da lavoura, o segundo da cultura das arvores, o terceiro da zootechnia, e o quarto da agricultura. Era de todos os assumptos tractados por Vergilio o mais adaptado ao caracter da sua alma, em que havia uma predilecção sentimental pelos trabalhos campestres e aos seus conhecimentos, que achavam na agricultura uma applicação.

Vergilio animou o assumpto com um espirito poetico e tractou-o com tal cuidado e amor que essa obra é considerada não só como a mais perfeita das que nos deixou, mas ainda como o mais completo producto da poesia erudita romana.

3) *Aeneis,* poema epico, incompleto, tendo por assumpto a fundação do reino do Lacio, por o troiano Eneas, escapado da destruição de Ilion. Vergilio estudara cuidadosamente as tradições italicas e a epopea grega e fundiu esses dados diversos no seu poema, em que as partes mais valiosas são as que conteem descripções dos movimentos da alma.

4) Algumas pequenas composições como *Culex, Ciris, Moretum, Copa, Catalecta,* que com mais ou menos razão são attribuidas a Vergilio (1).

(1) Sobre a influencia de Virgilio na Edade media vid. Secção III.

Q. Horacio Flacco (65-8 a Chr.), filho d'um liberto, estudou em Roma e Athenas. Foi do partido de M. Bruto, que o nomeou tribuno militar e o levou á Asia e Macedonia, até que a batalha de Philippos poz fim á sua carreira no exercito. Aproveitou-se da amnistia e voltou a Roma, onde, tendo perdido a herança paterna com a divisão das terras pelos veteranos, comprou um logar de escrevente do thesouro. Supprimido, em virtude de medidas economicas, esse logar por Augusto, restava-lhe uma pequena propriedade na Sabinia, que lhe fôra dada por Mecenas e onde elle passou grande parte da vida na sua gabada *aurea mediocridade*.

Horacio tinha um espirito digno, independente; adoptava os principios da moral epicuristica, mas com moderação. Fiel e condescendente para os amigos, era duro para os inimigos. A sua poesia é eminentemente artistica pelo lado formal, serena, clara; mas não revela profundidade de sentimento, nem aspirações ideaes; é o producto reflectido d'um espirito que se domina.

Temos d'elle:

1) Dezoito satyras, o primeiro genero litterario que cultivou;

2) Sete *epodos*, composições do genero semelhante ao das satyras, em que ha imitação independente de Archilocho;

3) Quatro livros de *odes (carmina)*, em que elle se mostra discipulo de Sappho e Alceu;

4) *Carmen seculare;*

5) Vinte e tres epistolas, entre as quaes a celebre epistola aos Pisões *(ad Pisones)*, que constitue um tractado da arte poetica.

Albio Tibullo (54-19 a. Chr.) foi um poeta elegiaco, imitador dos alexandrinos, mas que antepunha o sentimento á erudição.

Sexto Propercio (49-15 a. Chr.) foi, como Tibullo, poeta elegiaco e cantor do amor, mas as suas composições estão mais carregadas de erudição mythologica e são frequentemente obscuras.

P. Ovidio Nasão (43 a. Chr., 16 E. Chr.), natural de Sulmona é, emquanto ás qualidades geniaes e ao caracter, muito inferior aos outros grandes poetas do periodo classico. Exilado por Augusto, não se sabe por que motivo, implorou sem dignidade o perdão. O seu talento era sobretudo formal, comprazendo-se nas composições rhetoricas, sem ideal elevado, sem seriedade; a sua originalidade revela-se nos conceitos, nas particularidades secundarias. Nas suas mãos, a materia mythologica transforma-se em um assumpto frivolo, tractado com brilho exterior, divertido, mas sem

significação. Nos seus escriptos amatorios manifesta-se um amor puramente sensual á maneira dos alexandrinos. De Ovidio temos:

1) *Amores,* elegias onde se revela a immoralidade do poeta;

2) *Arte d'amar (Ars amatoria);*

3) *Cosmeticos (Medicamina faciei);*

4) *Metamorphoses,* em que se tracta das transformações mythicas, desde o Chaos até á metamorphose de Cesar numa estrella;

5) *Fastos,* em que descreve na ordem do calendario as festas dos romanos e expõe mythos que se lhes ligam;

6) *Tristes,* elegias escriptas durante o desterro no Ponto;

7) *Ibis,* invectiva no metro elegiaco, contra um inimigo;

8) *Halieutica,* poema didactico incompleto sobre os peixes do Mar Negro.

Tito Livio (60 a. Chr.—16 E. Chr.), de Patavio (Padua) na Gallia cisalpina, passou a maior parte da sua vida em Roma, afastado da vida politica, mas relacionado amicalmente com Augusto. Tinha educação rhetorica e philosophica. A sua obra principal é uma historia de Roma desde a fundação da cidade até á morte de Druso (9 a. Chr.) em 142 livros dos quaes só chegaram até nós 35. Temos além d'isso indices *(periochae)* de quasi todos os livros. As

fontes de Tito Livio foram principalmente o historiador grego Polybio, que escrevera uma historia de Roma e os annalistas mais recentes. Para ser um perfeito historiador faltavam a Tito Livio, além de elevados dotes de espirito, o exame directo dos logares, conhecimentos da marinha, da tactica e da administração. Na descripção dos acontecimentos, dos caracteres e das personalidades apparecem com mais vantagem as qualidades do historiador. A educação rhetorica de Tito Livio manifesta-se no uso continuo que elle fez de discursos imaginarios na bocca dos personagens historicos.

Pompeu Trogo escrevera uma historia universal *(Historiae Philippicae)*, desde Nino até ao seu tempo, em linguagem classica e com estylo artistico, que conhecemos só pelo resumo de Justino.

4. Terceiro periodo

(14-476 E. C.)

a) Caracter geral d'este periodo

Depois da morte de Augusto a monarchia converteu-se em completo despotismo, sob o qual a vida intellectual da nação se achou

profundamente deprimida. Quando na epocha dos Antoninos se poude respirar um momento, a tradição litteraria estava já quebrada e só por um esforço artificial seria possivel ligal-a; as condições para uma epocha de verdadeira renovação faltavam, porque os annos anteriores tinham destruido os restos do velho espirito nacional, e nenhum principio, sem uma longa evolução, podia tornar-se a base d'essa renovação. Assim a litteratura apresenta apenas alguns lampejos de vida apparente e reduz-se a imitações. O despotismo renovado por Commodo, no fim do segundo seculo da nossa era, vem destruir toda a possibilidade de regeneração. Apenas, nos recessos da vida provincial, no erudito, persistem, mas sem caracter nacional, o amor da arte e da sciencia. Até ao seculo VII resistirá a cultura antiga todavia á destruição, comquanto seguindo uma linha quasi recta de decadencia.

b) Principaes escriptores

PHEDRO (epocha de Tiberio e seus successores immediatos) é um nome muito conhecido pela sua redacção em jambos senarios das fabulas esopicas, que depois, por uma redacção em prosa com o nome de Romulo, teve consideravel influencia na litteratura medieval.

L. Anneo Seneca (c. 4-65 E. C.), natural de Corduba (Cordova), educado nos principios da philosophia estoica, conhecedor de todos os recursos da rhetorica, que no seu tempo se prezavam sobre tudo, deixou-nos escriptos philosophicos, que teem interesse pelos pensamentos nelles contidos, mas que cançam pelo artificial e monotonia da forma. Nas oito tragedias que d'elle possuimos sobre assumptos da mythologia grega revelam-se talento de forma, vivacidade de phantasia, penetrante observação psychologica; mas a phrase rhetorica faz esquecer quasi esses predicados.

M. Anneo Lucano (39-65 E. C.), auctor de obras de generos diversos, deixou-nos na sua *Pharsalia* uma epopea historica incompleta, tendo por assumpto a guerra civil entre Pompeu e Cesar, na qual se revelam um notavel talento, intenções elevadas, junto com todos os vicios da decadencia litteraria, taes como o tom rhetorico, o abuso das sentenças, discursos e descripções, um pathetico artificial.

Silio Italico (25-101 E. C.) escreveu uma epopea sobre a segunda guerra punica, emquanto á materia historica derivada de Tito Livio, emquanto á forma imitada de Vergilio e Homero; no todo é um producto meramente artificial.

P. Papinio Stacio (c. 45-96 E. C.) escreveu diversas composições entre as quaes uma epopea, a *Thebaida*, que pelos caracteres litterarios se aproxima da precedente.

M. Valerio Marcial (c. 42-102 E. C.), de Bilbilis, na Hispania, deixou-nos quinze livros de epigrammas, em que se manifesta um talento notavel, mas destituido de verdadeiro senso moral e esthetico.

D. Junio Juvenal (c. 47-130 E. C.) nas suas 16 satyras pinta, com eloquencia e por vezes repugnante verdade, os vicios do seu tempo; falta-lhe a plasticidade d'um artista completo.

Cornelio Tacito (54-119 E. C.) é o ultimo verdadeiramente grande escriptor de Roma. As suas obras historicas pertencem ao que, no genero, a antiguidade nos deixou de mais notavel. Acima de tudo preoccupa-o a verdade dos factos, que elle expõe não com a seccura d'uma chronica, mas buscando determinar o seu encadeamento, quer nas circumstancias exteriores, quer no animo dos homens. A profundeza da sua analyse psychologica, a firmeza com que desenha os caracteres, o talento com que pinta numerosas scenas, fazendo-as como que resurgir ante o nosso espirito, são bem difficeis de egualar. Temos de Tacito:

1) *Dialogus de oratoribus,* escripto sobre as causas do estado decadente da eloquencia;

2) *De vita et moribus Julii Agricolae,* obra em que o caracter historico se acha ainda subordinado á rhetorica; especie de biographia ou elogio funebre do celebre general, sogro do historiador;

3) *Germania,* notavel estudo ethnographico;

4) *Historiae,* quatorze livros que se occupavam dos reinados de Galba, Otho, Vitellio, Vespasiano, Tito e Domiciano, mas de que só temos quatro livros;

5) *Annales,* dezaseis livros, tractando a historia romana, desde a morte de Augusto até Nero, dos quaes nos restam apenas partes.

C. Suetonio Tranquillo (c. 75-160 E. C.) é um biographo que busca ser fiel, e nos dá sobre a vida dos doze Cesares, de Cesar a Domiciano, importantes noticias bebidas em fontes em grande parte perdidas para nós.

Litteratura christã-latina. Ao lado da litteratura pagã desenvolveu-se pouco e pouco no imperio romano uma litteratura tendo mais ou menos por base formal a litteratura pagã e por centro as concepções christãs. Mencionaremos alguns dos escriptores que, chronologicamente ou sob outro ponto de vista, merecem particular attenção, começando pelos prosadores.

Minucio Felix (seculo II) escreveu sob a forma de dialogo e com o titulo de *Octavius* uma refutação das objecções contra o christianismo.

Tertulliano (Q. Septimius Florens Tertullianus) (cerca 150-230) tornou-se celebre como theologo e polemista pela sua originalidade, vigor e paixão. A sua mais importante obra é o *Apologeticum*.

Lactancio Firmiano (começo do seculo IV), mestre de rhetorica, distinguiu-se dos outros escriptores christãos-latinos pela pureza e elegancia da sua exposição, em que segue de perto os bons modelos classicos.

S. Jeronymo (cerca 340-420) deixou numerosas obras, em que se revela um espirito penetrante, com muitos lados fracos. Entre os seus escriptos merecem especial menção a traducção da Biblia, a traducção da chronica geral de Eusebio (original grego), uma historia da litteratura christã *(viri illustres)* e cartas numerosas.

S.to Agostinho (Aurelius Augustinus) (354-430) foi o mais notavel de todos os escriptores christãos-latinos; em seus escriptos acham-se fundidos os caracteristicos mais oppostos, re-

sultantes de que elle entrou na comprehensão dos dogmas christãos, com a sua educação pagã, a sua experiencia como mestre de rhetorica em Africa, Roma e Milão, uma alma cheia de fogo e uma rara phantasia poetica.

Entre os escriptores christãos latinos que nos deixaram obras poeticas mencionaremos os seguintes:

Santo Ambrosio (340-397), bispo de Milão, compoz hymnos ecclesiasticos que se conservam mais fieis á forma classica que os de S. Damaso.

S. Damaso (305-384), papa, redigiu hymnos ecclesiasticos, que formam parte dos mais antigos que possuimos, nos quaes se revela já uma tendencia pronunciada para a rima.

Aurelio Prudencio Clemente (348 c. 410), hespanhol, é o mais importante poeta christão-latino. A sua historia dos martyres *(Peristaphon)* é considerada como a sua obra mais perfeita; é em metros trochaicos e jambicos. Nos metros lyricos de outras composições tem por modelo a Horacio. No tom e nas ideas revela Prudencio já muitos dos caracteristicos da poesia hespanhola da edade media.

SECÇÃO III

LANCE D'OLHOS SOBRE A LITTERATURA MEDIEVAL (476-1453)

1. Factos capitaes

Quatro factos capitaes ha que observar com relação á litteratura da edade media no occidente:

1) reducção a um minimo da cultura hellenico-romana nos paizes que tinham constituido o imperio do occidente;

2) existencia d'uma litteratura christã em lingua latina mais ou menos corrompida;

3) desenvolvimento de litteraturas saidas de germens litterarios populares, nos diversos dialectos em que o latim se modificara (1);

(1) Vid. *Curso de litteratura nacional*, I, §§ 91-92.

4) depois a renovação do estudo das litteraturas classicas grega e latina, phenomeno historico a que se deu o nome de *renascimento* ou *renascença*.

Occupámo-nos já succintamente do primeiro facto (1); passamos a dar algumas noções sobre o segundo, terceiro e quarto, a que tambem já nos referimos (2).

2. Litteratura christã-latina

A existencia d'essa litteratura é um facto geral em toda a Europa occidental, ainda fóra do dominio do antigo imperio. A maioria dos monumentos d'essa epocha não se fazem notar por caracteres artisticos: ha decadencia não só na forma, mas ainda nas ideas, na elevação do sentimento. Falta-lhes o espirito que animava as obras dos grandes padres da igreja; algumas, porém, tem interesse litterario, principalmente as composições poeticas que revelam uma influencia popular pronunciada, que são por assim dizer traducção na lingua latina litteraria morta de productos concebidas na lingua viva.

Na Hespanha temos do periodo que vae do

(1) *Ob. cit.*, §§ 82-87.
(2) *Ob. cit.*, §§ 91-92, 95, 153.

fim do seculo V ao seculo XII, em que nos apparecem escriptas as linguas vulgares, numerosas obras, que pela maior parte teem apenas valor historico ou servem só para nos mostrar uma decadencia profunda das formas litterarias.

Isidoro de Sevilha (cerca 570-636) é o ultimo escriptor que busca filiar-se na tradição classica. Nas suas obras *Etymologiarum libri* XX e *De rerum natura,* deu um resumo da sciencia antiga que foi para a edade media, até ao renascimento, uma fonte inapreciavel. Escreveu tambem uma *Historia Gothorum, Vandalorum et Suevorum.*

3. Poesia lyrica provençal

Emquanto por toda a Europa occidental se escreviam ainda em latim as obras didacticas, sermões, leis, contractos, e ainda obras litterarias, como poesias lyricas e narrativas, e até composições dramaticas, na França o dialecto ou antes grupo de dialectos do norte, ou lingua d'*oil,* assim chamado do seu adverbio de affirmação correspondente ao nosso *sim,* e o dialecto do sul, provençal ou lingua d'*oc (sim),* são elevados á categoria de verdadeiras linguas litterarias; o exemplo dado pela França

será seguido pelos outros paizes de lingua romanica.

Depois da epocha de Carlos Magno (m. 814) começam a apparecer na França composições em lingua vulgar. No começo do seculo IX a igreja recommenda aos pregadores que empreguem nos seus sermões em vez do latim o romance ou o allemão, fallado pela camada germanica da sociedade, que ainda não fora absorvida na massa da nação. No fim d'esse seculo e no decurso do seculo seguinte escrevem-se em vulgar poesias religiosas para uso dos fieis: restam-nos d'essas composições a *Cantilena de Santa Eulalia* (fim do seculo IX), a *Paixão de Christo* e *Vida de S. Leger* (seculo X). Mas o mais antigo monumento da lingua franceza é-nos ministrado pelos juramentos feitos em Strashurgo em 842 por Carlos o Calvo, e Luiz o germanico, em romance e germanico.

Pelo começo do seculo XII surge na Provença uma poesia lyrica cujos mais antigos monumentos conservados são firmados por dois nobres, Guilherme, conde de Poitiers e duque d'Aquitania, e Eble, visconde de Ventadour. Suppor-se-hia por isso uma origem puramente aristocratica, erudita até, a essa nova litteratura; mas é mister observar que a nobreza se achava então geralmente, sob o ponto de vista intellectual, nas mesmas condições que

o povo. Essa poesia tinha em verdade raizes bem humildes. Do mesmo modo que hoje os nossos fidalgos teem particular gosto pelos fados e outros cantos populares, os nobres do sul da França tomaram gosto pelas composições de certos individuos ambulantes, que pelo canto, musica, sortes de passe-passe, chocarrices, ganhavam a vida divertindo o publico, e esses nobres não se pejaram de cultivar e aperfeiçoar o genero. Aquelles cantores e prestigiadores ambulantes eram conhecidos pelos nomes de *scurrae, thymelici, histriones, joculatores* e a sua existencia é-nos testemunhada desde os ultimos tempos do imperio romano.

Taes foram as origens da poesia provençal, cujo florescimento durou cerca d'um seculo. A cruzada contra os hereticos albigenses no começo do seculo XIII fez emigrar a maior parte dos trovadores para a Italia, Castella e Aragão, vindo talvez alguns até Portugal, e assim se implantou e nacionalisou nesses paizes a poesia lyrica provençal.

4. Poesia epica franceza

Emquanto na Provença se desenvolvia a poesia lyrica, no norte da França a poesia epica achava-se num periodo de grande elaboração.

Tres cyclos comprehende a poesia epica franceza da edade media:

1) o cyclo carolingio, ou nacional;
2) o cyclo da Tavola-redonda ou bretão;
3) o cyclo troiano ou greco-romano.

Cyclo carolingio. A memoria do celebre monarcha Carlos Magno deixara profunda impressão na imaginação popular; attribuiam-se-lhe feitos reaes, mas praticados por outros monarchas, e feitos perfeitamente imaginarios; davam-se-lhe muitas feições que caracterisam os heroes lendarios e celebravam-no em cantos mais ou menos curtos, cuja existencia nos é attestada do seculo IX ao XII. Os monarchas que se seguiram a Carlos Magno, muitos dos heroes da França entre aquelles seculos foram tambem objecto de cantos; mas os seus nomes esqueciam-se facilmente e eram substituidos pelo do grande imperador ou dos seus companheiros. Esses cantos eram principalmente compostos e cantados pelos guerreiros.

Pelo seculo X, cantores ambulantes chamados *jograes*, cuja existencia remontava ao tempo do imperio romano, como já dissemos, assenhoream-se d'esses cantos, submetteram-nos a differentes processos de modificação e combinação e transformaram-nos em verdadeiras epopeas.

No cyclo carolingio comprehendem-se alem das epopeas que teem por centro Carlos Magno

e que podem chamar-se as epopeas monarchicas, epopeas relativas ás luctas dos barões contra a monarchia e que podem chamar-se as epopeas feudaes.

Cyclo da Tavola-redonda. Chamam-se romances da Tavola-redonda os livros escriptos em verso ou prosa, em que se contam a historia fabulosa de Uter Pendragon, da Bretanha, e de seu filho Artus ou Arthur, ou as aventuras d'outros principes e valentes cavalleiros, considerados contemporaneos d'aquelles monarchas. As tradições que servem de base a esse ramo litterario tinham tres fontes distinctas: 1) as lembranças da aturada resistencia dos bretões insulares ao dominio saxão; 2) os *lais* ou cantos poeticos que corriam na tradição popular bretã e em que se lembravam nomes e feitos dos heroes nacionaes, aventuras maravilhosas; 3) as lendas relativas ao estabelecimento da fé christã na Bretanha insular ou á posse e perda de certas reliquias, entre as quaes figura o *santo graal,* vaso em que se pretendia estar sangue do Salvador, colhido por José de Arimathia. Foi Robert Wace quem pelo meado do seculo XII com o seu romance em verso, com o titulo de *Brut,* introduziu em França essas tradições, que em breve ganharam grande popularidade e se vulgarisavam noutros paizes.

Cyclo hellenico-romano. Na litteratura latina

da decadencia tinha achado muito favor uma historia fabulosa da guerra troiana, attribuida a um Diktys de Creta, e dada como traducção do grego. Similhante pelo assumpto e pelo genero é uma outra obra attribuida a Dares phrygio, que foi considerada como verdadeira historia por varios escriptores, taes como Isidoro de Sevilha. Mais como eram esses livros, contribuiram ainda assim para alimentar a tradição da antiguidade na edade media e serviram de base a uma litteratura romantica em grande parte em verso, tendo por objecto os heroes troianos, e que depois foi ainda incluindo no seu dominio outros heroes historicos ou fabulosos da antiguidade, como Alexandre Magno.

Decadencia da epopea. Pelo fim do seculo XII a decadencia da litteratura epica franceza era completa; a maior parte dos romances foram-se convertendo pouco e pouco em delambidas narrações em prosa.

5. O renascimento em Italia

Na Italia a tradição classica não chegara a um estado de tão profunda decadencia como nos outros paizes da Europa romana durante os primeiros seculos da edade media. A tradição da Roma imperial sobretudo persiste na

Italia: o latim é a lingua da igreja, a lingua litteraria durante longo tempo, numa forma mais perfeita em geral que nos outros paizes, nos primeiros cinco seculos da edade media; o direito romano persiste; os grandes monumentos que recordam a grandeza do passado estão de pé em grande parte. O imperador é Cesar. Roma tem o seu senado. A illusão da vida antiga chega a perturbar os espiritos. No seculo XII, Arnaldo de Brescia propõe aos romanos que reformem a ordem equestre e restabeleçam os tribunos da plebe; quer fazer reviver a republica romana, como depois o tentou fazer Rienzi, e como já o tentara Crescencio.

O primeiro grande movimento do renascimento italiano tem Roma por centro; no seculo XV, o segundo movimento dirigir-se-ha para a antiguidade grega. Naquelle primeiro movimento Vergilio apparece como um symbolo da vida da antiguidade; o poeta do tempo de Augusto adquire então a sua maior importancia na historia litteraria.

De todos os poetas latinos o que teve uma gloria mais intensa, o que produziu uma influencia mais consideravel sobre o seu tempo e os tempos que se seguiram foi Vergilio. A perfeição da forma, doçura do sentimento, a elevação moral das ideas, o annuncio d'uma nova era humana que lhe inspirara o enthu-

siasmo da conquista romana e a paz e florescimento do imperio sob Augusto consagraram-no á admiração de pagãos e de christãos. O povo romano viu nelle o seu primeiro poeta nacional; os grammaticos e os rhetoricos consideraram-no o mestre infallivel da linguagem e das formulas poeticas; os commentadores da decadencia, Servio, Macrobio, Fulgencio emularam em descobrir os thesouros de sciencia e de doutrina occulta que havia em seus versos. Desde o segundo seculo da nossa era até aos ultimos tempos da edade media, talvez depois ainda, vemos em uso as *sortes vergilianas*. Abria-se o livro do poeta ao acaso e do primeiro verso que se offerecia á vista tiravam-se predicções, ou concluia-se sobre cousas duvidosas.

Os poemas de Vergilio foram interpretados allegoricamente. Julgou-se ver até na IV egloga um prenuncio de Christo. Em numerosas tradições figurava Vergilio como magico, encantador; mas esse personagem é inteiramente á parte do Vergilio da erudição apenas ligado a elle pelo nome ou algum outro accidente fortuito. A admiração por Vergilio foi uma das causas de se salvar a tradição classica na edade media.

Homero estava inteiramente esquecido, ou era apenas conhecido num miseravel epitome. Da litteratura hellenico-latina Aristoteles foi o

unico auctor muito tempo estudado. Mas Vergilio assim transformado, como a tradição classica, interpretado sob o ponto de vista christão, allegorico, era mais proprio para levar o espirito a aberrações do que para exercer uma influencia benefica.

Dante Aldighieri (1265-1321), natural de Florença, foi o primeiro que comprehendeu Vergilio sob um ponto de vista profundo, elevado; elle vê no mantuano o poeta nacional, o mestre do estylo. Na sua epopea, a *Divina comedia,* em que narra uma viagem ao inferno, purgatorio e paraiso, Vergilio é o seu guia no inferno e no purgatorio, seu *duca* e *maestro;* e é idealisado no sentido das concepções do poeta florentino. Vergilio torna-se para elle o symbolo da razão independente da revelação, como Beatriz, por quem Dante tivera um purissimo amor, se torna o symbolo da fé; a acção dos dous funde-se para o elevar á concepção da eterna ideia. Assim entre a alma christã e a alma pagã o grande florentino não vê nenhuma opposição interna.

Dante, apesar das suas obras latinas, não é um philologo, um critico; é um poeta, um theologo poeta. A obra do Renascimento, porém, faz-se principalmente pelos philologos, pelos criticos.

Petrarcha e Boccacio, escriptores philologos, contribuiram, com outros de nome menos illustre, mais directamente que Dante para o conhecimento da antiguidade. A paixão philologica augmentou em Petrarcha com os annos; elle conhecia a fundo a lingua latina, escrevia-a com correcção e elegancia, apesar de alguns solecismos, não com a dureza de Dante; mas ignorava o grego. No fim da vida, quando o seculo XIV ia a findar, o estudo do grego inaugura-se em Italia; Petrarcha tenta ainda contemplar na sua pureza original os modelos litterarios de Roma: doente, trabalha dezeseis horas por dia, escreve de noite ás apalpadellas na cama, mas não consegue ler Homero; ao mesmo tempo instiga a mocidade á exploração do novo mundo aberto ao espirito, faz procurar manuscriptos e morre, trabalhando, com a fronte deitada sobre um livro.

Boccacio era um espirito muito menos profundo, menos enthusiasta que Dante e Petrarcha. Os seus trabalhos litterarios são de generos muito variados; o seu nome vive principalmente como auctor do *Decameronc,* onde elle narrou com talento d'artista contos colhidos de todos os ventos, da antiguidade classica, das tradições medievaes, do oriente. Attinge ás vezes o termo do realismo; mas seus intuitos são superficiaes. Satyrisa o clero e

manifesta esse mesmo indifferentismo religioso que se acha em tantos homens do seu paiz e do seu tempo. O seu tractado da *Genealogia dos deuses,* mistura das ideias de Cicero com as de Euhemero, escriptor grego que considerava os deuses como personagens historicos, foi muito tempo o tractado de mythologia mais estudado na Europa. Como critico os seus juizos são superficiaes; mas a sua acção foi apesar d'isso consideravel no movimento do renascimento.

Um facto que caracterisa a Italia, em opposição com os outros paizes da Europa, é que nella esse movimento não foi puramente a obra dos eruditos, mas se reflectiu nas camadas populares.

6. Tradição classica no povo

Na alma do povo italiano a tradição classica nunca se apagou de todo. Um grande numero de lendas se condensa em torno de alguns nomes celebres como o de Virgilio, como o de Trajano. Prégara-se em latim até ao tempo de S. Francisco e de Santo Antonio. Nas deliberações politicas fallava-se ainda ao povo em latim no seculo XIII; os homens de negocios e os jurisconsultos fallavam correntemente essa lingua, em que o povo cantava muitas poesias.

Os *clerici vagantes,* estudantes de *tuna* ou *goliardos* saidos, nos seculos XII e XIII de Italia e principalmente da Lombardia, percorriam a Europa inteira afrontando as crenças medievaes, glorificando os escriptores antigos, Juvenal, Horacio, Vergilio.

7. Reacção e fusão das correntes litterarias medievaes

Os diversos paizes romanicos e germanicos possuiam todos os elementos proprios, nacionaes, que poderiam ter servido de base a uma litteratura organica, como foi a grega, se por ventura as condições o permittissem.

Assim na Allemanha achamos cantos epicos de caracter perfeitamente popular nos seculos VIII e IX e mais tarde epopeas nacionaes desenvolvidas *(Niebelungenlied, Gutrun);* na Hespanha houve uma elaboração epica original em que a materia foi ministrada principalmente pela memoria das luctas da reconquista, e elaboração dos romances; a Inglaterra, teve entre outros monumentos em que a influencia estranha é de pouca ou nenhuma consideração, a epopea *Beowulf;* mas a lyrica provençal, a epopea franceza, as tradições biblicas, as fabulas e contos orientaes (vid. p. 10), e a influencia da antiguidade veem

reagir sobre esses elementos nacionaes, ministrando ás diversas litteraturas bases de desenvolvimento commum. As differenças, resultantes do genio de cada nação subordinam-se a tendencias geraes e essa subordinação vae crescendo com o desenvolvimento da civilisação. O renascimento dos estudos classicos, que irradia da Italia, é um dos mais fortes agentes que fomentam a unificação intellectual da Europa, unificação que, nos seus traços essenciaes, pode dizer-se realisada em os nossos tempos.

Estudando na terceira parte d'este curso a litteratura portugueza, veremos como nella se veem reflectir, de modo mais ou menos accentuado, todos os movimentos litterarios dos outros paizes da Europa.

BIBLIOGRAPHIA

1. Litteratura antiga

Albrecht Weber. *The History of Indian Literature.* Translated from the German by John Mann. London, 1878. 8.º

August William Schlegel. *A Course of Lectures on Dramatic Art and Literature.* Translated by John Black. London, 1861.

Fr. Schlegel. *History of Literature, Ancient and Modern.* Now first completely translated. London. 8.º (Antiquado, mas util pelo conjuncto e muitas ideias.)

Édélestand du Méril. *Histoire de la comédie. Période primitive.* Paris, 1864. 8.º

William Smithe. *Dictionary of greek and roman Mythology and Biography.* 3 vols. 8.º London.

Alexis Pierron. *Histoire de la littérature grecque.* Paris, 1857. 18.º—*Histoire de la littérature romaine.* Paris, 1857. 18.º

Otfried Müller. *Histoire de la littérature grecque jusqu'à Alexandre le Grand.* Trad. etc. por K. Hillebrand. 3 vols. Paris, 1866. 8.º

G. Bernardy. *Grundriss der Griechischen Literatur.* 4te Bearbeitung. 2 Partes em 3 vols. Halle, 1876. 8.º

W. S. Teuffel. *Geschichte der römanischen Literatur*. Leipzig, 1875. 8.º (Ha uma trad. franc. *Histoire de la littérature romaine*, ainda não completa.)

A. Kirchhoff. *Die homerische Odyssee*. Berlin, 1879, 8.º Para a questão homerica vid., entre outros, ainda: KARL MULLENHOFF, *Deutsche Alterthumskunde*. 1 vol. Berlin, 1870. 8.º — H. STEINTHAL, *Ueber Homer und insbesondere die Odyssee*, em *Zeitschrift für Völkerpsychologie*. Bd. VII.

Patin. *Études sur les tragiques grecques*. 4 vols. Paris, 1866. 18.º

Guillaume Guizot. *Ménandre. Étude historique et littéraire sur la comédie et la société grecques*. Paris, 1866. 18.º

Villemain. *Tableau de l'éloquence chrétienne au IVe siècle*. Paris, 1855. 18.º

2. Litteratura medieval e moderna, excepto a portugueza

F. Diez. *Die Poesie der Troubadours*. Zwickau, 1827, 8.º (Ha uma trad. franc. por o barão Ferdinand de Roisin.) — *Leben und Werke der Troubadours*. Ibid., 1829. 8.º — *Essai sur les cours d'amour*, trad. etc. par le baron Ferdinand de Roisin. Paris, 1842, 8.º

C. Fauriel. *Histoire de la littérature provençale*. 3 vols. Paris, 1847. 8.º

Gaston Paris. *Histoire poétique de Charlemagne*. Paris, 1865, 8.º

Léon Gautier. *Les épopées françaises*. 3 vols. Paris, 1865-1868. 8.º (Ha segunda ed. do 1.º vol.)

Victor Le Clerc et **Ernest Renan.** *Histoire littéraire de la France au XIVe siècle*. 2e éd. 2 vols. Paris, 1865. 8.º

Émile Gebhart. *Les origines de la Renaissance*. Paris, 1879. 8.º

George Ticknor. *History of Spanish Literature.* 3 vols. London, 1863. 8.º (Ha uma edição posterior e traducções valiosas em allemão e hespanhol; a franceza é defeituosa.)

Ferdinand Wolf. *Studien zur Geschichte der spanischen und portugiesischen Nationalliteratur.* Berlin, 1859. 8.º

H. Taine. *Histoire de la littérature anglaise.* 5 vols. Paris, 1866-69. 18.º

W. Scherer. *Geschichte der deutschen Literatur* (em publicação).

INDEX

PREFAÇÃO ..... V-XII

INTRODUCÇÃO

1. *Litteratura* 1-2
2. *Historia da litteratura* 3-4
3. *As litteraturas europeas e as orientaes* 4-10

Egypto (5). Assyria (5-6). Palestina (6). China (6-7). India (7-9). Persia (9). Influencia das litteraturas orientaes sobre as europeas (9-10).

SECÇÃO I

Litteratura grega

1. *Preliminares:*
   a) Origem e caracter dos gregos 11-13
   b) A religião e a civilisação hellenicas 13-14
   c) Divisão da historia da litteratura grega... 14-15
   d) Dialectos gregos 15-17

2. *Primeiro periodo:*
   a) Poesia primitiva dos gregos *(lino, pean, threno, hymeneo, hymno)*..... 17-19

b) Poetas mythicos 19-21
Eumolpo (19). Orpheu (19-20). Oleno (20). Museu (20). Thamyris (20-21).
c) Outros generos litterarios primitivos *(proverbios, enigmas, contos)* 21

3. *Segundo periodo* (cerca de 1000 a 490 a. Chr.):
a) Divisões 21-22
b) Poesia epica 22-29
Factos historicos que determinam a formação epica (22-24). Homero (24-25). Opiniões ácerca da formação da *Iliada* e da *Odyssea* (25-26). Formação da *Iliada* (26-27). Formação da *Odyssea* (27). Hymnos homericos (27-28). Aedos e rhapsodos (28). *Batrachomyomachia* (28). Poetas cyclicos (28-29). Metro epico. Recitação (29).
c) Poesia hesiodica 29-31
Caracter geral (29-30). Hesiodo (30-31).
d) Poesia elegiaca, jambica e epigrammatica 31-38
Caracteres geraes (31-32). Especies de elegia (33). *Jambo, parodia, choliambo* (34). *Epigramma* (35). Archiloco de Paros (35). Callino d'Epheso (36). Simonides de Amorgos (36). Tyrteu (36-37). Mimnermo (37). Solon (37). Hipponax (38).
e) Poesia melica 38-50
Caracteres geraes (38-41). Estrophe, antistrophe, epodo (38-39). Differenças da melica dorica e eolica (39-41). Especies da melica *(peau, ñomo, hyporchema, hymno, prosodia, parthenia, scolio, encomio, epithalamio, canto erotico, threno, epicedio, dithyram-*

bo (41-44). Phases do dithyrambo (Arion, Laso, choregia) (44-46). Melicos eolios (Alceu, Sappho, Ibyco, Anacreonte) (46-47). Melicos dorios (Terpandro, Alcman, Stesichoro (47-49). Cantores da melica universal (Simonides de Ceos, Pindaro) (49-50).

f) Começo da litteratura prosaica..... 50-52
Pherecydes, Thales, Pythagoras (51). Primeiros ensaios historicos (Cadmo de Mileto, Hecateo, logographos) (52).

4. *Terceiro periodo* (490-366 a. Chr.):
a) Caracteres d'este periodo..... 52-53
b) A tragedia..... 53-60
Origens (53-54). Primeiros tragicos (Epigeno, Thespis, Phrynicho, Cherilo, Pratinas) (54-56). Os grandes tragicos (Eschylo, Sophocles, Euripides) (56-59).
c) A comedia..... 60-63
Origens da comedia (60). Susarion (60). Epicharmo, Phormis (61). Divisão da historia da comedia (antiga, media e nova) (61). Aristophanes (61-62). A comedia media (62-63).
d) Historiographia..... 63-65
Herodoto (63). Thucydides (64). Xenophonte (64-65).
e) A eloquencia..... 65-67
Antiphon (65). Lysias e Isocrates (66). Eschines (67). Demosthenes (67).
f) Outros generos cultivados no terceiro periodo..... 68
Philosophia, sciencia. Platão. Aristoteles.

5. *Quarto periodo* (336 a 30 a. Chr.):
a) Caracter geral d'este periodo 68-69
b) A comedia nova 69-70
Menandro (70).
c) Poesia bucolica e siciliana 70-71
Origens (70). Theocrito (70-71).
d) Escola d'Alexandria 71-72
e) Escriptores diversos 72-73
Polybio (72). Strabão (73).

6. *Ultimos periodos* 73

SECÇÃO II

Litteratura romana

1. *Preliminares:*
a) Origem e caracter dos romanos 75-76
b) A religião romana 76-77
c) Origens litterarias de Roma 77-81
A escripta (77). Verso saturnino (78). Antigas inscripções (78-79). Cantos populares (79). *Fescenninas* (80). *Saturas* (81). *Atellanas* (81).
d) Divisão em periodos 81-83

2. *Primeiro periodo* (280-84 a. Chr.):
a) Poetas 83-86
Livio Andronico (83). Cneo Nevio (83-84). F. Maccio Plauto (84). Q. Ennio (84-85). Publio Terencio (85). C. Lucilio (85). L. Accio (85-86).
b) Prosadores 86-87
Q. Fabio Pictor (86). M. Porcio Catão (86). Gaio Graccho (87). Nevio e L. Pomponio (87). *Rhetorica ad C. Herennium* (87).

2. *Segundo periodo:*
a) Primeira epocha..... 88-95
M. Terencio Varrão (88-89). Q. Hortencio Hortalo (89). M. Tullio Cicero (89-92). C. Julio Cesar (92-93). Cornelio Nepos (93). T. Lucrecio Caro (93). C. Sallustio Crispo (94). C. Valerio Catullo (94-95).
b) Segunda epocha..... 95-101
P. Vergilio Marão (95-97). Q. Horacio Flacco (98-99). Albio Tibullo, Sexto Propercio (99). P. Ovidio Nasão (99-100). Tito Livio (100-101). Trogo Pompeu (101).

4. *Terceiro periodo:*
a) Caracter geral d'este periodo..... 101-102
b) Principaes escriptores..... 102-107
L. Anneo Seneca (103). M. Anneo Lucano (103). Silio Italico (103). P. Papinio Stacio (104). M. Valerio Marcial (104). D. Junio Juvenal (104). Cornelio Tacito (104-105). Litteratura christã-latina (Minucio Felix, Tertulliano, Lactancio, S. Jeronymo, Santo Agostinho, Santo Ambrosio, S. Damaso, Aurelio Prudencio) (105-107).

SECÇÃO III

Lance d'olhos sobre a litteratura medieval

1. Factos capitaes..... 109-110
2. Litteratura christã-latina..... 110-111
Isidoro de Sevilha (111).
3. Poesia lyrica provençal..... 111-113

4. Poesia epica franceza..... 113–116
Cyclo carolingio (114). Cyclo da Tavola-redonda (115). Cyclo hellenico-romanico (115–116).
5. O renascimento em Italia..... 116–121
Dante (119). Petrarcha e Boccacio (120–121).
6. Tradição classica no povo..... 121–122
7. Reacção e fusão das correntes litterarias medievaes..... 122–123

Bibliographia..... 125–127

ERRATA

Pag. 9, lin. 12, lêde *X* em vez de *XII*. — P. 41, lin. 22, l. *ligadas* em vez de *ligados*. — P. 46, lin. 10, l. *eolios* em vez de *dorios*. — P. 68, lin. 1, l. *terceiro* em vez de *quarto*.

Facil será corrigir algum outro erro do mesmo genero.

Magalhães & Moniz—Editores

LARGO DOS LOYOS, 12—PORTO

Visconde de Villa Maior

O Douro Illustrado, album do rio Douro e paiz vinhateiro, contendo: introducção historica e descriptiva do paiz vinhateiro, descripção das principaes quintas e dos trabalhos vinicolas usados no Douro, nota sobre o commercio dos vinhos do Porto, serviço e trabalho dos armazens; 1 volume com 24 vistas e 2 mappas, encadernado..... 7$000

Ramalho Ortigão

Banhos de Caldas e Aguas mineraes de Portugal, 1 volume com 10 vistas e desenhos de phantasia ..... 1$000

As Praias de Portugal, 1 volume com 10 vistas e desenhos de phantasia..... 1$000

João de Deus

Flores do Campo, 1 volume..... 600

Folhas Soltas, 1 volume 600

Rangel de Lima

Dramas e Comedias—1.º volume: «A pedra de escandalo». «Casas, criados e agiotas».—2.º volume: «A condessa do Freixial». «Como se enganam mulheres», cada um..... 500

David Livingstone

Viagens de exploração no Zambeze e na Africa Central, traducção de Julio Gama, 1 volume..... 400

Theophilo Gautier

Magdalena de Maupin, traducção de Francisco Gomes de Souza, 1 volume..... 600

Alberto Pimentel

Photographias de Lisboa, 1 volume..... 300

Julio Lourenço Pinto

A Vida Atribulada, scenas da vida contemporanea, 1 volume..... 500
O Senhor Deputado, 1 volume..... 500

Alberto Braga

Contos d'Aldeia, 1 volume..... 500
Contos da minha lavra, 1 volume..... 500
Novos Contos, 1 volume..... 500

Antonio Candido

Orações funebres, 1 volume..... 500

Rodrigues de Freitas

O Portugal Contemporaneo do sr. Oliveira Martins, 1 volume..... 200
Elementos de escripturação mercantil. 1 vol..... 600

***

Camoneana academica, Junho 1881. 1 vol..... 500

Teixeira Bastos

Ensaios sobre a evolução da humanidade. Estudos de sociologia. 1 volume..... 500

Augusto Malheiro Dias

A Pauta das alfandegas nas suas relações com as industrias, o commercio, a fazenda publica e o consumidor. 1 volume..... 300

Theophilo Braga

Sciencia das religiões. Origens poeticas do Christianismo. 2 volumes ..... 1$000
Manual da historia da litteratura portugueza. 1 v. 600
Antologia portugueza. Trechos selectos coordenados sob a classificação dos generos litterarios. 1 vol... · 600

Theophilo Braga e Julio de Mattos

O Positivismo. Revista de philosophia. 3 volumes 7$500
Está no prélo o 4.º anno e custa, por assignatura, 2$250.

R. Jorge, M. Arthur e C. de Pinho

Revista scientifica. 1.º anno. Por assignatura..... 2$250

Julio de Mattos

Historia natural illustrada. 54 fasciculos a 200 reis. A obra completa, 6 vols. ou 90 fasciculos, custará... 18$000
A ultima reforma da instrucção secundaria. 1 vol. 100

B. Moreira de Sá

Guia de correspondencia e escripturação commercial. 1 volume..... 1$200
Selecta franceza para uso dos lyceus, annotada. 1 volume..... 1$000

A. J. Ferreira da Silva

Noções de chimica elementar, primeira parte: *Noções geraes.* 1 volume..... 360

Z. Consiglieri Pedroso

Compendio de historia universal, para uso dos lyceus. 1 volume..... 1$000

Amaral Cirne Junior

Resumo da historia da pedagogia. 1 vol..... 400

A. Epiphanio da Silva Dias

Eutropius, annotado, para uso das escólas. 3.ª edição. 1 volume 400

Grammatica portugueza elementar, approvada pela junta consultiva de instrucção publica. 4.ª ed. rev. 300

Sulpicii Severi, chronica, com annotações, para uso das escólas. 1 volume 300

A. Epiphanio e Von Hafe

Grammatica franceza, para uso das escólas. 3.ª edição. 1 volume..... 700

João Diniz

Novo livro de leitura para as escólas primarias de Portugal e do Brazil (illustrado). 1 vol. Br. 400. Enc. 540

Elias Fernandes Pereira

Guia dos exames de admissão, seguida de uma collecção de figuras para o estudo do desenho. 6.ª ed. 1 vol. 400

A arithmetica dos lyceus, redigida em harmonia com o programma official. 1 volume..... 700

Julio G. Moreira

Elementos de desenho geometrico, elaborados conforme o programma official. 1 volume 250

Grammatica da lingua ingleza, 1 volume 600

C. Julii Cæsaris, commentarii de Bello Gallico. 2.ª edição. 1 volume..... 300

Ollendorff

Methodo para aprender a ler, fallar e escrever a lingua franceza em seis mezes. 4.ª edição, muito melhorada. 2 volumes..... ..... 1$000

Methodo para aprender a lêr, fallar e escrever em seis mezes a lingua franceza (trad. dos themas). 1 vol. 400

F. Adolpho Coelho

Tratado da pronuncia franceza, complemento do Methodo Ollendorff. 1 volume.. 400

A Lingua portugueza, noções de glottologia. 1 vol. 400

Noções de litteratura antiga e medieval, como introducção á litteratura portugueza. 1 vol..... 400

***

Conversação parisiense, collecção de dialogos. 1 volume cart..... 600

Amaral Cirne Junior e Patricio T. Alvares Ferreira

Exposição elementar do systema legal de medidas portuguezas, com gravuras elucidativas do texto. 1 vol. 250

Prospero Pichard

Doutrina do Real. Catecismo para uso dos que não se contentam com palavras. 1 volume..... 400

A. M. Gomes

Lições de leitura manuscripta, em lettra variada. 1 volume..... 200

Collecção de trechos, em prosa e verso, extrahidos dos melhores escriptores contemporaneos. 1 volume encadernado..... 500

A. Ribeiro da Costa e Almeida

Curso elementar de philosophia, comprehendendo todas as materias do programma official para o ensino nos lyceus. 3.ª edição, emendada e acrescentada com resumos de todas as partes do curso. 1 vol..... 1$600

Collegio de Campolide